



Emilio Salgari

*O Corsário
Negro*

EXILADO
LIVROS

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

O Corsário Negro
Emilio Salgari

***Título original: Il Corsaro
Nero***

1

Os piratas da Ilha das Tartarugas

Uma voz forte, de vibração metálica, retumbara nas trevas, lançando esta frase ameaçadora:

- Homens da canoa! Alto ou meto-os a pique!

Uma pequena embarcação, tripulada apenas por dois homens, avançava lentamente por sobre as ondas negras, fugindo da costa que mal se divisava na linha do horizonte, como se daquela banda temesse algum perigo grave; subitamente, parou.

Os dois marinheiros, colhendo os remos a toda a pressa, ergueram-se como que movidos por um só impulso, olhando inquietos para a frente e fitando uma grande sombra, que parecia emergir inesperadamente das ondas.

Teriam ambos quarenta anos, mas as linhas angulosas das suas feições denotavam energia, mais acentuada ainda pela barba espessa e hirsuta.

Dois enormes chapéus de feltro, em mais de uma parte furados e de abas esfarrapadas, cobriam-lhes a cabeça; camisas de flanela, rotas, desbotadas e sem mangas, deixavam a descoberto os peitos robustos; na cintura faixas vermelhas no mesmo estado miserável, mas segurando um par dessas pistolas pesadas que se usavam no fim do século XVI. Rotos eram também os calções, mostrando as pernas, como os pés descalços, sujos de lama negra.

Esses dois homens, ao verem a grande sombra que se destacava claramente no fundo azul-escuro do horizonte em meio do cintilar das estrelas, trocaram entre si um olhar impaciente.

- Cuidado, Carmaux - disse o que parecia mais moço. - Olha bem, tu que tens a vista mais aguda do que eu. Sabes que se trata de um caso de vida ou de morte.

- Vejo que é um navio: e, se bem que não esteja a mais de três tiros de pistola, não posso verificar se vem da ilha das Tartarugas ou de alguma colónia espanhola.

- Serão amigos?. . Hum! Atreveram-se a vir até aqui, quase debaixo dos canhões dos fortes, com risco de encontrar alguma esquadra de alto bordo, escoltando algum galeão carregado de ouro!...

- Seja como for, já nos viram, e não nos deixarão fugir. Se o tentássemos, bastaria um tiro de metralha para nos mandar para os peixinhos.

A voz que se ouvira a principio, potente e sonora, ecoou segunda vez nas trevas, perdendo-se ao longe nas águas do grande golfo.

- Quem vive?

- O demónio - bradou o que se chamava Wan Stiller.

O companheiro, porém, levantou-se do banco e, com voz possante, bradou:

- Quem ousa perguntar de que terra vimos? Se a curiosidade vos devora aproximem-se de nós, que vos receberemos a tiros de pistola.

Semelhante bravata, em vez de irritar o homem que interrogava do cima da ponte do navio, pareceu regozija-lo, porquanto respondeu:

- Os valentes avançam e vêm abraçar os irmãos da costa.

Os dois homens da canoa soltaram um grito de alegria.

- Os irmãos da Costa! - exclamaram.

Depois, o que se chamava Carmaux acrescentou:

- O mar me engula se não conheço a voz que nos dá tão boa nova.

- Quem julgas que seja? - perguntou o companheiro, que havia retomado o remo, manobrando-o com supremo vigor.

- De entre todos os valentes da ilha das Tartarugas só um homem é capaz de vir aqui, sem temer os fortes dos espanhóis.

- Quem?

- O Corsário Negro!

- Com mil trovões!... Ele!... Ele próprio!...

- Que triste nova para esse audaz marinheiro!... - murmurou Carmaux, dando um suspiro. - Vem encontrá-lo morto...

- Esperava chegar a tempo de o arrancar vivo das mãos dos espanhóis, não é verdade, amigo?

- Exacto, Wan Stiller.

- E é o segundo que lhe enforcam!

- O segundo, sim. Dois irmãos e ambos pendurados na forca infame!...

- Mas ele vingar-se-á, Carmaux.

- Creio-o bem, e estaremos com ele. O dia em que eu vir estrangulado aquele maldito governador de Maracaibo será o mais feliz de toda a minha vida e então estafarei as duas esmeraldas que trago cosidas nas calças. Serão, pelo menos, duas mil piastras que eu comerei com os camaradas.

- Ah!... Repara! Não to dizia eu? É o navio do Corsário Negro!

O navio, que pouco antes se não podia distinguir bem por causa da densa escuridão, estava agora apenas à distância de meia amarra da pequena embarcação.

Era um desses navios de corso que os corsários da ilha das Tartarugas adoptaram para dar caça aos grandes galeões espanhóis, que traziam para a Europa os tesouros da América Central, do México e das regiões equatoriais.

Tinha extenso velame e mastreação alta, para aproveitar a mais ligeira brisa; carena estreita, a proa e a popa altíssimas, como se usava nessa época, e estava fortemente armado.

O navio corsário pôs-se à capa, à espera da canoa, mas à proa viam-se, à luz de um farol, dez a doze homens armados de espingardas e prontos a fazer fogo à menor suspeita.

Os dois marinheiros da canoa, que já estavam perto do costado do navio, colheram um cabo que lhes atiraram juntamente com uma escada de corda; prenderam a pequena embarcação, recolheram os remos e com uma destreza surpreendente saltaram para cima da coberta.

Dois homens armados apontaram-lhes as espingardas, enquanto um terceiro projectava com uma lanterna um jacto de luz sobre os recém-chegados.

- Quem sois? - perguntou-lhes.

- Por Belzebu, meu patrão! - exclamou Carmaux. - Já se não conhecem os amigos?...

- Um tubarão me coma se este não é o biscainho Carmaux! - disse o homem da lanterna. - Como estás vivo, se na ilha das Tartarugas te julgavam morto?... Espera!...

Outro ressuscitado! Tu não és o hamburguês Wan Stiller?

- Em carne e osso.

- Também escapaste do barão?

- A morte não quer nada comigo: e espero ainda viver alguns anos.

- E o chefe?

- Silêncio! - disse Carmaux.

- Podes falar. Morreu?

- Bando de corvos!... Ainda não acabastes de grasnar?... - Gritou a voz metálica que havia lançado a frase ameaçadora aos dois homens da canoa.

- Com mil trovões!... O Corsário Negro!... - exclamou Wan Stiller, sentindo um calafrio.

Carmaux, erguendo a voz, respondeu:

- Eis-nos, comandante!

Um homem tinha descido então da ponte de comando e dirigia-se para eles, tendo a mão apoiada na coronha de uma pistola que trazia à cintura.

Vestia completamente de preto e com uma elegância pouco habitual entre os corsários do grande golfo do México, os quais se contentavam com um par de calções e uma camisola, e cuidavam mais das suas armas do que do seu traj e.

Envergava um belo casaco de seda preta, adornado de alamares de cor igual, com guarnições de pele também preta, apertados por uma larga faixa franjada, altas botas de montar, e na cabeça grande chapéu de feltro adornado com comprida pluma, que pendia até aos ombros.

O aspecto desse homem tinha, como o seu vestuário, o que quer que fosse de fúnebre, com o seu rosto pálido, quase marmóreo, sobressaindo estranhamente por entre a gola e as largas abas do chapéu, e adornado com uma barba curta, negra, ligeiramente encrespada.

Era, porém, de belas feições: nariz regular, lábios pequenos e rubros, fronte espaçosa, sulcada por um ligeiro vinco, que lhe dava um não sei quê de melancólico, olhos mais negros que o carvão, de talho perfeito, vivos e animados por um brilho tal que em certas ocasiões infundia pavor aos mais intrépidos piratas de todo o golfo.

A estatura elevada, o porte elegante e a mão aristocrática denunciavam, à primeira vista, o homem de elevada condição social e principalmente dado ao comando.

Os dois homens da canoa, ao verem-no aproximar-se, olharam-se com certa inquietação, murmurando:

- O Corsário Negro.

- Quem sois e de onde vindes? - perguntou-lhes o corsário, parando diante deles e tendo sempre a mão direita na coronha da pistola.

- Somos dois corsários da ilha das Tartarugas, dois irmãos da Costa! - respondeu Carmaux.

- E vindes?

- De Maracaibo.

- Sois dos que escaparam das mãos dos espanhóis?

- Sim, comandante.

- A que navio pertencestes?

- Ao do Corsário Vermelho.

O Corsário Negro, ao ouvir aquele nome, deu um salto, depois ficou silencioso por algum tempo, olhando para os dois corsários com os seus olhos coruscantes.

- Ao navio do meu irmão! - disse depois, com um tremor na voz.

Bruscamente, agarrou Carmaux por um braço e conduziu-o à popa, levando-o quase à força.

Chegando à ponte de comando ergueu a cabeça para um homem que estava perfilado, como se esperasse alguma ordem, e disse-Lhe:

- Navegai sempre ao largo, Morgan! Os homens mantêm-se a postos e os artilheiros com as mechas acesas, e avisai-me de tudo o que suceder.

- Sim, comandante - respondeu o outro. - Não se aproximará nenhum navio ou lancha sem que sejais prevenido.

O Corsário Negro desceu, levando Carmaux sempre seguro pelo braço.

Entrou num pequeno camarote mobilado com elegância e iluminado por uma lâmpada doirada, não obstante a bordo do navio corsário ser proibido ter luz acesa depois das nove horas da noite; e, indicando uma cadeira, disse simplesmente:

- Agora podes falar.

- Estou às vossas ordens, comandante.

Em vez de interroga-lo logo o corsário pôs-se a fita-lo, de braços cruzados no peito. Tornou-se mais pálido, quase livido, enquanto o peito se dilatava com os contínuos suspiros.

Duas vezes abriu a boca para falar, outras tantas a cerrou, como temendo fazer alguma pergunta cuja resposta o aterrasse. Finalmente, fazendo grande esforço, interrogou com a voz quase sumida:

- Mataram-no, não é verdade?

- A quem?

- A meu irmão, aquele a quem chamavam o Corsário Vermelho.

- Sim, comandante - respondeu Carmaux, dando um suspiro. - Mataram-no, como mataram o outro irmão, o Corsário Verde.

Um grito rouco, que tinha alguma coisa de selvagem, mas ao mesmo tempo dilacerante, rompeu dos lábios do Corsário Negro.

Carmaux viu-o empalidecer horrivelmente e levar a mão ao coração; depois cair prostrado numa cadeira, encobrindo o rosto com as largas abas do chapéu.

O Corsário manteve-se nessa atitude alguns minutos, durante os quais o marinheiro da canoa o ouvia soluçar; depois ergueu-se como que envergonhado de semelhante fraqueza. A tremenda emoção que dele se apoderara havia passado completamente; o rosto recuperou a habitual tranquilidade; a fronte já era serena,

deixando de mostrar essa cor marmórea do principio, mas os olhos irradiavam como uma luz tétrica, que infundia terror. Deu duas voltas ao camarote, como se quisesse tranquilizar-se por completo antes de continuar o diálogo, e em seguida tornou a sentar-se, dizendo:

- Receei chegar tarde, mas resta-me a vingança. Fuzilaram-no?
- Enforcado, senhor.
- Estás bem certo disso?
- Vi-o com os meus próprios olhos suspenso de uma forca levantada na Praça de Granada.
- Quando o mataram?
- Hoje mesmo, depois do meio-dia.
- Morreu, então?
- Como um valente, senhor. O Corsário Vermelho não podia morrer de outra maneira.
- Continua.
- Quando o laço lhe apertava a garganta teve ainda coragem para escarrar na cara do governador.
- Desse cão de Wan Guld?
- Sim, desse duque flamengo.
- Ainda ele! Sempre ele!... Jurou-me um ódio feroz. Um irmão morto traiçoeiramente e dois enforcados por ele!..
- Eram os dois Corsários mais destemidos do Golfo, senhor, e é natural que os odiasse.
- Mas resta-me a vingança! - bradou o Corsário com voz terrível.
- Não morrerei sem primeiro ter exterminado esse Wan Guld e toda a sua familia, e reduzido a cinzas a cidade que ele governa. Maracaibo!, tens-me sido fatal, mas eu ser-te-ei mais fatal a ti. Ainda que seja preciso apelar para todos os Corsários das Tartarugas e para todos os bucaneiros de São Domingos e de Cuba, não te deixarei pedra sobre pedra! Agora fala, amigo, narra-me tudo o que se passou. Como vos prenderam?
- Não nos apanharam pela força das armas: ao contrário, surpreenderam-nos à traição quando estávamos inermes, comandante. Como sabeis, vosso irmão dirigia-se a Maracaibo, para vingar a morte do Corsário Verde, pois, como vós, tinha jurado

enforçar o duque flamengo. Éramos oitenta, todos decididos a qualquer eventualidade, ainda mesmo a afrontar uma esquadra: mas não tínhamos contado com o mau tempo. Na embocadura do golfo de Maracaíbo surpreendeu-nos uma tremenda tempestade, lançou-nos sobre um baixio e as ondas furiosas despedaçaram-nos a embarcação. Somente vinte e seis, ao cabo de grandes fadigas, conseguiram ganhar terra. Estávamos todos em condições deploráveis para oferecer a menor resistência, e não tínhamos armas de espécie alguma. Vosso irmão animava-nos e guiava-nos lentamente através dos pântanos, receoso de que os espanhóis nos tivessem avistado e comesçassem a seguir-nos. Julgávamos poder encontrar refúgio seguro na floresta quando caímos numa emboscada. Trezentos espanhóis, comandados pelo próprio Wan Guld, caíram sobre nós e meteram-nos num círculo de ferro: mataram os que lhes ofereceram resistência e levaram os outros como prisioneiros para Maracaíbo.

- E meu irmão era desse número?

- Era, comandante. Apesar de ter como arma apenas um punhal, defendeu-se como um leão, preferindo morrer no combate a morrer na forca: mas o flamengo tinha-o reconhecido, e em vez de o matar com um tiro ou à espada, poupou-lhe a vida. Conduzidos a Maracaíbo, depois dos muitos maus tratos que nos deram os soldados e de sermos injuriados pela população, condenaram-nos à forca. Ontem de manhã, porém, eu e o meu amigo Wan Stiller, mais felizes do que os nossos companheiros, resolvemos fugir, estrangulando a sentinela que nos guardava. Da cabana de um índio, perto da qual nos refugiávamos, assistimos à morte de vosso irmão e dos nossos infelizes companheiros; depois auxiliados por um negro, embarcámos numa canoa, decididos a atravessar o golfo do México e irmos até à ilha das Tartarugas. Eis tudo, comandante.

- E meu irmão morto, morto?... - disse o Corsário Negro com terrível calma.

- Vi-o eu morrer como vos estou vendo agora.

- E ainda estará suspenso na forca?

- Lá permanecerá três dias.

- E depois, será atirado para qualquer fossa?

- Com certeza, comandante.

O Corsário ergueu-se e aproximou-se de Carmaux.

- Tens medo?... - perguntou-lhe, com estranha expressão.

- Nem do próprio Belzebu, comandante.

- Então não temes a morte?

- Não.

- Seguir-me-ás?

- Para onde?

- Para Maracaíbo.

- Quando?

- Esta noite.

- Vai-se dar assalto à cidade?

- Não, por ora não estamos em número suficiente: mas Wan Guld terá mais tarde notícias minhas. Iremos nós dois e o teu companheiro.

- Sozinhos? - perguntou Carmaux, com assombro.

- Nós apenas.

- Mas que pretendeis fazer?

- Ir buscar o corpo de meu irmão.

- Cuidado, comandante! Arriscar-vos-eis a que vos enforcem também.

- Sabes quem é o Corsário Negro?

- Raios e coriscos! É o Corsário mais arrojado da ilha das Tartarugas.

- Vai então esperar-me no convés e manda preparar uma lancha.

- É desnecessário, capitão, temos a nossa canoa, verdadeira embarcação de corso.

- Vai!

2

EXPEDIÇÃO AUDACIOSA

Carmaux apressara-se em obedecer, sabendo quanto era perigosa qualquer hesitação com o terrível Corsário.

Wan Stiller esperava-o diante da escotilha em companhia do mestre da tripulação e de alguns Corsários, que o interrogavam acerca do trágico fim do Corsário Vermelho e da sua tripulação, mostrando todos terríveis propósitos de vingança contra os espanhóis, especialmente contra o governador.

Quando o hamburguês soube que se devia preparar a canoa para fazer um giro na costa, da qual se haviam afastado precipitadamente e por verdadeiro milagre, não pôde ocultar o seu assombro e apreensão.

- Voltar? - exclamou. - Vamos lá deixar a pele, Carmaux.

- Qual!... Desta vez não iremos sós.

- Quem nos acompanha?

- O Corsário Negro.

- Então não tenho receio. Esse homem diabólico vale por cem Corsários.

- Mas irá só.

- Não importa, Carmaux, com ele nada há que temer. E voltaremos a Maracaibo?...

- Sim, meu caro, e seremos uns bravos se levarmos a cabo a empresa. Mestre, mandai pôr na canoa três espingardas, munições, um par de machados de abordagem, para nós ambos, e alguma coisa de comer. Não se sabe o que poderá suceder, nem quando poderemos regressar.

- Está tudo já feito - respondeu o mestre da tripulação. - De nada me esqueci, nem do tabaco.

- Obrigado, amigo. Sois a pérola dos mestres de tripulação.
- Ei-lo - disse nesse instante Wan Stiller.

O Corsário apareceu na ponte, ainda com o seu lúgubre vestuário, mas cingia uma comprida espada e trazia na cinta um par de grandes pistolas e um desses aguçados punhais espanhóis chamados misericórdia.. No braço trazia uma grande capa, negra como o seu traje.

Aproximou-se do homem que estava na ponte de comando, e que devia ser o imediato; trocou com ele algumas palavras e depois disse laconicamente aos dois Corsários:

- Partamos.
- Estamos prontos - respondeu Carmaux.

Sentaram-se os três na canoa, que havia sido levada para baixo da popa, já provida de armas e de viveres. O comandante envolveu-se na capa e sentou-se à proa, enquanto os outros dois tomaram os remos e recomeçaram com grande vigor a sua fatigante faina.

O navio Corsário apagou subitamente os faróis de posição, e, orientando o velame, pôs-se a seguir a canoa, navegando aos bordos a fim de não se adiantar a ela.

Provavelmente, o imediato queria escoltar o seu chefe até perto da costa, a fim de o proteger no caso de qualquer surpresa.

O capitão, meio estirado á proa e com a cabeça apoiada num braço, ia silencioso; mas o seu olhar de águia percorria atentamente o negro horizonte, como se buscasse descobrir a costa americana, que as trevas ocultavam.

De quando em quando voltava a cabeça para a sua embarcação, que sempre o seguia a uma distância de sete a oito amarras; depois tornava a olhar para o sul.

Wan Stiller e Carmaux remavam com toda a força, fazendo voar a leve e esbelta canoa. Nem um nem outro pareciam preocupados com a ideia de voltar à costa povoada por inimigos implacáveis, tal era a confiança que tinham na audácia e valentia do Corsário, tão temido que bastava apenas o seu nome para espalhar o terror por toda a costa marítima do grande golfo mexicano.

O braço de mar de Macaraibo, sendo liso como um espelho, permitia à veloz embarcação avançar sem fadiga para os dois remadores. Naquele sitio, apertado entre dois cabos de costas escarpadas, que o protegem da larga ondulação do grande golfo, não há águas-vivas, de modo que é raro que ali dentro se agitem grandes vagas.

Os dois Corsários afanavam-se havia já uma hora quando o Corsário Negro, que até então tinha mantido uma imobilidade quase absoluta, se pôs repentinamente de pé, como se quisesse alcançar com a vista maior horizonte.

Uma luz, que se não podia confundir com uma estrela, brilhava à flor da água, ao sudoeste, e com intervalos de um minuto.

- Maracaibo! - disse o Corsário com voz cava, traído pelo impeto de um furor surdo.

- Sim - respondeu Carmaux, que se havia voltado.

- A que distância estaremos?

- Umas três milhas, capitão.

- Então chegaremos à meia-noite?

- Sim.

- Acolá anda algum cruzeiro?

- O da guarda da Alfândega.

- É preciso afastarmo-nos dele.

- Conhecemos um sitio onde poderemos desembarcar seguros e ocultar a canoa.

- Avante!

- Uma palavra, capitão.

- Fala.

- Seria melhor que o vosso navio não se aproximasse mais.

- Já virou de bordo e esperará ao largo - respondeu o Corsário.

Conservou-se silencioso por alguns momentos: e depois prosseguiu:

- É verdade que está uma esquadra ao largo?

- É verdade, comandante, a do contra-almirante Toledo, que vigia Maracaibo e Gibraltar.

- Ah!... Têm medo? Mas o Olonês está nas Tartarugas, e nós ambos metê-la-emos a pique. Tenhamos paciência alguns dias

mais, e depois Wan Guld saberá do que somos capazes.

Envolveu-se novamente com a capa, abaixou o chapéu para os olhos, depois tornou a sentar-se, com o olhar fixo no ponto luminoso que indicava o farol do porto.

A canoa prosseguiu: não mantinha, porém, a proa na direcção da embocadura de Maracaibo, querendo evitar o cruzeiro da guarda da Alfândega, a qual não deixaria de a obrigar a parar e de prender a tripulação.

Meia hora depois, a costa do golfo era perfeitamente visível, pois estava a cerca de três ou quatro amarras. A praia descia suavemente para o mar, toda obstruída pelos paletúvios, plantas que crescem ordinariamente na foz dos cursos de água, e que produzem febres terríveis e são causa da temível febre-amarela.

Mais além, divisava-se no fundo estrelado do céu uma luxuriante vegetação, que lançava no ar tufos de palmares com dimensões gigantescas.

Carmaux e Wan Stiller principiaram a remar com mais descanso e voltaram-se para ver a costa. Dai por diante avançaram com maior precaução, evitando fazer ruído, e olhando atentamente para todos os lados, como se temessem qualquer surpresa.

O Corsário Negro não se havia movido, mas colocou diante de si as três espingardas que o mestre da tripulação havia posto na canoa, para saudar com uma descarga a primeira lancha que ousasse aproximar-se.

Seria meia-noite quando a canoa encahava no meio dos paletúvios, escondendo-se mais de metade entre as plantas.

O Corsário ergueu-se rapidamente. Inspeccionou a costa, depois saltou em terra prendendo a canoa a um ramo.

- Deixem as espingardas - disse a Wan Stiller e a Carmaux. -
Têm pistolas?

- Sim, capitão - respondeu o hamburguês.

- Sabeis onde estamos?

- A dez ou doze milhas de Maracaibo.

- A cidade fica situada por detrás deste bosque?

- Na margem desta mata gigante.

- Poderemos entrar esta noite?

- Impossível, capitão. O bosque é espessíssimo e só de manhã será possível atravessá-lo.

- Pelo que seremos obrigados a esperar até à tarde de amanhã

- Se não queremos arriscar-nos a entrar de dia em Maracaibo, não há mais remédio que esperar.

- Aparecermos na cidade seria imprudência - respondeu o Corsário, como falando para si mesmo. - Se tivesse aqui o meu navio para apoiar-nos e recolher-nos, ousá-lo-ia, mas agora navega nas águas do golfo.

Ficou alguns instantes imóvel e silencioso, como imergido em profundos pensamentos; depois prosseguiu:

- E o corpo de meu irmão? Poderemos encontra-lo ainda?

- Ficarà exposto na Praça de Granada três dias, como já vos disse - respondeu Carmaux.

- Então há tempo. Tens alguém conhecido em Maracaibo?

- Tenho; um negro que nos ofereceu a canoa para que fugíssemos. Habita na margem desta floresta e numa cabana isolada.

- Não nos trairá?

- Por ele respondo eu.

- A caminho!

Subiram a margem, Carmaux adiante, o Corsário no meio e Wan Stiller atrás, introduziram-se na floresta, indo com toda a precaução, os ouvidos à escuta e as mãos

na coronha das pistolas, porque podiam cair de um momento para o outro em alguma emboscada.

A floresta alongava-se diante deles, escura como uma imensa caverna. Troncos de todas as formas e tamanhos erguiam-se alto, sustendo folhas enormes que impediam absolutamente de ver a abóbada estrelada.

Os três piratas, mantendo o mais profundo silêncio, continuavam a sua marcha sempre precatados, porque, além dos homens havia que temer os habitantes da floresta, os sanguinários jaguares e, sobretudo, as serpentes, especialmente os jaraca, répteis venenosíssimos, que são difíceis de se distinguir de dia porque têm a pele da cor de folhas secas.

Depois de haverem percorrido duas milhas, Carmaux, que ia adiante, porque era o mais prático do lugar, parou subitamente, armando com precipitação uma das pistolas.

- Um jaguar ou um homem? - perguntou o Corsário, sem o menor receio.

- Tanto pode ser um jaguar como um espião - respondeu Carmaux. - Neste país nunca se tem a certeza de se ver o dia de amanhã.

- Por onde passou?

- A vinte passos de mim.

O Corsário abaixou-se e escutou atentamente, reprimindo a respiração. Um leve sussurro de folhas chegou até ele, mas tão débil que só um ouvido muito experimentado e agudo poderia percebê-lo.

- É possível que seja algum animal - respondeu, erguendo-se. - Não sejamos homens assustadiços. Empunhai os terçados e segui-me.

Girou em torno do tronco de uma árvore enorme que se erguia no meio das palmeiras; depois parou no meio de um grupo de folhas gigantes, escutando nas trevas.

O estalar das folhas havia cessado; contudo, aos ouvidos dele chegou um tinido e pouco depois um som seco, como se se tivesse levantado o cão de uma espingarda.

- Firmes - murmurou ele com um sopro de voz, voltando-se para os companheiros. - Aqui há alguém que nos espia e espera o momento oportuno para fazer fogo.

- Ter-nos-ão visto desembarcar? - murmurou Carmaux, com certa inquietação. - Estes espanhóis têm espias por toda a parte.

O Corsário empunhava a espada na mão direita, e na esquerda uma pistola, e procurava contornar aquele montão de folhas sem fazer o mais leve ruído. Num momento,

Carmaux e Wan Stiller viram-no lançar-se adiante e, de um salto, precipitar-se sobre uma forma humana que de improviso se havia erguido do meio de um matagal.

O assalto do Corsário foi tão rápido e impetuoso que o homem, que se havia posto de emboscada, cambaleou e caiu, ferido em

pleno rosto pelo guarda-mão da espada.

Carmaux e Wan Stiller lançaram-se sobre ele; o primeiro inclinou-se para apanhar a espingarda que o homem da emboscada havia deixado cair sem tempo para a colher; o segundo apontou a pistola, dizendo:

- Se te moves, és um homem morto.

- É um dos nossos inimigos - disse o Corsário, que se havia curvado.

- Um soldado desse maldito Wan Guld - acrescentou Wan Stiller.

- Que fazias tu emboscado neste sitio? Tenho grande interesse em o saber.

O espanhol, que estava ainda aturdido com o golpe da espada do Corsário, começava a voltar a si, tentando erguer-se.

- Caramba! - balbuciou com voz trémula. - Terei caído nas mãos do diabo?

- Adivinhaste - disse Carmaux -, já que te apraz chamar-nos assim, a nós, Corsários.

O espanhol sentiu tão forte estremecimento que Carmaux deu por ele.

- Nada de medos por ora - disse-lhe ele, rindo. - Guarda isso para mais tarde, quando dançares no ar um desordenado fandango, com um bom pedaço de corda apertado na garganta.

Depois, voltando-se para o Corsário, que em silêncio olhava para o preso, perguntou-lhe:

- Quereis que o despache com um tiro de pistola.

- Não! - respondeu o capitão.

- Preferis enforcá-lo num ramo desta árvore?

- Não!

- Talvez seja um dos que enforcaram os nossos irmãos da costa e o Corsário Vermelho, capitão.

A esta lembrança um lampejo terrível fulgurou nos olhos do Corsário Negro, mas breve se apagou.

- Não quero que morra - disse com voz cava. - Pode ser-nos mais útil vivo do que enforcado.

- Então atêmo-lo bem - disseram os dois Corsários.

Desenrolaram a faixa de lã vermelha que traziam à cinta e com ela apertaram os braços do prisioneiro sem que ele oferecesse a menor resistência.

- Agora vejamos quem és - disse Carmaux.

Acendeu um pedaço de mecha de canhão que trazia na algibeira e aproximou-a do rosto do espanhol.

O pobre diabo caído nas mãos dos temíveis piratas das Tartarugas era um homem de trinta anos, alto e magro como o seu compatriota D. Quixote, com um rosto anguloso coberto com uma barba ruiva, e de olhos garços dilatados pelo espanto.

O preso vestia uma jaqueta de pele castanha com alguns arabescos, curtos e largos calções de riscas negras e vermelhas. Calçava grandes botas de cabedal preto.

Cobria-lhe a cabeça um capacete de aço adornado com uma velha pluma, e da cintura pendia comprida espada, cuja bainha estava bastante enferrujada.

- Por Belzebu, meu patrono!.. - exclamou Carmaux, rindo. - Se o governador de Maracaibo tem destes valentes, com certeza os não sustenta a capão, pois este é mais magro do que um arenque fumado. Creio, capitão, que não vale a pena enforcá-lo.

- Eu não disse que o enforcassem - respondeu o Corsário Negro.

Depois, tocando o preso com a ponta da espada, disse-lhe:

- Agora, fala, se tens amor à pele.

- Já não conto com a pele - respondeu o espanhol. - Não se sai vivo das vossas mãos, e mesmo quando vos narrasse o que desejais saber, não ficaria com a certeza de ver o dia de amanhã.

- O espanhol tem coragem - disse Wan Stiller.

- E a sua resposta vale-lhe o perdão - acrescentou o Corsário Negro. - Vamos, falas ou não?

- Não!... - respondeu o preso.

- Prometo salvar-te a vida.

- E quem pode acreditar na vossa palavra?

- Quem... Sabes quem sou?

- Um pirata.

- Sim, mas que se chama Corsário Negro.

- Por Nossa Senhora de Guadalupe! - Exclamou o espanhol, fazendo-se lívido. - O Corsário Negro por aqui!... Viestes para exterminar-nos a todos e vingar vosso irmão, o Corsário Vermelho?

- É verdade, se não falas - respondeu o Corsário com voz cava. - Exterminar-vos-ei a todos, e de Maracaibo não ficará pedra sobre pedra!

- Por todos os santos!... Vós aqui? - repetiu o preso, que ainda não se refizera da surpresa.

- Fala!...

- Sou um homem morto: é, portanto, inútil.

- O Corsário Negro é um gentil-homem, entendes? E um gentil-homem nunca falta à palavra dada! - respondeu o capitão com voz solene.

- Então interrogai-me.

3

O PRISIONEIRO

A um sinal do capitão, Wan Stiller e Carmaux levantaram o prisioneiro e sentaram-no ao pé de uma árvore, sem todavia lhe desligarem as mãos, conquanto tivessem a certeza de que não cometeria a loucura de tentar evadir-se.

O Corsário Negro sentou-se em frente dele sobre uma enorme raiz que surgia do solo como uma serpente gigantesca, enquanto que os dois Corsários se puseram de sentinela à extremidade do matagal, não tendo bem a certeza de que o prisioneiro estivesse só.

O Corsário Negro, depois de alguns momentos de silêncio, perguntou:

- Diz-me: está ainda exposto o cadáver de meu irmão?

- Sim - respondeu o prisioneiro. - O governador ordenou que estivesse suspenso três dias e três noites antes de mandar lançar o corpo na floresta, para pasto das feras.

- Julgas possível roubar o cadáver?

- Talvez, porque de noite não há mais do que uma sentinela de guarda à Praça de Granada. Quinze enforcados não podem fugir.

- Quinze!

- Maracaibo encontra-se bem guarnecida de tropas e canhões.

Um sorriso de desprezo assomou aos lábios do feroz Corsário.

- Que nos importam a nós os canhões? - disse. - As nossas machadas de abordagem valem mais. Assim o vistes por ocasião do assalto a São Francisco de Campeche, a Santo Agostinho da Florida e em outros combates.

- Tudo isso é verdade, mas Wan Guld encontra-se bem seguro em Maracaibo.

- Ah, sim? Vê-lo-emos, quando eu me entender com o Olonês.
- Com o Olonês? - exclamou o espanhol, estremecendo de terror.
Parece que o Corsário não prestou atenção ao pavor do prisioneiro, pois lhe disse, mudando de tom:

- Que fazias neste bosque?
- Andava vigiando a praia.
- Sozinho?
- Sim, sozinho.
- Temia-se alguma surpresa da nossa parte?...
- Não o nego; tinham visto um navio suspeito cruzando o golfo.
- O meu?
- Se estais aqui, esse navio deve ser o vosso.
- E o governador apressou-se naturalmente a fortificar-se?
- Fez mais: mandou alguns fiéis a Gibraltar, para prevenir o almirante.

Desta vez foi o Corsário Negro quem sentiu um estremecimento, não de susto, mas de inquietação.

- Ah!... - exclamou, enquanto que de pálido se fazia livido. - O meu navio correrá talvez grave perigo? - Depois, erguendo os ombros, acrescentou: - Quando os navios do almirante chegarem a Maracaibo já estarei a bordo do Relâmpago.

Ergueu-se, com um assobio chamou os dois Corsários, e disse-lhes laconicamente:

- Partamos.
- E o que faremos deste homem? - perguntou Carmaux.
- Trazei-o connosco; se fugir, responderá a vossa vida pela dele.
- Raios de Hamburgo! - exclamou Wan Stiller. - Segurá-lo-ei bem pela cinta, para que não lhe dê na veneta fugir.

Puseram-se a caminho uns atrás dos outros, Carmaux adiante e Wan Stiller à retaguarda, indo atrás do prisioneiro, para não o perder de vista um só instante.

Começava a alvorecer. As trevas recuavam rapidamente ante a luz cor-de-rosa que invadia o céu e se espargia por debaixo das gigantescas árvores da floresta.

Os simios, numerosos na América Meridional, especialmente na Venezuela, despertavam, enchendo a floresta de gritos estranhos.

Também aparecia a pequena tribo dos micos, os macacos mais graciosos e ao mesmo tempo mais esbeltos e inteligentes, conquanto sejam tão pequenos que se podem meter na algibeira do colete; mais além eram bandos dos saguins encarnados, pouco maiores do que os esquilos, e adornados com uma belíssima cabeleira que os faz parecer leõezinhos; e bandos de certos quadrúmanos que têm o sestro de tudo devastar, e são o terror dos pobres plantadores...

Não faltavam as aves, que misturavam os seus gritos com os dos quadrúmanos. Por entre as grandes folhas dos pomponasse, que servem para fabricar os leves e belíssimos chapéus do Panamá, ou no meio das pequenas matas das laurências, que dão flores de activo perfume, ou sob as quaresmas, lindíssimas palmeiras de flores purpúreas, tagarelavam as pequenas maitacas, espécie de papagaios com a cabeça azul; as araras, que desde manhã até a noite e com uma constância digna de melhor causa, gritam incessantemente ará, ará; ou ainda as carpideiras, chamadas também choradeiras, porque parecem estar sempre lamentando-se.

Os Corsários e o espanhol, já habituados a percorrer as grandes florestas do continente americano e das ilhas do golfo do México, não se detiveram a admirar nem plantas, nem quadrúmanos, nem aves. Marchavam o mais depressa que podiam, buscando as passagens abertas pelas feras, ou pelos índios, com desejo de se verem fora desse labirinto de vegetais e de chegar a Maracaibo.

O capitão havia-se tornado meditabundo e tétrico, como o era quase sempre, ainda mesmo a bordo do seu navio e no meio da ilha das Tartarugas.

Envolto na sua capa negra, com o chapéu caído para os olhos e com a mão esquerda apoiada nos copos da espada, a cabeça inclinada para o peito, caminhava atrás de Carmaux, sem olhar nem para os companheiros nem para o prisioneiro, como se fosse o único que percorria a floresta.

Os dois Corsários, conhecendo-lhe os hábitos, abstiveram-se de o inquietar e de despertá-lo da sua meditação. Apenas trocavam em voz baixa e entre si algumas palavras para se consultarem acerca da direcção a tomar; depois alargavam o passo.

Caminhavam havia já duas horas, sempre a passo acelerado, quando Carmaux, depois de um instante de hesitação e de haver olhado várias vezes para as árvores e para o chão, se deteve, indicando a Wan Stiller uma mata de cajueiros, planta de folhas coriáceas e que produzem sons estranhos quando o vento sopra.

- É aqui, Wan Stiller? - perguntou. - Parece-me que não me engano.

Quase no mesmo instante ouviram-se no meio da mata sons melodiosos e suavíssimos, que pareciam produzidos por alguma flauta.

- Que é isto? - perguntou o Corsário Negro, erguendo bruscamente a cabeça e desembaraçando-se da capa.

- É a flauta do Moko - respondeu Carmaux, com um sorriso.

- Quem é esse Moko?

- O negro que nos ajudou a fugir. A sua cabana está no meio destas plantas.

- E porque toca?

- Anda na faina de domesticar as serpentes.

- É algum encantador de répteis?

- É, sim, capitão.

- Mas esta flauta pode trair-nos.

- Tirar-lha-ei e mandaremos passear as serpentes pela floresta.

O capitão fez um movimento para adiantar-se, desembainhando a espada como se temesse alguma surpresa.

Carmaux já se havia internado na mata por um pequeno atalho, mas pouco depois tornou a voltar, soltando um grito de espanto e de susto ao mesmo tempo. Diante uma cabana de ramos entrelaçados, com o tecto feito de folhas de palmeira, e semioculta por uma cujera, planta enorme que quase sempre cobre a cabana dos índios, estava sentado um negro de formas hércúleas. Era um dos mais belos exemplares, de espáduas largas e robustas, peito amplo, braços e pernas musculosos, que deviam desenvolver uma força prodigiosa.

O rosto, ainda que de beiços grossos, nariz achatado e zigomas muito salientes, não era de todo feio; tinha alguma coisa de bom,

de ingénuo e de infantil, não se

vendo nele o menor traço dessa expressão feroz própria de muitas raças africanas.

Sentado num pedaço de tronco de árvore, tocava uma flauta feita de uma delgada cana de bambu, da qual extraia sons prolongados, que produziam uma estranha sensação de languidez, enquanto que diante dele rastejavam vagarosamente oito ou dez répteis da América Meridional.

O negro, ouvindo o grito de Carmaux, ergueu os seus grandes olhos, que pareciam de porcelana, fixando-os no Corsário, e, depois de retirar a flauta dos lábios, disse com assombro:

- Sois vós?... Ainda aqui?... Já vos fazia no golfo, a salvo dos espanhóis.

- É verdade, somos nós, mas... Os diabos me levem se eu dou um passo no meio destes medonhos répteis que te cercam.

- Os meus animais não fazem mal aos amigos - respondeu o negro, rindo. - Esperai um momento, compadre branco, que já os mando dormir.

Tomou um cesto de folhas entrelaçadas, meteu dentro as serpentes, sem que elas se rebelassem; e tapou-o cuidadosamente, colocando-lhe em cima, e para melhor precaução, uma grande pedra. Depois disse:

- Agora podereis entrar sem receio na minha cabana, compadre branco. Estais só?

- Não, vem comigo o capitão do meu navio, o irmão do Corsário Vermelho.

- O Corsário Negro?... Ele aqui?... Maracaibo toda tremerá de medo.

- Cala-te, meu pretinho. Põe à nossa disposição a tua cabana, que não te arreponderás.

O Corsário Negro estava ainda junto do prisioneiro e de Wan Stiller. Saudou com um gesto o negro, que o aguardava diante da cabana, e entrou atrás de Carmaux, dizendo:

- É este o homem que te ajudou a fugir?

- É, capitão.

- Odeia os espanhóis?

- Tanto como nós.
- Conhece Maracaibo?
- Como nós conhecemos a ilha das Tartarugas.

O Corsário Negro observou demoradamente o negro, admirando a potente musculatura do africano; depois disse, como falando para si mesmo:

- Eis um homem que pode prestar-me grande auxilio.

Relanceou o olhar pela cabana e, a um canto, viu uma tosca cadeira de vimes entrelaçados, na qual se sentou, tornando a mergulhar nas suas cogitações.

Entretanto, o negro apressou-se em trazer algumas fogaças de mandioca, espécie de farinha extraída de túberas venenosíssimas, mas que, depois de trituradas e espremidas, perdem a sua qualidade venenosa; alguns frutos da Anona muricata, uma espécie de pinha verde que, sob uma escama externa, contém uma nata esbranquiçada e de sabor delicadíssimo, e algumas daquelas perfumadas bananas chamadas de oiro; são mais pequenas do que as nossas, mas deliciosas e mais nutritivas.

A tudo isso havia acrescentado uma cabaça cheia de pulque, bebida fermentada extraída da agave em notável quantidade.

Os três Corsários, que durante toda a noite não haviam comido uma bolacha sequer, fizeram honra àquela refeição, não esquecendo o prisioneiro; depois deitaram-se em cima de molhos de folhas verdes que o negro havia trazido para dentro da cabana, e adormeceram tranquilamente, como se estivessem em plena segurança.

Moko pôs-se, porém, de sentinela, depois de ter ligado bem o prisioneiro, visto que assim lho havia recomendado o compadre branco.

Durante todo o dia nenhum dos Corsários se moveu; mas apenas começou a cair a noite, o Corsário Negro ergueu-se imediatamente.

Estava mais pálido do que o habitual; e os seus olhos mostravam-se animados de um brilho sinistro. Deu duas ou três voltas dentro da cabana com passo agitado; depois, parando ante o prisioneiro, disse-lhe:

- Prometi não te matar, apesar de ter o direito de te enforcar na primeira árvore desta floresta; mas há-de dizer-me se posso entrar no palácio do governador sem ser notado.

- Quereis assassiná-lo, para vingar a morte do Corsário Vermelho.

- Assassiná-lo!... - exclamou o Corsário Negro com ira.

- Eu bato-me, não mato à traição, porque sou um gentil-homem. Um duelo entre nós ambos, sim, um assassinato, não!

- É velho o governador, enquanto que vós sois moço.

Não podereis, além disso, introduzir-vos na sua habitação sem que sejais preso pelos numerosos soldados que o guardam.

- Sei que é corajoso.

- Como um leão.

- Está bem; espero encontrá-lo.

Voltou-se para os dois corsários, que já se haviam erguido, dizendo a Wan Stiller:

- Tu ficarás aqui de guarda a este homem.

- Bastava o negro, capitão.

- Não, o negro é forte como um héracles e ser-me-á muito útil para transportar os despojos de meu irmão.

Vem, Carmaux, iremos beber uma garrafa de vinho de Espanha a Maracaibo.

- Com mil tubarões!... A esta hora, capitão!... - exclamou Carmaux.

- Tens medo?

- Convosco era capaz de ir até ao inferno, para agarrar Belzebu pelo nariz; mas temo que vos descubram...

Um sorriso zombeteiro contraiu os delgados lábios do Corsário Negro.

- Vê-lo-emos... vamos!

4

UMA LUTA ENTRE QUATRO PAREDES

Maracaíbo, tendo uma população que não chegava a dez mil almas, era naquela época uma das cidades mais importantes que a Espanha possuía na costa do golfo do México.

Os espanhóis defenderam-na com um forte poderoso, armado de grande número de canhões, e sobre duas ilhas, que a protegiam da banda do golfo, colocaram guarnições formidáveis, temendo qualquer súbito ataque dos temíveis corsários que se haviam instalado na ilha das Tartarugas.

Os primeiros aventureiros que puseram o pé nestas paragens construíram lindas casas; abundavam os lugares públicos de reunião, onde se juntavam os ricos proprietários de minas e onde se dançava o fandango e o bolero.

Quando o Corsário e os seus companheiros, Carmaux e o negro, entraram em Maracaibo, as ruas estavam ainda frequentadas, e as tabernas, onde se vendiam vinhos da Europa, regurgitavam de clientes, porque os espanhóis, mesmo na sua colónia, não tinham renunciado ao prazer de saborear um bom copo de Málaga.

O Corsário Negro havia afrouxado o passo. Com o chapéu caído sobre os olhos, envolto na sua capa, apesar da noite quente, a mão esquerda apoiada nos copos da espada, observava as ruas e as casas, como se quisesse imprimi-las na mente.

Junto à Praça de Granada, o centro da cidade, encostou-se à esquina de uma casa, como se uma súbita fraqueza o houvesse acometido.

A praça oferecia um espectáculo lúgubre, que fazia estremecer o homem mais impassível do Mundo.

De quinze forcas, alçadas em semicírculo ante o palácio, onde tremulava a bandeira espanhola, baloiçavam quinze cadáveres humanos.

Estavam todos descalços e com os fatos esfrangalhados, excepto um que vestia um traje cor de fogo e calçava botas altas.

Sobre aquelas quinze forcas adejavam numerosos bandos de zopilotes e de urubus, aves de penas negras, que se encarregam da limpeza das cidades da América Central, e as quais parecia que só esperavam a putrefacção daqueles desgraçados para se lançarem sobre as suas pobres carnes.

Carmaux aproximou-se do Corsário Negro, dizendo-lhe com voz comovida:

- Eis os nossos companheiros!

- Sim - respondeu o Corsário, com voz sufocada. - Reclamam vingança e tê-la-ão em breve.

Desviou-se da parede, fazendo esforço violento, inclinou a cabeça sobre o peito, como se quisesse ocultar a terrível emoção que lhe havia alterado as feições, e

afastou-se a passo rápido, entrando numa pousada, para beberem à vontade alguns canjirões de vinho.

Encontrando uma mesa devoluta, sentou-se, ou, melhor, deixou-se cair num banco, sem erguer a cabeça, enquanto Carmaux bradava:

- Um canjirão do melhor xerez, taberneiro de uma figa!... Cuidado que seja autêntico ou não respondo pelas tuas orelhas!... O ar do golfo fez-me tanta sede que sou capaz de tragar todo o vinho da tua taberna!...

Aquelas palavras, proferidas em puro biscainho, fizeram acorrer o dono da pousada com uma garrafa daquele excelente vinho.

Carmaux esvaziou três copos, mas o Corsário Negro estava tão absorto nos seus tétricos pensamentos que não pensou em tocar no seu.

- Com mil tubarões!... O patrão está em plena tempestade, não queria ver-me na pele dos espanhóis. Foi na verdade grande audácia vir aqui, mas ele não é homem para medos.

Olhou em redor da taberna, com alguma curiosidade não isenta de vago temor, e avistou cinco ou seis indivíduos armados de navalhas enormes, os quais o observavam com particular atenção.

- Parece que nos observam - disse o negro. - Quem são aqueles homens?

- Vascongados, ao serviço do governador - respondeu Carmaux. - Compatriotas militando sob outra bandeira.

- Julgam que me atemorizam com as navalhas; enganam-se.

Aqueles indivíduos, no entanto, haviam atirado fora os cigarros que estavam fumando; e, depois de terem molhado a boca com alguns copos de Málaga, puseram-se a conversar em voz tão alta que eram ouvidos por Carmaux.

- Já viram os enforcados? - perguntou um deles.

- Fomos vê-los ainda esta tarde - respondeu outro. - Que belo espectáculo oferecem aqueles canalhas!... Há então um que nos faz rebentar de riso, com a lingua saindo-lhe da boca meio palmo.

- O Corsário Vermelho? - perguntou um terceiro. - Muito avisadamente lhe puseram um cigarro na boca, para o tornar mais caricato.

- E eu quero meter-lhe na mão um guarda-sol, para que amanhã se abrigue dos raios ardentes. Deve ser divertido, vereis.

Um murro formidável dado na mesa, e que fez saltar os copos, interrompeu aquela conversa.

Carmaux, sem poder conter-se, e antes mesmo que o Corsário Negro pensasse em reprimi-lo, ergueu-se da cadeira e pregou na mesa vizinha aquele formidável murro.

- Ravos de Dios! - disse com voz de trovão. - Grande valentia é, na verdade, escarnecer dos mortos. Valentia é sim, escarnecer dos vivos, meus caros cavalheiros...

Os cinco beberrões, estupefactos com aquela súbita explosão de cólera do desconhecido, levantaram-se rapidamente, empunhando na mão direita a navalha; depois, um deles, por certo o mais atrevido, perguntou-lhe com semblante carregado:

- Quem sois vós, cavalheiro?

- Um biscainho que respeita os mortos, mas sabe abrir o ventre aos vivos.

Os cinco beberrões, ao ouvirem aquela resposta, que se podia tomar por uma fanfarronada, puseram-se a rir, o que enfureceu ainda mais Carmaux.

- Ah!.. , ele é isso? - disse este, pálido de ira.

Olhou para o Corsário, que se não havia movido, como se aquela alteração não Lhe dissesse respeito; depois, estendendo a mão para o que o havia interrogado, repeliu-o furiosamente, bradando-lhe:

- O lobo do mar comerá o lobozinho da terra!

O homem repellido caiu sobre uma mesa, mas ergueu-se prontamente, tirando da cinta uma navalha que abriu com um estalido seco.

Ia certamente lançar-se sobre Carmaux para o atravessar de lado a lado com a arma, quando o negro, que até esse momento se havia conservado simples espectador, a um sinal do Corsário Negro se colocou entre os dois contendores, brandindo uma pesada cadeira de pau-ferro.

- Alto ou mato-te!... - gritou para o homem armado.

Vendo aquele gigante de pele negra, cuja poderosa musculatura parecia estalar nesse corpo atlético, os cinco vascongados retrocederam, para não serem esmagados pela cadeira que descrevia no ar curvas ameaçadoras.

Quinze ou vinte beberrões, que se encontravam numa habitação contigua, ao ouvirem aquele barulho, apressaram-se a acudir. Vinham precedidos de um homenzarrão, verdadeiro tipo de valentão, armado de grande espada, com um amplo chapéu emplumado e caído sobre a orelha, e o peito coberto com uma couraça de pele de Córdova.

- Que se passa aqui? - perguntou rudemente aquele homem, desembainhando o espadagão com modos trágicos.

- Nada tendes com o que aqui se passa, meu caro cavalheiro - respondeu Carmaux, inclinando-se burlescamente.

- Por todos os santos!... - exclamou o valentão com modos arrogantes. - Bem se vê que não conheceis Dom Gamara y Miranda, conde de Badajoz, nobre de Camarga e visconde de...

- Da casa do diabo - interrompeu o Corsário Negro, erguendo-se bruscamente e olhando fixo para o valentão. - E dai, Don Caballero, conde, marquês, duque, etc.?. .

O senhor de Camarga e de outros lugares tornou-se vermelho como uma donzela, depois empalideceu, dizendo com voz cavernosa:

- Por todas as forças do inferno!... Não sei quem me possa conter que os não mande para o outro mundo a fazer companhia ao perro do Corsário Vermelho, que está fazendo bonita figura na Praça de Granada, e aos seus catorze birbantes!

Desta feita foi o Corsário Negro quem empalideceu horrivelmente. Com um aceno deteve Carmaux, que ia para precipitar-se sobre o aventureiro; desembaraçou-se da capa e do chapéu, e com rápido movimento desembainhou a espada, dizendo com voz fremente de cólera:

- Perro és tu, que vais fazer companhia aos enforcados, e a tua alma irá para os infernos.

Fez sinal aos espectadores para se colocarem ao largo e defrontou-se com o adversário, pondo-se em guarda com uma elegância e firmeza destinadas a desconcertar o antagonista.

- A nós, conde da casa do diabo!... - disse com os dentes cerrados. - Dentro em pouco estarás morto!

O aventureiro pôs-se em guarda, mas subitamente endireitou-se, dizendo:

- Um momento, cavalheiro. Quando se cruzam os ferros há direito de saber o nome do adversário.

- Sou mais nobre do que tu; não te basta?

- Não; o nome é que desejo saber.

- Desejas?... Pois seja, mas pior para ti, porque não o dirás a ninguém. - Aproximou-se dele e murmurou-lhe algumas palavras ao ouvido.

O aventureiro soltou um grito de assombro e talvez de terror, e deu dois passos atrás, como se quisesse meter-se entre os espectadores para trair o segredo, mas o Corsário Negro atacou-o vivamente, obrigando-o a defender-se.

Os beberões formaram amplo círculo em volta dos duelistas. O negro e Carmaux estavam na primeira fila, nada preocupados com o êxito do encontro, particularmente o último, que sabia de quanto era capaz o seu capitão.

O aventureiro, logo aos primeiros passos, havia percebido que tinha diante de si um adversário temível, disposto a matá-lo ao primeiro bote falso, e apelava para todos os recursos da esgrima, a fim de parar os botes que caíam como uma chuva de saraiva.

Aquele homem não era, no entanto, um espadachim para desdenhar. Alto, robustíssimo, com pulso firme e braço vigoroso, devia opor longa resistência e reconhecia-se que não era fácil cansá-lo.

O Corsário Negro, ligeiro, ágil, de mão pronta, não lhe dava um instante de tréguas, temendo que ele se aproveitasse do menor descanso para trai-lo. A sua espada ameaçava-o sempre, constringendo-o a sucessivas paradas.

A ponta cintilante relampejava, batia forte no ferro do aventureiro, fazendo-o faiscar; e partia a fundo com uma velocidade quase fulminante, que desconcertava o adversário.

Dois minutos depois, o aventureiro, não obstante o seu vigor, principiava a afrouxar. Via-se embaraçado para responder aos botes do Corsário Negro, e já não conservava a calma primitiva. Sentia que a pele lhe corria grave perigo e que acabaria realmente por ir fazer pouco alegre companhia aos enforcados da Praça de Granada.

O Corsário Negro, no entanto, estava como no primeiro momento em que desembainhara a espada. Saltava com a agilidade de jaguar, atacando sempre com crescente vigor o aventureiro. Somente os olhos, animados de um brilho sinistro, demonstravam cólera.

Esses olhos não se desviavam um só instante dos do adversário, como se quisessem fasciná-lo e perturbá-lo.

O círculo dos espectadores alargou-se para dar mais campo ao aventureiro, que recuava cada vez mais, aproximando-se da parede oposta.

Num momento, o aventureiro encontrou-se arrimado à parede. Empalideceu horrivelmente e grossas gotas de suor frio cobriram-

lhe o rosto.

- Basta! - disse com voz rouca e cansada.

- Não - respondeu o Corsário Negro em tom sinistro. - O meu segredo deve morrer contigo.

O adversário tentou um bote desesperado.

Endireitou-se o mais que pôde e arremessou-se para diante, vibrando três ou quatro estocadas umas após outras.

O Corsário Negro, firme como uma rocha, parou-as com igual presteza.

- Agora prego-te na parede - disse-Lhe.

O aventureiro, louco de terror, e compreendendo que estava perdido, ia a gritar:

- Socorro... É o Cor...

Não acabou; a espada do Corsário Negro havia-lhe penetrado no peito, cravando-o na parede e afogando-lhe a frase.

Uma golfada de sangue jorrou-lhe da boca, manchando-lhe a couraça, que não fora bastante para defendê-lo daquele tremendo golpe.

Abriu horrivelmente os olhos, fixando-os no adversário como o último lamento de terror; em seguida caiu pesadamente sobre o solo, partindo em duas a lâmina que o havia pregado na parede.

- Era uma vez um homem - disse Carmaux em tom de mofa. Curvou-se sobre o cadáver, tirou-lhe da mão a espada, e, oferecendo-a ao capitão, que, de semblante macabro, olhava para o aventureiro, disse-lhe:

- Já que a outra se partiu, tomai esta. É uma verdadeira lâmina de Toledo, asseguro-vos, senhor.

O Corsário recebeu a espada do vencido, sem proferir palavra; tomou o chapéu e a capa, lançou sobre a mesa um dobrão de ouro e saiu da pousada seguido de Carmaux e do negro, sem que alguém ousasse detê-lo.

5

O ENFORCADO

Quando o Corsário Negro e os seus companheiros chegaram à Praça de Granada era tal a escuridão que não se distinguia uma pessoa a vinte passos de distância.

Reinava na praça um profundo silêncio.

Encostando-se às paredes das casas, ou escondendo-se por detrás dos troncos das palmeiras, o Corsário Negro,

Carmaux e o negro adiantaram-se vagarosamente, de ouvidos atentos, olhos bem abertos e mãos nas armas, procurando chegar ao pé dos justicados sem que alguém os visse.

Estavam já a poucos passos da primeira forca, da qual pendia, bamboleando levemente, servido pela viração do Norte, um pobre diabo quase nu, quando o Corsário Negro apontou aos companheiros uma forma humana que se agitava à esquina do palácio do governador.

- Com mil tubarões! - resmungou Carmaux. - Ali está a sentinela... Este homem é capaz de vir estragar-nos tudo...

- Mas Moko é forte - disse o negro. - Eu irei deitar as unhas àquele soldado.

- Para ele te varar as tripas, compadre.

O negro sorriu, mostrando duas fileiras de dentes brancos como marfim, e tão agudos que fariam inveja a um tubarão , dizendo depois:

- Moko é astuto e sabe rastejar como as serpentes que encanta.

- Vai, então - disse-lhe o Corsário Negro. - Antes de te tomar ao meu serviço quero ter uma prova da tua audácia.

- Tê-la-eis, meu senhor. Agarrarei aquele homem como noutros tempos agarrava os jacarés na lagoa.

Tirou da cinta um cordão fino de couro entrelaçado, que terminava num anel, um verdadeiro laço semelhante aos que usam os vaqueiros mexicanos para dar caça aos touros, e afastou-se vagarosamente, sem fazer o menor ruído.

O Corsário Negro, escondido atrás do tronco de uma palmeira, observava-o atentamente, admirando talvez a audácia, daquele negro que, quase desarmado, ia defrontar um homem bem armado e certamente corajoso.

- Tem figados, o compadre - disse Carmaux.

O Corsário fez um gesto afirmativo, mas não proferiu uma palavra. Continuava a observar o africano, o qual rastejava agora como uma serpente, aproximando-se cautelosamente do palácio do governador.

O soldado afastava-se então do ângulo, dirigindo-se para o portão. Estava armado de uma alabarda e cingia uma espada.

Vendo que ele lhe voltava as costas, Moko rastejava mais apressado, segurando na mão o laço. Chegado a dez passos, ergueu-se rapidamente, fez girar no espaço duas ou três vezes o cordão e depois lançou-o com mão firme.

Ouviu-se um leve sibilo, depois um grito sufocado e o soldado caiu por terra, largando a alabarda e agitando aflitivamente pernas e braços.

Moko, com um salto de leão, caíra-Lhe em cima.

Amordaçá-lo fortemente, levantá-lo nos braços como se fosse uma criança, foi obra de poucos momentos:

- Ei-lo - disse, atirando-o aos pés do capitão.

- És um valente... Amarra-o a esta árvore e segue-me.

O negro cumpriu a ordem, auxiliado por Carmaux; depois reuniram-se ambos ao Corsário Negro, que observava os enforcados.

Chegados a meio da praça, o capitão parou diante de um justicado que estava vestido de vermelho e que, por amarga irrisão, tinha nos lábios uma ponta de charuto.

Ao vê-lo, o Corsário Negro soltou verdadeiro grito de horror.

- Malditos!... - exclamou. - Ainda o último sarcasmo...

A sua voz, que parecia o rugido longínquo de uma fera, apagou-se num lancinante soluço.

- Senhor - disse Carmaux comovido -, sede forte.

O Corsário Negro fez um gesto e apontou o enforcado.

- Imediatamente, capitão - respondeu Carmaux.

O negro tinha trepado à forca, segurando nos dentes o punhal do Corsário e Cortou de um só golpe a corda, depois desceu devagarinho o cadáver.

Carmaux amparara-o de baixo. Conquanto a putrefacção já tivesse começado a decompor as carnes do Corsário Vermelho, aquele recebeu-o brandamente nos braços e envolveu-o na capa preta que o capitão lhe dava.

- Vamos - disse o Corsário Negro com um suspiro. - A nossa missão está cumprida, o oceano espera o cadáver da valorosa vítima.

O negro pegou no cadáver, ajeitou-o nos braços, cobriu-o com a capa, e logo a seguir abandonaram a praça, tristes e silenciosos. Mas, quando chegaram à extremidade, o Corsário Negro voltou-se, olhando ainda uma vez para os catorze enforcados cujos corpos se destacavam lugubrememente nas forcas, e disse com voz magoada:

- Adeus, valorosos desgraçados, adeus, fiéis companheiros do Corsário Vermelho. O Corsário Negro breve vingará a vossa morte. - Depois, fitando com olhar ardente o palácio do governador, que se encontrava ao fundo da praça, acrescentou:

- Entre nós dois, Wan Guld, está a morte...

Puseram-se a caminho, ansiosos por sair de Maracaibo e alcançar o mar para de novo embarcarem no navio corsário.

Já nada mais tinham que fazer naquela cidade, em cujas ruas se não sentiam seguros, depois da aventura da taberna.

Tinham percorrido duas ou três vielas desertas , quando Carmaux, que ia à frente de todos, julgou lobrigar vultos humanos, meio escondidos sob a escura arcada de uma porta.

- Devagar - murmurou para os companheiros. - Se a vista não me engana, parece-me que está ali gente que nos espera.

- Onde? - perguntou o corsário.

- Acolá debaixo.

- Talvez ainda os homens da taberna?

- Com mil tubarões... Serão os cinco vascongados com as suas navalhas?

- Com cinco podemos nós e pagarão bem cara a cilada - disse o capitão, desembainhando a espada.

- O meu sabre de abordagem poderá medir-se com as navalhas!
- disse Carmaux.

Três homens, envoltos em grandes capas, tinham-se destacado do ângulo de um portão que ocupava o passeio da direita, quando outros dois, que até então se tinham conservado ocultos por detrás de um carro abandonado, embargavam a passagem pelo passeio da esquerda.

- São os cinco vascongados - disse Carmaux. - Vejo brilhar as navalhas nas cintas.

- Encarrega-te dos dois da esquerda, que eu me encarrego dos três da direita - disse o Corsário Negro. - E tu, Moko, não te importes connosco e safa-te com o cadáver. Espera-nos à beira da floresta.

Os cinco vascongados tinham-se desembaraçado das capas, dobrando-as e pondo-as no braço esquerdo e abriram depois os cuchillos de folha larga como lâmina de espada.

- Ah!... Ah!... - disse o que tinha sido repellido por Carmaux. - Parece que não nos enganámos.

- Largueza!... - bradou o Corsário Negro, que se tinha postado adiante dos companheiros.

- Um momento, cavalheiro - disse um vascongado adiantando-se.

- Que queres tu?

- Satisfazer uma pequena curiosidade.

- Qual?

- Saber quem sois, cavalheiro.

- Um homem que mata quem Lhe causa estorvo -, respondeu altivamente o Corsário Negro, avançando de espada em punho.

- Nesse caso eu vos direi, cavalheiro, que por nossa parte somos homens sem medo, e que não nos deixaremos matar como aquele pobre diabo que vós pregastes na parede.

- Vosso nome e vossos titulos ou não saireis de Maracaibo. Estamos ao serviço do senhor governador e devemos responder pelas pessoas que a esta hora andam passeando pelas ruas.

- Se o quereis saber, vinde perguntar-me o meu nome -, disse o Corsário, pondo-se rapidamente em guarda. - Vê esses dois da esquerda, Carmaux.

Este tinha desembainhado o sabre e marchado resolutamente para os dois adversários que lhe embargavam a passagem no passeio oposto.

Os cinco vascongados não se tinham movido, aguardando o ataque dos dois corsários.

Deviam ser cinco diestros, que certamente não desconheciam os mais famosos golpes.

Vendo que não se decidiam, o Corsário Negro, impaciente por abrir passagem, rompeu contra os três adversários que tinha na frente, vibrando botes à direita e à esquerda com velocidade fulminea, enquanto Carmaux atacava desesperadamente os outros dois.

Nem por isso os cinco diestros se tinham desconcertado.

Dotados de prodigiosa agilidade, davam saltos à retaguarda, parando os botes ora com as lâminas dos cuchillos, ora com as capas que tinham envolvido no braço esquerdo.

Os dois corsários, reconhecendo que tinham de haver-se com adversários perigosos, tornaram-se prudentes.

Mas quando viram o negro afastar-se com o cadáver e perder-se na escuridade da rua, voltaram furiosamente à carga, ansiosos por liquidar aquele incidente antes que algum guarda, atraído pelo tinir dos ferros pudesse vir em socorro dos vascongados.

O Corsário Negro, cuja espada era bem mais comprida que as navalhas dos adversários e cuja habilidade na esgrima era extraordinária, podia fazer bom jogo, enquanto Carmaux era obrigado a manter-se em guarda pela circunstância de se servir de um sabre bastante curto.

Os sete homens lutavam com fúria, mas em silêncio, todos absorvidos em parar e vibrar golpes. Avançavam, recuavam,

saltavam ora à direita, ora à esquerda, deslocando fortemente os ferros.

Subitamente, o Corsário Negro, vendo um dos adversários perder o equilíbrio e dar um passo em falso, descobrindo momentaneamente o peito, avançou com um movimento fulmíneo.

A lâmina tocou e o homem caiu sem soltar um grito.

- E vai um! - disse o Corsário Negro, voltando-se para os outros dois. - Não tarda que vos tire a pele.

Os dois vascongados, sem o mínimo indício de terror, mantiveram-se firmes diante dele; de improviso, porém, o mais ágil precipitou-se sobre o Corsário, curvando-se e apresentando à frente a capa enrolada no braço como se quisesse dar o golpe na parte baixa, o que, no caso de êxito, lhe abriria o ventre de lês a lês.

O Corsário Negro soube desviar-se com agilidade e meteu a fundo, mas a lâmina da espada esbarrou na capa do adversário. Tentou pôr-se de novo em guarda para parar os golpes que lhe jogava o outro vascongado, e quase logo soltou um grito de raiva.

A lâmina da espada partira-se ao meio no braço do homem.

Deu um salto à retaguarda agitando o pedaço da espada e gritando:

- A mim, Carmaux!...

O valente Carmaux, que ainda não tinha conseguido subjugar os seus dois adversários, conquanto os tivesse forçado a recuar até ao ângulo da rua, chegou, em três saltos, ao pé do capitão.

- Com mil tubarões!... - rugiu. Estamos metidos em boa...

- De dois desses malandrins vou eu dar conta - respondeu o Corsário Negro, tomando precipitadamente a pistola que tinha à cinta.

Ia disparar sobre o mais próximo quando viu um vulto gigantesco precipitar-se sobre os quatro vascongados, que se tinham juntado, julgando segura a vitória.

Aquele homem, chegado em tão boa ocasião, empunhava um grosso cacete.

- Moko!... - exclamaram o Corsário Negro e Carmaux.

O negro, em vez de responder, ergueu o cacete e desatou à pancada aos adversários com tal fúria que num abrir e fechar de

olhos aqueles desgraçados estavam por terra, uns com a cabeça partida, outros com as costelas despedaçadas.

- Obrigado, compadre!... - gritou Carmaux. - Com mil raios! Que saraivada!

- Fugamos - disse o Corsário Negro. - Já nada temos que fazer aqui.

Alguns habitantes, despertados pelos gritos dos feridos, começaram a abrir as janelas para ver o que se passava.

Os dois corsários e o negro, desembaraçados dos cinco agressores, dobraram precipitadamente o ângulo da rua.

- Onde deixaste o cadáver? - perguntou o Corsário Negro ao africano.

- Já está fora da cidade - respondeu o negro.

- Obrigado pelo teu auxílio.

- Lembrei-me de que a minha intervenção podia ser-vos útil, e apressei-me a voltar.

- Não há ninguém na extremidade do povoado?

- Não vi ninguém.

- Então tratemos de bater em retirada antes que apareçam outros adversários.

Iam pôr-se a caminho quando Carmaux, que se tinha adiantado para inspeccionar uma rua lateral, voltou apressadamente atrás, dizendo:

- Capitão, vem ai uma patrulha.

- De onde?

- Daquela viela.

- Teremos outra luta. Armas na mão, meus valentes, e para a frente!...

- Mas vós estais desarmado, capitão.

- Vai desarmar o biscainho que há pouco matei; à mingua de outra arma, também serve uma navalha.

- Se me dá licença, capitão, ofereço-lhe o meu sabre.

Eu sei servir-me daqueles cuchillos.

O valente marinheiro estendeu ao Corsário o sabre; depois voltou atrás e foi buscar a navalha de um dos biscainhos, arma formidável mesmo na sua mão.

O pequeno destacamento avançava a passo rápido. Talvez tivesse ouvido os gritos dos combatentes e o tinir das armas, e apressava-se a acudir.

Os corsários, precedidos de Moko, deitaram a correr cosidos com as paredes das casas; mas cento e cinquenta passos adiante ouviram os passos cadenciados de outra patrulha.

- Raios do inferno! - exclamou Carmaux. - Vamos ficar entalados no meio.

O Corsário Negro tinha parado, empunhando o sabre, pronto ao primeiro ataque.

- Seríamos traidos? - murmurou.

- Capitão - disse o africano. - Vejo avançar para nós oito homens armados de alabardas e mosquetes.

- Amigos - disse o Corsário Negro, - chegou o momento de vender cara a vida.

- Ordenai o que devemos fazer e estamos prontos -, responderam Carmaux e o negro, com voz decidida.

- Moko!

- Patrão!

- Confio-te o encargo de levar a bordo o cadáver de meu irmão. És capaz disso? Encontrarás o nosso escaler na praia e pôr-te-ás a salvo com Wan Stiller.

- Sim, patrão.

- Nós faremos o possível para nos desembaraçarmos dos nossos adversários; mas, se tivermos de sucumbir, Morgan sabe o que há-de fazer. Vai, leva o cadáver para bordo, e depois voltarás aqui a ver se ainda estamos vivos.

- Não tenho ânimo para o deixar, patrão; sou forte e posso servir-lhe de muito.

- Tenho empenho que meu irmão seja sepultado no mar, como o Corsário Verde; e além de que tu podes prestar-nos maiores serviços indo a bordo do meu Relâmpago do que ficando aqui.

- Voltarei com reforços, senhor.

- Morgan virá, com certeza. Vai-te; ai vem a patrulha.

O negro não esperou nova ordem. Mas como a rua estava impedida pelas duas patrulhas meteu por uma travessa que ia dar

ao muro de vedação de um jardim.

O Corsário Negro, tendo-o visto desaparecer, voltou-se para Carmaux, dizendo:

- Preparemo-nos para atacar essa patrulha que temos pela frente. Se com um ataque rápido conseguirmos abrir passagem, talvez possamos alcançar o campo e depois a floresta.

Estavam ainda no ângulo da rua. A segunda patrulha que o negro tinha avistado estava apenas a uns trinta passos de distância; mas a primeira ainda se não via, tendo naturalmente parado.

- Preparemo-nos - disse o Corsário Negro.

- Cá estou - disse Carmaux, que se escondera atrás de uma esquina.

Os oito alabardeiros tinham afrouxado o passo, como se temessem alguma surpresa; e até um deles, talvez o comandante, dissera:

- Devagar, rapazes! Esses patifes não devem estar longe.

- Nós somos oito - observou o soldado -,

enquanto que, pelo que nos disse o taberneiro, os corsários são apenas três.

- Ah! O biltre do taberneiro que nos atraçou! - murmurou Carmaux. - Se me cai nas unhas abro-Lhe tamanho furo na barriga que pode por lá esvaziar todo o vinho que tiver bebido numa semana.

- Vamos a eles!... - rugiu o Corsário Negro.

Os dois corsários acometeram com impeto irresistível contra a patrulha que ia voltar a esquina, vibrando golpes furiosos a torto e a direito com uma rapidez fulminante.

Os alabardeiros, surpreendidos por aquele inesperado ataque, não puderam resistir e dispersaram cada qual para seu lado. Quando voltaram a si do espanto, já o Corsário Negro e o companheiro estavam longe. Mas ao reconhecerem que haviam sido atacados apenas por dois homens, correram no seu encalço, gritando a bom grito:

- Prendam! Prendam os corsários!...

O Corsário Negro e Carmaux corriam desesperadamente, sem saberem para onde. Tinham metido por um dédalo de vielas sem conseguir alcançar o campo.

Despertados pelos gritos da patrulha e alarmados pela presença daqueles formidáveis piratas, tão temidos em todas as cidades espanholas da América, os habitantes tinham-se levantado; ouvia-se abrir e fechar janelas e portas com grande ruído, enquanto algum tiro soava.

A situação dos fugitivos tornara-se de momento para momento mais grave; aqueles gritos e aqueles tiros podiam dar o alarme até ao centro da cidade e fazer acudir a guarnição inteira.

- Raios do inferno! - exclamava Carmaux, continuando a correr. - Todo este chinfrim acabará por nos perder. Se não conseguirmos meter para o campo, acabaremos numa forca com uma boa corda ao pescoço.

Correndo sempre, tinham chegado à extremidade de um beco sem saída.

- Capitão! - gritou Carmaux, que ia na frente. - Caimos numa ratoeira.

- Que queres tu dizer? - perguntou o Corsário.

- Esta viela não tem saída.

- Não há um muro que se possa escalar?

- Só há casas altas.

- Voltemos atrás, Carmaux. Os perseguidores ainda estão longe e talvez possamos encontrar uma nova rua, que nos leve fora da cidade.

Ia recomeçar a corrida, quando disse bruscamente:

- Não, Carmaux! Ocorreu-me agora uma ideia. Parece-me que com um pouco de astúcia podemos desnortear os nossos perseguidores.

Dirigiu-se para a casa que fechava o extremo do beco.

Era uma habitação modesta, de dois andares, construída de alvenaria, e parte de madeira, com um pequeno terraço adornado de vasos com flores.

- Carmaux! - disse o corsário. - Abre essa porta.

- Escondemo-nos nesta casa?

- Parece-me o melhor meio de desnortear os soldados.

- Perfeitamente, capitão. Fazemo-nos inquilinos sem pagar um ceitil de aluguer.

Com a ponta da sua comprida navalha forçou a fechadura e fez saltar o trinco.

Os dois corsários apressaram-se a entrar, fechando logo a porta, enquanto os soldados passavam na extremidade da viela, berrando sempre:

- Agarra! Agarra!

Os corsários, tacteando no meio da obscuridade, chegaram breve a uma escada, pela qual subiram sem hesitação, parando só no patamar superior.

- É preciso ver para onde vamos - disse Carmaux -, e conhecer os inquilinos. Que desagradável surpresa para estes pobres diabos!

Tirou da algibeira um fuzil e um pedaço de mecha e acendeu-a, soprando-lhe para avivar a chama.

- Olá!... Aqui está uma porta aberta - disse ele.

- E alguém que ressona - acrescentou o Corsário Negro.

- Bom sinal!... Quem dorme é gente de paz.

Entretanto, o Corsário Negro tinha aberto a porta, com cautela, para não fazer ruído, e entrava numa sala modestamente mobilada, onde se via uma cama ocupada por uma pessoa.

Pegou na mecha, acendeu uma vela que estava sobre uma velha caixa, e dirigiu-se para a cama, levantando resolutamente o cobertor.

Era um homem que estava deitado; um velho calvo, com barbichas e bigodes encrespados. Dormia tão regaladamente que não acordou com a luz.

- Não será decerto este homem que há-de incomodar-nos -, disse o Corsário Negro.

Agarrou-lhe num braço e sacudiu-o brutalmente, mas a principio sem resultado.

- Só disparando-lhe um trabuco aos ouvidos -, disse Carmaux.

Mas à terceira sacudidela, mais forte que as primeiras, o velho resolveu-se a abrir os olhos, ao ver os dois homens armados

ergueu-se de um salto, arregalando os olhos apavorados, e exclamou com voz sufocada pelo terror

- Estou morto!

- Eh!., amigo! Tem tempo de morrer - disse Carmaux. - Parece-me que está mais vivo do que há pouco.

- Quem sois? - perguntou o Corsário.

- Um pobre homem que nunca fez mal a ninguém -, respondeu o velho.

- Não queremos fazer-Lhe mal algum, se responder ao que desejamos saber.

- Então Vossa Excelência não é ladrão?

- Sou um corsário das Tartarugas.

- Um cor... sá... rio! Ai! Agora é que eu estou morto!

- Já lhe disse que não lhe faremos mal.

- Que querem, então, de um pobre homem como eu?

- Antes de tudo, saber se está sozinho nesta casa.

- Sozinho de todo, senhor.

- Quem mora na vizinhança?

- Honestos burgueses.

- E você, quem é?

- Um pobre homem.

- Sim, um pobre homem que possui uma casa, enquanto eu nem cama tenho - disse Carmaux. - Ah!, minha raposa velha, o que tu tens é medo pelo teu dinheiro!

- Não tenho dinheiro, Excelentíssimo!

Carmaux desatou a rir.

- Um corsário com Excelência! Este homem é o maior ratão que tenho encontrado na minha vida!

O velho olhou de soslaio, mas absteve-se de se dar por ofendido.

- Vamos ao que importa - disse o Corsário Negro em tom ameaçador. - Que fazes em Maracaibo?

- Sou um pobre notário, senhor.

- Está bem. Ora fica sabendo que nós nos albergamos em tua casa, até que chegue o momento de nos irmos embora.

Não te faremos nenhum mal; mas toma conta que, se nos atraíças, separamos-te a cabeça do corpo. Ficamos entendidos?

- Mas que exigem de mim? - choramingou o desgraçado.

- Por ora, nada. Veste-te e não grites, senão pomos em prática a ameaça.

O notário apressou-se a obedecer; mas o tremor era tal que foi preciso Carmaux ajudá-lo a vestir-se.

- Agora, amarra este homem - disse o Corsário Negro. - Repara que não fuja.

- Respondo por ele como por mim próprio, capitão. Vou amarrá-lo de modo que não poderá fazer o menor movimento.

Enquanto Carmaux manietava o velho, o Corsário Negro tinha aberto uma janela que deitava para o beco, para ver o que se passava fora.

Parecia que as patrulhas já se tinham afastado, pois não se ouviam os seus brados; mas várias pessoas, despertadas pelos gritos, apareciam às janelas das casas vizinhas e falavam em voz alta.

- Não ouviram? - gritava um homenzinho que mostrava comprido arcabuz. - Parece que os corsários tentaram um assalto à cidade.

- É impossível - respondiam algumas vozes.

- Ouvi os soldados a gritar.

- Foram escorraçados?...

- Acho que sim, pois que já não se ouve nada.

- Que audácia!... Entrar na cidade com tantos soldados como aqui há!...

- Naturalmente queriam salvar o Corsário Vermelho.

- Mas já o vieram encontrar enforcado.

- Que decepção para esses bandidos!...

- Esperemos que os soldados agarrem outros para os enforcar... - disse o homem do arcabuz. - Madeira não falta para levantar mais forcas. Boas noites, vizinhos!

Até amanhã.

- Pois sim - murmurou o Corsário Negro. - Madeira não falta; mas também nos nossos navios não faltam balas para arrasar Maracaibo. Um dia tereis novas minhas.

Fechou prudentemente a janela.

Entretanto, Carmaux rebuscara toda a casa e saqueara a despensa.

O corsário lembrara-se então de que não houvera tempo de cear na véspera, e como encontrasse uma ave e um bom pedaço de peixe assado, que talvez o notário tivesse reservado para o almoço, apressara-se a pôr uma e outra coisa à disposição do capitão.

Além desses petiscos tinha descoberto no fundo de um armário algumas garrafas de xerez e alicante.

- Senhor - disse Carmaux com a sua melhor voz, dirigindo-se ao Corsário -, enquanto os espanhóis correm atrás das nossas sombras, dê uma boa entrada neste peixe, e prove-me este pato bravo. Também encontrei umas certas garrafinhas que o nosso notário reservava talvez para as grandes ocasiões, e que vos darão por certo um bom humor.

Ah! Bem se vê que este amigo é apreciador de bebidas...

Veremos se tem bom gosto.

- Obrigado - respondeu o Corsário Negro, que de novo assumira um ar lúgubre.

Sentou-se, mas pouco comeu. Provou o peixe, bebeu alguns cálices de vinho, depois ergueu-se, pondo-se a passear pela sala.

Carmaux, pelo contrário, não só devorou o resto como esvaziou um par de garrafas, com grande desespero do notário, o qual não se cansava de lastimar-se por ver desaparecer tão rapidamente o que tanto lhe custara a mandar vir, com grandes despesas, da longínqua pátria.

Mas o marinheiro, de bom humor por ter bebido já bastante, foi tão amável que lhe ofereceu um cálice para lhe dissipar o terror experimentado e a raiva que o consumia.

- Caramba!... - exclamou. - Nunca imaginei que a noite se passasse tão alegremente. Ver-se a gente entre dois fogos e ameaçados de perder a vida com o barão ao pescoço, e em vez disso vir parar ao meio destas deliciosas garrafas, não era coisa que esperasse.

- Mas o perigo não passou, meu caro - disse o Corsário Negro. - Quem nos assegura que amanhã os espanhóis, não nos tendo

encontrado, não venham dar connosco? Está-se bem aqui, mas eu preferia estar a bordo do meu Relâmpago.

- Convosco, meu capitão, nada temo; vós, sozinho, valeis por cem homens.

- Parece que esqueceste que o governador de Maracaibo é uma velha raposa e que tudo tentará para me deitar a mão.

Bem sabes que entre mim e ele se trava uma guerra de morte.

- Ninguém sabe que estais aqui.

- Poderá suspeitar-se. Além disso, esqueces os biscainhos! Eu creio que eles souberam que quem matou aquele fanfarrão do conde foi o irmão do Corsário Vermelho e do Corsário Verde.

- Talvez tenhais razão. Achais que Morgan nos mandará socorros

- O imediato não é homem para abandonar o seu comandante às garras dos espanhóis. É audaz, é valente, e não me surpreenderia que tentasse forçar a passagem, para fazer chover sobre a cidade uma saraivada de balas.

- Seria uma loucura que poderia sair-lhe cara.

- Eh!, quantas loucuras não temos nós cometido e quase sempre com feliz resultado?

- É verdade.

Carmaux sentou-se, bebendo aos sorvos um cálice de vinho; depois ergueu-se e dirigia-se para uma janela que se abria no patamar e dominava toda a rua quando viu o Corsário Negro entrar precipitadamente, dizendo:

- É de confiança o negro?

- De toda a confiança, comandante.

- Incapaz de atraiçoar-nos?

- Ponho as mãos no fogo por ele.

- Pois está ali.

- Viste-o?

- Anda rondando a rua.

- É preciso mandá-lo subir, comandante.

- E que faria ele ao cadáver de meu irmão? - perguntou o Corsário Negro, de mau humor.

- Quando ele chegar o saberemos.

- Vai chamá-lo, mas prudência. Se te descobrem não respondo mais pelas nossas vidas.

6

AGRAVA-SE A SITUAÇÃO DOS CORSÁRIOS

Ainda bem não tinham decorrido dez minutos, quando Carmaux saía da casa do notário para ir em procura do negro que o capitão tinha visto bordejar pela viela.

Naquele brevíssimo tempo, o corajoso Carmaux metamorfoseara-se de tal maneira que se tornara irreconhecível. Com umas rápidas tesouradas aparara a barba inculta e os longos cabelos desgrenhados; depois envergara apressadamente um fato que o notário devia ter guardado para os dias solenes e que lhe ficava às mil maravilhas, pois que eram ambos da mesma estatura.

Vestido desta forma, o terrível pirata podia passar por um pacífico e honesto burguês de Gibraltar, senão pelo próprio notário. Mas, como homem prudente, e não confiando bastante no fato, sempre foi metendo um par de pistolas nas algibeiras.

Assim transformado, saiu da habitação como um pacífico cidadão.

A viela estava erma; mas, se o pirata tinha avistado pouco antes o negro, não devia ele andar muito longe.

- Eu o descobrirei algures - murmurou o corsário. - Se o compadre saco de carvão se decidiu a voltar é porque graves motivos o impediram de sair de Maracaibo.

Com este monólogo saíra da viela e preparava-se para voltar a esquina de uma casa, quando um soldado armado de arcabuz e que estava escondido na sombra da arcada de um portão lhe embargou inesperadamente o passo, dizendo-lhe em tom ameaçador:

- Alto aí!...

- Maldito! - balbuciou Carmaux, metendo a mão no bolso e empunhando uma pistola. - Já temos dança!

Depois, tomando os ares de um bom burguês, perguntou:

- Que deseja, senhor soldado?

- Saber quem sois.

- Como? Então não me conhece?... Sou o notário do bairro, senhor soldado.

- Desculpe, estou há pouco tempo em Maracaibo, senhor notário. Pode saber-se aonde vai?

- É um pobre diabo que está a morrer, e bem sabeis que quando um homem se dispõe a ir desta para melhor vida, sempre precisa de pensar nos herdeiros.

- É verdade, senhor notário; mas tende cuidado com os corsários que andam por ai.

- Santo Deus! - exclamou Carmaux, fingindo-se atemorizado. - Os corsários aqui? Como foi que esses canalhas se atreveram a desembarcar em Maracaibo, cidade quase invencível e governada por um valoroso militar que se chama Wan Guld?

- Como eles conseguiram desembarcar é que ninguém sabe, pois que não foi avistado nenhum navio corsário, nem perto das ilhas, nem para além do golfo de Coro; mas que entraram aqui, isso é que não oferece dúvida. Basta saber que já mataram uns três ou quatro homens e que tiveram o arrojo de roubar o cadáver do Corsário Vermelho, que foi enforcado defronte do palácio do governador, juntamente com os companheiros.

- Que patife!... E onde estão?

- Supõe-se que tenham fugido para o campo. Já foram expedidas tropas para vários pontos e há esperanças de os capturar e mandá-los fazer alegre companhia aos enforcados.

- Ter-se-ão escondido na cidade?

- Não pode ser; viram-nos fugir para o campo.

Carmaux já sabia o bastante e achou que era chegado o momento de se safar, para não perder o negro.

- Tratarei de os evitar - disse. - Deus vos guarde, senhor soldado. Eu vou andando, senão chegarei tarde a casa do meu cliente moribundo.

- Boa fortuna, senhor notário.

O astuto corsário puxou o chapéu para os olhos e afastou-se precipitadamente, fingindo olhar em volta para melhor simular o terror que na realidade não sentia.

- Ah! Ah! - exclamou, quando já estava distante. - Cuidam que salmos da cidade!... Magnifico, meus caros,..

Deixar-nos-emos estar sossegados em casa daquele excelente notário até que os soldados tenham regressado, depois poderemos retirar tranquilamente.

Acabara de dobrar a esquina da rua para tomar por outra mais larga, quando lobbrou um vulto negro, de estatura gigantesca, parado ao pé de uma palmeira que se elevava defronte de um grandioso palacete.

- Se não me engano é o compadre saco de carvão -, murmurou o valente Carmaux. - Desta feita temos uma grande sorte; mas é sabido que o diabo nos protege, pelo menos assim o dizem os espanhóis.

O homem que estava meio escondido por detrás do tronco da palmeira, ao ver aproximar Carmaux tentou agachar-se sob o portão do palacete, cuidando talvez que tinha pela sua frente algum soldado; depois, não se julgando seguro mesmo ali, voltou rapidamente a esquina da casa, sem dúvida para fugir por alguma das várias congostas da cidade.

Carmaux tivera tempo de certificar-se de que realmente era o negro.

- Eh!, compadre! Oh!, compadre!

O negro tinha parado de repente e, depois de alguns momentos de hesitação, voltara atrás. Reconhecendo Carmaux, apesar do disfarce, teve uma exclamação de alegria e espanto.

- Tens boa vista, compadre saco de carvão - disse o corsário, rindo.

- E o capitão?

- Deixa lá agora o capitão; está a salvo, e é o que importa. Porque voltaste? O capitão tinha-te ordenado que levasses o cadáver para bordo.

- Não pude, compadre. A floresta foi invadida por uns poucos de destacamentos de soldados, vindos provavelmente da costa.

- Já tinham dado pelo nosso desembarque?
- Suspeito que sim, compadre.
- E o cadáver, onde o escondeste?
- Na minha cabana, no meio de uma grande camada de folhas frescas.

- Não darão com ele os espanhóis?
- Tive a precaução de pôr em liberdade todas as serpentes. Se os soldados quiserem entrar na cabana verão os répteis e fugirão.

- És fino, compadre.
- Faz-se o que se pode.
- Não achas então possível fugirmos por agora?
- Já lhe disse que há soldados na floresta.
- O caso é grave. Morgan, o imediato do Relâmpago, não nos vendo voltar, pode cometer uma imprudência - murmurou o corsário. - Vamos a ver como acaba esta aventura.

Compadre, és conhecido em Maracaíbo?

- Como venho aqui vender ervas para curar feridas, todos me conhecem.

- Ninguém suspeitará de ti?
- Ninguém, compadre.
- Então acompanha-me: vamos ter com o comandante.
- Um momento, compadre.
- Que queres? . . .
- Trouxe comigo o vosso companheiro.
- Quem?... Wan Stiller?
- Sim; corria inutilmente o perigo de ser preso, e pensou que poderia prestar melhores serviços aqui do que permanecendo de guarda à cabana.

- E o prisioneiro?
- Amarrámo-lo tão bem que tornaremos a encontrá-lo se os companheiros o não libertarem.

- E onde está Wan Stiller?
- Espera um momento, compadre.

O negro encostou ambas as mãos aos lábios e expediu um leve grito que podia confundir-se com o de um vampiro, um desses morcegos que são muito numerosos na América do Sul.

Um momento depois saltava um homem o muro do jardim e quase caía sobre Carmaux, dizendo:

- Ora muito estimo ver-te ainda vivo, camarada.

- E eu ainda o estimo mais do que tu, amigo Wan Stiller - respondeu Carmaux.

- Achas que o capitão me levará a mal o ter vindo aqui?

Sabendo que ele corria perigo não podia conservar-me escondido no bosque a olhar para as árvores.

- O comandante ficará contente; mais um valente é um precioso socorro nesta ocasião.

- Vamos, amigos...

Começava então a aclarar, As estrelas empalideciam rapidamente, pois que naquelas regiões não há alvorada e muito menos aurora; à noite sucede quase de repente o dia. O Sol desponta quase de improviso.

Os habitantes de Maracaibo, quase todos matinais, começavam a despertar. Abriram-se janelas e assomaram algumas cabeças.

Decerto se comentavam os acontecimentos da noite, que tinham espalhado o terror entre os habitantes, pela temerosa fama que os corsários tinham em todas as colónias espanholas do golfo do México.

Carmaux, que não queria ter encontros, pelo receio de ser reconhecido por algum dos bebedores da taberna, alargava o passo, seguido pelo negro e pelo hamburguês.

Chegado ao pé do beco encontrou ainda ali o soldado, que passeava de um para outro ângulo da rua, de alabarda ao ombro.

- Já de volta, senhor notário? - perguntou, avistando Carmaux.

- É verdade, meu amigo - respondeu o corsário. - O meu cliente estava com pressa de deixar este vale de lágrimas e aviou breve.

- Legou-lhe talvez esse soberbo negro? - perguntou o soldado, indicando o encantador de serpentes. - Caramba! É um colosso que vale milhares de piastras.

- Pois é verdade que me fez este legado. Bons dias, senhor soldado.

Viraram apressadamente o ângulo, meteram pelo beco e entraram na casa do notário, fechando logo a porta e trancando-a.

O Corsário Negro esperava no patamar, com uma impaciência que não podia dissimular.

- Então? - perguntou. - Porque voltou o negro? E o cadáver de meu irmão?... E tu aqui também, Wan Stiller?

Carmaux informou-o em poucas palavras dos motivos que tinham obrigado o negro a voltar a Maracaibo, assim como a decisão de Wan Stiller de vir prestar o seu auxílio, e, enfim, tudo o que pudera saber pelo soldado que estava de sentinela na extremidade da rua.

- As notícias que trazes são graves - disse o capitão voltando-se para o negro. - Se os espanhóis batem o campo e a costa, não sei como havemos de chegar ao meu Relâmpago. Não é por mim que receio, mas pelo meu navio, que pode ser surpreendido pela esquadra do almirante Toledo.

- Raios do inferno! - exclamou Carmaux. - Não faltaria mais nada!

- Começo a temer que esta aventura acabe mal -, murmurou Wan Stiller. - Mas, que demónio! Nós já devíamos ter sido enforcados há dois dias; já é para agradecer o termos mais quarenta e oito horas de vida.

O Corsário Negro pusera-se a passear. Parecia muito preocupado e nervoso; de espaço a espaço suspendia o giro, parando diante dos seus homens; mas logo recomeçava o passeio, cabisbaixo.

De repente parou diante do notário, que jazia no leito, fortemente amarrado, e cravando-lhe no rosto um olhar ameaçador, perguntou-lhe:

- Conheces os arredores de Maracaíbo?

- Conheço, excelência - replicou o pobre homem em voz trémula.

- Poderás fazer-nos sair da cidade sem sermos surpreendidos pelos teus compatriotas, e conduzir-nos a lugar seguro?

- Como poderia eu fazer tal coisa, senhor? Mal saíssemos de casa, reconhecer-vos-iam e serieis preso, depois eu seria acusado de ter procurado salvar-vos, e o governador, que não é homem para graças, enforcava-me...

- Ah!... O medo de Wan Guld.. - disse o Corsário Negro com os dentes cerrados, enquanto um lampejo sinistro lhe brilhava nos

olhos. - É isso; esse homem é enérgico, feroz e desapiedado; a todos impõe medo, a todos faz tremer.

A todos?! A todos, não! Um dia será a ele que eu verei tremer!... Nesse dia pagará com a vida a morte de meus irmãos...

- Quereis matar o governador?... - perguntou o notário com expressão de incredulidade.

- Silêncio, se tens amor à pele - disse Carmaux.

O Corsário Negro parecia não ter ouvido nem um nem outro. Tinha saído da sala, dirigindo-se para a janela do corredor contíguo, de onde, como já se disse, podia ver-se toda a rua.

- É uma boa entaladela esta - disse Wan Stiller, voltando-se para o negro. - O nosso compadre saco de carvão não terá na cabeça alguma boa ideia que nos tire desta situação pouco alegre?... Não me sinto muito seguro nesta casa.

- Talvez tenha uma ideia - respondeu o negro.

- Venha ela, compadre - disse Carmaux. - Se é realizável, prometo-te um abraço, eu, que nunca abracei um homem de cor, nem negro, nem amarelo, nem vermelho.

- Será preciso esperar pela noite.

- Por ora não temos pressa.

- Vistam-se de espanhóis e saiam tranquilamente da cidade.

- Acaso não estou eu vestido com o fato de notário?

- Não é bastante.

- Que queres então que eu vista?

- Uma boa farda de mosqueteiro ou de alabardeiro. Se sairem da cidade vestidos à paisana, as tropas que batem o campo logo nos apanham.

- Que soberba ideia!... - exclamou Carmaux. - Dizes bem, saco de carvão!... Vestidos de soldados, ninguém se lembraria de nos deter para perguntar-nos aonde vamos e quem somos, especialmente de noite. Julgar-nos-ão uma ronda e nós poderemos safar-nos à vontade e embarcar.

- E fardas, onde se arranjam? - perguntou Stiller.

- Onde?... Vamos estripar dois soldados e tiramos-lhes as fardas - disse resolutamente Carmaux. - Bem sabes que somos lesto.

- Não é preciso exporem-se a tamanho perigo - disse o negro. - Sou conhecido na cidade, ninguém suspeita de mim, e posso portanto ir comprar fato e até armas.

- És um grande homem, compadre saco de carvão, e vou dar-te um abraço fraternal.

Dizendo isto, o pirata abriu os braços para estreitar o negro, mas não teve tempo. Uma pancada sonora ecoou na rua e na escada.

- Com mil raios!... - bramiu Carmaux. - Alguém bate à porta...

Neste momento entrou o Corsário Negro, dizendo:

- Está ali um homem que vem naturalmente procurar-vos, notário.

- Será algum cliente, senhor - respondeu o prisioneiro com um suspiro. - Algum cliente que talvez me desse bom dinheiro a ganhar, enquanto eu, agora...

- Basta de conversa - disse Carmaux. - Já sabemos o bastante, tagarela!

Uma segunda pancada, mais violenta que a primeira, fez estremecer a porta, seguida destas palavras:

- Abri, senhor notário, que não há tempo a perder!

- Carmaux - disse o Corsário Negro, que tomara uma rápida resolução -, se nos recusarmos a abrir, esse homem pode ter suspeitas, temer que tenha sucedido algum acidente ao velho e ir avisar o alcaide do bairro.

- Que hei-de fazer então, comandante?

- Abrir e depois amarrar bem esse importuno e mandá-lo fazer companhia ao notário.

Ainda não tinha concluído e já Carmaux estava na escada, acompanhado do gigantesco negro.

Ouvindo uma terceira pancada, que por pouco não fez saltar as tábuas da porta, apressou-se a abrir, dizendo:

- Eh! Que fúria, senhor!

Um rapazote de dezoito ou vinte anos, elegantemente vestido e armado de um belo punhal metido na cinta, entrou apressadamente, dizendo:

- É assim que se fazem esperar as pessoas que têm pressa?

Ao ver Carmaux e o negro, deteve-se, observando-os com espanto e até uma certa inquietação, depois tentou recuar um passo, mas a porta já tinha sido fechada.

- Quem sois? - perguntou.

- Dois servos do senhor notário - respondeu Carmaux, fazendo uma grosseira reverência.

- Ah, Ah!... Don Turillo enriqueceu de repente, para se dar ao luxo de ter dois criados?

- É certo, herdou de um tio que morreu no Peru - disse Carmaux, rindo.

- Levai-me aonde ele está. Já tinha avisado de que hoje devia efectuar-se o meu casamento com a Sehorita Carmen de Vasconcelos. Precisa de fazer-se rogado, esse...

A frase foi cortada cerce pela mão do negro, que abruptamente caiu entre as espáduas do recém-chegado.

O pobre rapaz, meio estrangulado por um rápido apertão, caiu de joelhos, enquanto os olhos lhe saíam das órbitas e a pele se lhe enegrecia.

- Eh, mais delicadeza, compadre - disse Carmaux. - Se apertas um pouco mais, sufoca-lo completamente. É preciso ser um pouco amável com os clientes do notário.

- Não tenhas medo, compadre branco - replicou o encantador de serpentes.

O rapaz, que afinal estava tão apavorado que nem sequer pensava em opor resistência, foi transportado para a sala superior, desarmado do punhal, bem amarrado e colocado ao lado do notário.

- Pronto, capitão - disse Carmaux.

O Corsário Negro aprovou o acto do marinheiro com um gesto, depois, aproximando-se do rapaz, que o encarava com olhos apavorados, disse-lhe:

- Quem é o senhor?

- É um dos meus melhores clientes, senhor - disse o notário. - Este brioso moço ter-me-ia feito ganhar, hoje, pelo menos...

- Calai-vos - disse o Corsário Negro, secamente.

- O notário arma em papagaio! - observou Carmaux. - Se continua assim, será preciso cortar-lhe um pedaço da língua.

O gentil rapaz tinha-se voltado para o Corsário Negro e depois de o ter observado alguns momentos, com certo espanto, respondeu:

- Sou filho do juiz de Maracaibo, Don Alonso de Conxevio. Espero que agora me explique o motivo deste sequestro.

- É escusado sabê-lo; mas se estiverdes sossegado não se vos fará nenhum mal, e amanhã, se não se derem acontecimentos imprevistos, estareis livre.

- Amanhã!... - exclamou o mancebo com doloroso espanto.

- Mas reparai, senhor, que devo desposar hoje a filha do capitão Vasconcelos!

- Casareis amanhã!

- Tomai conta! Meu pai é amigo do governador, e vós podereis pagar caro o vosso misterioso procedimento para comigo. Aqui, em Maracaibo, há soldados e há canhões!

Um sorriso desdenhoso aflorou aos lábios do homem do mar.

- Não os temo - disse depois. - Também eu tenho homens, bem mais formidáveis que os que guardam Maracaibo, e também tenho canhões.

- Mas quem sois vós?

- Escusais de sabê-lo.

Dito isto, o Corsário Negro voltou-lhe bruscamente as costas e saiu, pondo-se de atalaia à janela, enquanto Carmaux e o negro davam busca à casa, desde a adega até às águas-furtadas, a ver se seria possível preparar um almoço, e Wan Stiller se instalava ao pé dos dois prisioneiros para obstar a qualquer tentativa de fuga.

Os dois compadres, o branco e o preto, depois de terem revistado a casa de alto a baixo, conseguiram descobrir um presunto defumado e um certo queijo bastante apimentado que devia pôr todos de bom humor, e fazer apreciar melhor o excelente vinho do notário. Pelo menos, assim o afirmava Carmaux.

Já tinham avisado o Corsário Negro de que o almoço estava pronto e já tinham desrolhado duas garrafas de porto, quando ouviram bater novamente à porta.

- Quem será? - perguntou a si mesmo Carmaux. - Outro cliente que deseja ir fazer companhia ao notário?

- Vai ver - disse o Corsário Negro, que já se sentara à mesa.

O marinheiro não esperou nova ordem e chegando à janela, sem todavia erguer a persiana, viu em frente da porta um homem idoso que parecia um criado ou guarda do tribunal.

- Diabo!... - murmurou. - Virá em busca do rapaz? A desapareição misteriosa do noivo terá preocupado a noiva, os padrinhos e os convidados? Hum! O caso começa a embrulhar-se!...

Entretanto, o criado, como não recebesse resposta, continuava a martelar com ânsia, fazendo tal barulho que atraia às janelas os moradores das casas vizinhas.

Era absolutamente preciso abrir e aprisionar também aquele importuno antes que os vizinhos, postos em sobressalto, acudissem a arrombar a porta ou mandassem chamar os soldados.

Carmaux e o negro apressaram-se, pois, a descer e a abrir, mas apenas o criado ou guarda se encontrou no corredor, foi agarrado pelo pescoço, a fim de não poder gritar, amarrado, amordaçado, e depois levado para o quarto de cima a fazer companhia ao desventurado amo e ao não menos desditoso notário.

- O diabo os carregue a todos!... - exclamou Carmaux. - Se isto assim continua, dentro em pouco temos encarcerada toda a população de Maracaibo.

DUELO DE FIDALGOS

O almoço foi pouco alegre, não obstante aquele excelente presunto, o queijo apimentado e as garrafas do pobre notário.

Começavam todos a inquietar-se pelo mau aspecto que os acontecimentos tomavam.

Aquele estado de coisas não podia de modo algum durar muito.

O Corsário Negro e os seus dois companheiros discutiam vários planos, mas nenhum Lhes pareceu bom.

Cogitavam em descobrir algum novo projecto, que lhes fornecesse o meio de sair daquela situação, que de momento para momento se tornava mais difícil e perigosa, quando um terceiro indivíduo veio bater à porta do notário.

Desta feita não se tratava de um criado, mas sim de um fidalgo castelhano armado de espada e punhal, porventura algum parente do noivo ou algum padrinho.

- Com mil raios! - exclamou Carmaux. - É uma procissão de gente que vem a esta maldita casa!...

O castelhano, vendo que ninguém se apressava a abrir, começara a redobrar as pancadas, levantando e deixando cair continuamente o pesado batente de ferro. Aquele homem devia por certo estar muito impaciente e era provavelmente bem mais perigoso que o mancebo e o criado.

- Vai abrir, Carmaux - ordenou o Corsário Negro.

- Receio, comandante, que não seja fácil prendê-lo e amarrá-lo. Asseguro-vos que é um homem forte e fará uma resistência desesperada.

- Eu cá estou, e bem sabes que tenho braços robustos.

O Corsário Negro, tendo avistado ao canto da sala uma espada, alguma velha arma de família que o notário teria conservado, pegara nela e, depois de experimentar a elasticidade da lâmina, pusera-a à cinta, murmurando:

- Aço... Toledo; dará que fazer ao castelhano.

Carmaux e o negro abriram a porta, que começava a dar de si sob as furiosas e incessantes marteladas, e o fidalgo entrara com olhar furibundo, a fronte carregada e a mão esquerda no punho da espada, dizendo com voz colérica:

- É preciso empregar um canhão para entrar nesta casa. . .

O recém-vindo era um belo homem de seus quarenta anos, alto, robusto e arrogante, olhos pretos e espessa barba também preta que lhe dava um aspecto marcial.

- Perdoai, senhor, se nos demorámos - respondeu Carmaux, curvando-se grotescamente diante dele -, mas estávamos muito ocupados.

- A fazer o quê?... - perguntou o castelhano.

- A tratar do senhor notário.

- Então ele está doente?

- Foi atacado de uma febre fortíssima, senhor.

- Chama-me conde, birbante.

- Desculpai, senhor conde; eu não tinha a honra de conhecervos.

- Ide para o diabo!... Onde está meu sobrinho?... Há duas horas que veio para aqui...

- Não vimos ninguém.

- Zombas de mim?... Onde está o notário?...

- Na cama, senhor.

- Conduz-me ao pé dele.

Carmaux, que queria atrai-lo para o fundo do corredor, antes de fazer sinal ao negro para pôr em acção a sua prodigiosa força muscular, pôs-se diante do castelhano; depois, mal chegou ao fundo da escada, voltou-se, bradando.

- Agora tu, compadre!

O negro atirou-se sobre o castelhano; este, que naturalmente estava em guarda e que dispunha de uma agilidade capaz de

competir com a de um marinheiro, num salto transpôs os três primeiros degraus, derrubando Carmaux com um forte empurrão, e desembainhou resolutamente a espada, gritando:

- Ah! patifes!... Que significa este ataque?... Vou cortar-Lhes as orelhas...

- Eu vos explico o que este ataque significa - disse uma voz.

O Corsário Negro assomara no patamar, de espada em punho, e começava a descer os primeiros degraus.

O castelhano voltara-se, sem, todavia, perder de vista Carmaux e o negro, os quais se retiraram para o fundo do corredor, pondo-se de guarda à porta. O primeiro empunhara o comprido cuchillo e o segundo armara-se de uma tranca de madeira, arma formidável nas suas mãos.

- Quem sois vós, senhor? - perguntou o castelhano, sem manifestar o menor medo. - Pelo traje que vestis poderia julgar-se que sois um fidalgo; mas nem sempre o hábito faz o monge, e podereis ser até algum bandido.

- Eis uma palavra que pode custar-vos cara, meu fidalgo - replicou o Corsário Negro.

- Ora adeus!... É o que havemos de ver!

- Sois corajoso, senhor; tanto melhor. Mas aconselho-vos a que largueis a espada e vos rendais.

- A quem?

- A mim!

- A um bandido que prepara uma cilada para assassinar traiçoeiramente os homens?

- Não, ao cavaleiro Emilio da Rocha Negra, senhor de Vintemilhas.

- Ah!... Sois fidalgo!... Ao menos desejava saber porque é que o senhor de Vintemilhas tentava fazer-me assassinar pelos seus criados.

- É uma pura suposição a vossa, senhor; ninguém aqui pensou em assassinar-vos. Queria desarmar-vos e fazer-vos prisioneiro por alguns dias, nada mais.

- E porquê?

- Para vos impedir de avisardes as autoridades de Maracaibo de que me encontro aqui - respondeu o Corsário Negro.

- Dar-se-á o caso de que o senhor de Vintemilhas tenha contas a ajustar com as autoridades de Maracaibo?

- Não morrem de amores por mim, ou antes, é Wan Guld que me detesta, e que estimava imenso apanhar-me, como eu estimaria tê-lo debaixo do meu poder.

- Não vos compreendo - disse o castelhano.

- Também não é coisa que vos interesse. Vamos a saber: rendeis-vos ou não?

- Oh!... Pensais em tal? Um homem que usa espada ceder assim sem defender-se?

- Nesse caso forçar-me-eis a matar-vos. Não posso deixar-vos retirar, sob pena de nos perdermos, eu e os meus companheiros.

- Mas quem sois vós, afinal?

- Já devieis tê-lo adivinhado; somos os corsários da ilha das Tartarugas. Defendei-vos, senhor, que vou matar-vos.

- Acredito, pois que tenho de defrontar-me com três adversários.

- Não vos preocupeis com eles - disse o Corsário Negro, indicando Carmaux e o negro. - Quando o seu comandante se bate, estão habituados a não se intrometer.

- Nesse caso, espero em breve pôr-vos fora de combate.

Vós ainda não conheceis o braço do conde de Lerma.

- Como vós não conheceis o do senhor de Vintemilhas.

Conde, defendei-vos!

- Uma palavra, se mo permitis. O que fizestes de meu sobrinho e do criado?

- Estão prisioneiros juntamente com o notário. Mas não vos inquieteis por eles. Amanhã estarão livres e vosso sobrinho poderá desposar a sua bela.

- Obrigado, cavaleiro.

O Corsário Negro inclinou-se levemente, depois desceu rápido os degraus e avançou para o castelhano com tal impeto que este foi obrigado a recuar dois passos.

Por alguns momentos, no estreito corredor, apenas se ouviu o tinir dos ferros. Carmaux e o negro, apoiados contra a porta, de

braços cruzados, assistiam ao duelo sem proferir uma palavra, procurando seguir com a vista o fulmíneo esgrimir das espadas.

O castelhano batia-se esplendidamente, como espadachim valoroso.

Dados os primeiros passes, o Corsário Negro tinha readquirido a serenidade. Só raras vezes atacava, limitando-se a defender-se como se antes quisesse cansar o adversário e estudar-lhe o jogo.

Subitamente partiu a fundo. Tocou de terço a lâmina do adversário com um golpe seco, ligá-la de segunda e fazê-la ceder e cair, foi obra de um bote único.

O castelhano, ao ver-se desarmado, empalideceu, soltando um grito. A ponta cintilante da lâmina do Corsário Negro ficou um momento direita, ameaçando-lhe o peito; depois, de repente, ergueu-se.

- Sois um valente - disse, saudando o adversário. - Não querieis ceder a vossa arma; agora sou eu que a tomo, mas deixo-vos a vida.

O castelhano tinha ficado imóvel, com o mais profundo espanto desenhado no rosto. Parecia-lhe talvez impossível o encontrar-se ainda vivo.

Num impulso, avançou dois passos e estendeu a mão ao adversário, dizendo:

- Dizem os meus compatriotas que os corsários são homens sem fé e sem lei, que somente se entregam à pirataria nos mares; mas eu posso agora dizer como entre eles se encontram também homens valorosos que em cavalheirismo e generosidade podem ombrear com os mais perfeitos fidalgos da Europa. Senhor cavaleiro, aqui tendes a minha mão: obrigado...

O Corsário Negro apertou-lha cordialmente e, apanhando a espada caída e entregando-lha, respondeu:

- Guardai a vossa arma, senhor; e basta-me a vossa promessa de que até amanhã não fareis uso dela contra mim.

- Assim vo-lo prometo, cavaleiro, pela minha honra.

- Agora deixai-vos manietar, sem resistência. Sinto ter de recorrer a este expediente, mas é indispensável.

- Fazei o que quiserdes.

A um sinal do Corsário Negro, Carmaux aproximou-se do castelhano e ligou-Lhe os pulsos, depois do que o entregou ao negro, o qual se apressou a conduzi-lo à sala superior, onde foi fazer companhia ao sobrinho e ao notário.

- Oxalá que tenha acabado a procissão - disse Carmaux, voltando-se para o Corsário Negro.

- Pois eu estou bem persuadido de que, em breve, virá mais gente importunar-nos - respondeu o capitão. - Todas estas desapareições misteriosas levantarão em breve graves suspeitas. Fariamos bem barricando a porta e preparando-nos para a defesa. Viste se haverá armas de fogo cá na casa? . . .

- Encontrei um arcabuz e munições, além de uma velha alabarda ferrugenta e uma couraça.

- O arcabuz talvez sirva...

O negro tinha voltado, deixando Wan Stiller de guarda aos prisioneiros. Auxiliado por Carmaux transportou para o corredor todos os móveis mais pesados, não sem provocar por parte do pobre notário uma avalanche de protestos.

Caixotes, armários, mesas, tudo foi amontoado de encontro à porta, de modo a barricá-la completamente.

Mal tinham concluído todos estes preparativos de defesa quando viram Wan Stiller descer a escada precipitadamente.

- Comandante - disse ele -, na rua estão agrupados vários populares que olham para cá.

- Ah! - exclamou apenas o Corsário Negro, sem que se Lhe alterasse um só músculo do rosto.

Subiu tranquilamente a escada e abeirou-se da janela que dominava a rua, ocultando-se por detrás das persianas.

Wan Stiller dissera a verdade. Umas cinquenta pessoas, divididas em vários grupos, enchiam a extremidade da rua.

Aqueles burgueses falavam animadamente, apontando para a casa do notário, enquanto às janelas das casas vizinhas se viam assomar os inquilinos.

- O que eu temia vai acontecer - murmurou o Corsário Negro, enrugando a fronte. - Pois bem, se também eu devo morrer em

Maracaibo é porque estava escrito no livro do meu destino. Pobres irmãos, que ficam por vingar!...

Carmaux! Vem cá!

O marinheiro, ouvindo chamar, correu logo, dizendo:

- Aqui estou, comandante.

- Disseste-me que tinhas encontrado munições...

- Um barril de pólvora...

- Coloca-o no corredor, por detrás da porta, e põe-lhe uma mecha!

- Cáspite!... Vai a casa pelos ares?

- Sim, se for preciso.

- E os prisioneiros?

- Mal deles se os soldados quiserem prender-nos. Temos o direito de nos defendermos, e faremos isso sem hesitar.

- Ah!. Ei-los ai... - exclamou Carmaux, que não despregava os olhos da rua.

- Quem?

- Os soldados, comandante.

- Vai buscar o barril da pólvora e depois vem aqui ter com Wan Stiller. Não te esqueças do arcabuz.

Na extremidade da rua aparecera um destacamento de arcabuzeiros comandado por um tenente e seguido de uma multidão de curiosos.

Os soldados vinham perfeitamente equipados, como se fossem para a guerra, com espingardas, espada e punhais à cinta. Ao lado do tenente viu o Corsário Negro um homem idoso, de barba branca, armado de espada, e logo suspeitou que fosse parente do conde ou do noivo.

O destacamento abriu passagem por entre os burgueses que enchiam a rua e fez alto a dez passos da casa do notário, dispondo-se numa triplice linha e preparando as armas, como se tivessem de romper fogo.

O tenente observou por alguns momentos as janelas, trocou algumas palavras com o velho que lhe estava próximo, depois abeirou-se resolutamente da porta e deixou cair o pesado batente, bradando:

- Em nome do governador, abri!...
- Estão prontos, meus valentes?... - perguntou o Corsário Negro.
- Estamos, senhor - responderam Carmaux, Wan Stiller o negro.
- Vocês ficarão comigo, e tu, meu valoroso africano, sobe ao andar superior e vê se podes descobrir alguma trapeira que nos permita fugir pelos telhados.

Dito isto, abriu a janela e perguntou:

- Que desejam?...

O tenente, ao ver aparecer, em vez do notário, aquele homem de feições arrogantes e largo chapéu preto, adornado de comprida pluma também preta, ficara imóvel, atónito.

- Quem sois? - inquiriu o Corsário Negro.
- Eu procuro o notário.
- Respondo por ele, visto que não pode agora mover-se.
- Então abri; é ordem do governador.
- E se eu não quiser?

- Em tal caso não responderia pelas consequências. Deram-se nesta casa coisas assaz estranhas, meu fidalgo, e recebi ordem para averiguar o que aconteceu ao senhor Pedro Conxevio, ao criado, e ao tio, o senhor conde de Lerma.

- Se tendes empenho em o saber, dir-vos-ei que nesta casa estão todos vivos e bem-dispostos.

- Dizei-lhes que desçam.

- É impossível - respondeu o Corsário.

- Intimo-vos a obedecer ou mando arrombar a porta.

- Fazei-o; mas advirto-vos de que atrás da porta mandei colocar um barril de pólvora, e que à primeira tentativa vossa para a forçar deitarei fogo à mecha e farei voar a casa com o notário, o senhor Conxevio, o criado e o conde de Lerma. Agora experimentai!

Ouvindo estas palavras, proferidas com serenidade, friamente, num tom que não admitia dúvidas sobre a tremenda ameaça, um frémito de horror sacudira os soldados e os curiosos; e até alguns se apressaram a safar-se, com receio de que a casa saltasse imediatamente pelos ares. Até o tenente havia recuado alguns passos.

O Corsário Negro deixara-se ficar tranquilamente à janela como se fosse um simples espectador, sem todavia perder de vista os arcabuzes dos soldados, enquanto que Carmaux e Wan Stiller, que estavam atrás dele, espiavam os movimentos dos vizinhos, os quais tinham acudido às varandas e terraços.

- Mas quem sois vós? - perguntou afinal o tenente.

- Um homem que não quer ser estorvado por quem quer que seja, e muito menos pelos oficiais do governador -, respondeu o Corsário Negro.

- Intimo-vos a dizer o vosso nome.

- E eu não estou para isso.

- Obrigá-vos-ei.

- Eu farei voar a casa - replicou o Corsário Negro.

- Mas, estais doido!

- Tão doido como vós.

- Ah, insultais-me?

- Nada disso, meu caro senhor.

- Acabemos com isto!... Basta de brincadeira!

- Ah! Quereis? Pois bem. Carmaux... deita fogo ao barril de pólvora...

8

UMA FUGA PRODIGIOSA

Perante aquela ordem, um rugido de terror se elevou não só entre a multidão de curiosos, mas até entre os soldados. Apavoraram-se sobretudo os vizinhos, e com sobeja razão, pois que voando a casa do notário, certamente desabariam também as que eles ocupavam.

Burgueses e soldados apressaram-se a fugir, pondo-se a salvo na extremidade da rua, enquanto os vizinhos se precipitavam desvairadamente pelas escadas abaixo, tratando de levar consigo os objectos mais preciosos. Todos estavam já convencidos de que aquele homem, um doido na opinião de alguns, ia pôr em execução a sua ameaça.

Somente o tenente se deixara ficar corajosamente no seu posto, mas pelos olhares ansiosos que deitava à casa podia compreender-se que, se estivesse só e não tivesse galões de comandante, com certeza não permaneceria ali.

- Suspendei, senhor! - bradara ele. - Estais louco?
- Quereis alguma coisa? - perguntou-lhe o Corsário Negro, com a usual serenidade.
- Digo-vos que não deveis executar o vosso sinistro projecto.
- Da melhor vontade, contanto que me deixeis em paz.
- Dai liberdade ao Conde de Lerma e aos outros e prometo não vos incomodar.
- De boamente o farei, se antes aceitardes as minhas condições.
- E quais são?
- Antes de mais nada, fazer retirar a tropa.
- Depois?

- Obter para mim e para os meus companheiros um salvo-conduto assinado pelo governador, para poder sair da cidade sem ser incomodado pelos soldados que andam batendo os campos.

- Mas quem sois para assim precisardes de um salvo-conduto? - perguntou o tenente, cujo espanto aumentava.

- Um fidalgo de além-mar - respondeu o Corsário Negro, com nobre altivez.

- Nesse caso não precisais de salvo-conduto para sair da cidade. Dizei-me o vosso nome.

Neste instante um homem que trazia a cabeça amarrada com um lenço manchado de sangue em vários pontos e que avançava a custo, como se tivesse uma perna aleijada, chegou-se ao pé do tenente.

Carmaux, que se tinha conservado sempre atrás do Corsário Negro, espiando os soldados, viu-o e logo um grito lhe irrompeu da garganta.

- Com mil raios! - exclamou.

- Que há, meu bravo? - perguntou o Corsário Negro, voltando-se rapidamente.

- Vamos ser denunciados, comandante. Aquele homem é um dos biscainhos que nos assaltaram com as navalhas.

- Ah! - fez o Corsário Negro, erguendo os ombros.

O biscainho, pois que era efectivamente um dos que tinham presenciado o duelo da taberna e que depois tinham agredido os corsários com os seus enormes cuchillos, voltou-se para o tenente, dizendo-lhe:

- Quereis saber quem é aquele fidalgo de chapéu preto não é verdade?

- Quero - respondeu o tenente. - Conhece-lo?

- Caracoles!... Um dos seus homens foi quem me pôs neste preparo. Cuidado, senhor tenente, que não vos fuja. É um dos piratas.

Um rugido, desta vez não de pavor, mas sim de cólera, explodiu de todos os lados, seguido de um tiro e de um grito de dor.

Carmaux, a um sinal do Corsário Negro, apontara o mosquete e com uma bala certa deitara por terra o biscainho.

Era de mais!... Vinte arcabuzes se ergueram para a janela onde estava o Corsário Negro, ao mesmo tempo que a multidão clamava desabridamente:

- Matai essa canalha!...
- Não! Não! Prendei-os e enforcai-os na praça!
- Queimai-os vivos!
- Morram!... Morram!...

O tenente, com um gesto rápido, fizera baixar as espingardas e adiantando-se para debaixo da janela disse:

- Meu fidalgo, terminou a farsa: rendei-vos.

O Corsário Negro respondeu com um encolher de ombros.

- Não me entendeis? - perguntou o tenente, rubro de cólera.

- Perfeitamente, senhor.

- Rendei-vos ou mando arrombar a porta.

- Pois fizeti-o - replicou friamente o Corsário Negro. - Só vos observo que o barril de pólvora está pronto e que farei voar a casa juntamente com os prisioneiros.

- Mas também vós ireis pelos ares.

- Embora!... Morrer no meio do fragor das ruínas fumegantes é preferível à morte ignominiosa que me poderão infligir se eu me entregar.

- Prometo salvar-vos a vida.

- De que me servem as vossas promessas, se eu sei bem o que elas valem? São seis horas da tarde, ainda estou sem almoçar. Enquanto resolveis sobre o que se fará, irei comer alguma coisa com o conde de Lerma e seu sobrinho e faremos o possível por beber um cálice à vossa saúde, se antes a casa não for pelos ares.

Proferida esta ironia pouco tranquilizadora, o Corsário Negro tirou o chapéu, saudando com cortesia, e voltou para o interior da casa.

- Vinde, meus valentes - disse o Corsário Negro a Carmaux e Wan Stiller. - Creio que teremos tempo de comer e cavaquear um pouco.

- E os soldados? - perguntou Carmaux, que não estava menos admirado do que os espanhóis da presença de espírito e audácia, absolutamente fenomenais, do comandante.

- Deixá-los gritar à vontade.
- Vamos à ceia da morte, meu capitão!
- Ora adeus!... A nossa última hora está mais longe do que tu pensas - respondeu o Corsário Negro. - Espera que anoiteça e verás como o barril da pólvora faz milagres.

Entrou na sala sem dar mais explicações e foi cortar as cordas que manietavam o conde de Lerma e o mancebo e convidou-os a sentar-se à mesa, dizendo-Lhes:

- Fazei-me companhia, senhor conde, e também vós, meu rapaz; mas conto com a vossa palavra de que nada tentareis contra nós.

- Seria impossível empreender qualquer coisa, cavaleiro - respondeu o conde, sorrindo. - Nós já sabemos quanto é perigosa a vossa espada. Então que fazem os meus compatriotas?... Ouvi uma vozearia ensurdecidora.

- Por enquanto limitam-se a sitiar-nos.

- Sinto dizer-vo-lo, mas receio, cavaleiro, que acabem por meter a porta dentro.

- E eu julgo o contrário, meu caro conde.

- Nesse caso, sitiar-vos-ão e tarde ou cedo sereis obrigado a capitular. Viva Deus! Asseguro-vos que me desgostaria ver um homem tão valoroso e amável como vós nas mãos do governador. Esse homem não perdoa aos corsários.

- Wan Guld não me apanhará. Preciso viver para saldar umas contas antigas com esse flamengo.

- Conhecei-lo?

- Conheci-o por meu mal - disse o Corsário Negro, com um suspiro. - Tem sido um homem funesto para a minha família, e se me fiz corsário a ele o devo. Mas não falemos mais nisto. Sempre que penso nele, sinto revolver-me o sangue num ódio implacável, e torno-me triste como um túmulo. Bebei, conde. Diz-me, Carmaux, que fazem os espanhóis?

- Estão conferenciando, comandante - respondeu o corsário, que regressava da janela. - Parece que não se resolvem a atacar-nos.

- Farão isso mais tarde, mas talvez nós aqui não estejamos.

O negro está de atalaia?

- Está no sótão.

- Wan Stiller, leva de beber a esse homem.

Dito isto, o Corsário Negro ficou como imerso em profundas cogitações, continuando todavia a comer.

A ceia terminou sem que fosse interrompida. Parecia que os soldados, apesar de enfurecidos e ansiosos por enforçar ou queimar em vida os corsários, não sabiam tomar uma deliberação.

Não lhes faltava já coragem, muito ao contrário, nem tão-pouco os apavorava o barril da pólvora, importando-lhes pouco que a casa fosse pelos ares; temiam pelo conde de Lerma e pelo sobrinho, pessoas a quem a todo o custo queriam salvar.

Já tinha anoitecido quando Carmaux avisou o Corsário Negro de que um destacamento de arcabuzeiros, reforçado por uns doze alabardeiros, acabava de chegar, postando-se à entrada da rua.

- Quer dizer que se preparam para empreender alguma coisa - respondeu o Corsário. - Chama o negro.

Passado um momento, o africano estava diante do comandante.

- Examinaste o sótão?

- Examinei, patrão.

- Há alguma trapeira?

- Não, mas arrombei uma parte do telhado, por onde podemos passar.

- Não há lá inimigos perto?

- Nem um, patrão.

- Sabes onde podemos descer?

- Sei e não é longe.

Nisto ecoou na rua uma formidável descarga, que fez estremecer as vidraças. Algumas balas, atravessando as persianas, penetraram na casa, cravando-se nas paredes e esburacando os tectos das salas.

O Corsário Negro dera um pulo, desembainhando rapidamente a espada. Aquele homem, alguns momentos antes tão sereno, ao sentir o cheiro da pólvora tinha-se transfigurado. Os olhos chamejavam e nas faces pálidas aparecera inopinadamente um ligeiro rubor.

- Ah, começamos?! - exclamou, em tom escarninho.

Depois, voltando-se para o conde e para o mancebo, continuou:

- Prometo salvar-vos a vida e, aconteça o que acontecer, cumprirei a minha palavra; mas deveis obedecer-me e jurar-me que não vos rebelareis.

- Falai, cavaleiro - disse o conde. - Lastimo que os assaltantes sejam meus compatriotas; se não o fossem, asseguro-vos que de boa vontade combateria a vosso lado.

- Deveis seguir-me, se não quereis ir pelos ares.

- Vai desabar a casa?

- Em poucos momentos não estará de pé uma só parede.

- Quereis arruinar-me? - gritou o notário.

- Caluda, forreta! - bradou Carmaux, que estava desligando o pobre homem. - Salva-se a vida e ainda não estais contente?

- Mas a casa é minha e não a quero perder.

- O governador que vos indenize depois.

Segunda descarga reboou na rua e algumas balas atravessaram a sala, despedaçando a lâmpada que havia no meio.

- Avante, homens do mar! - trovejou o Corsário Negro. - Carmaux, vai deitar fogo ao rastilho!...

- Pronto, comandante.

- Repara que a bomba não rebente antes de nós termos saído da casa.

- O rastilho é comprido, senhor - respondeu Carmaux, descendo precipitadamente a escada.

O Corsário Negro, seguido pelos quatro prisioneiros, por Wan Stiller e pelo africano, subiu ao sótão, enquanto os arcabuzeiros repetiam as suas descargas, apontando principalmente às janelas e intimando em grandes brados à capitulação.

Chegados ao sótão, o africano mostrou ao Corsário Negro uma larga abertura que dava para o telhado e que ele tinha feito.

- Avante! - ordenou o Corsário Negro.

Meteu por um momento a espada na bainha, agarrou-se aos bordos da abertura e num instante saltou para cima do telhado, lançando em volta um rápido olhar investigador.

Descobriu logo, além de uns três ou quatro telhados, altas palmeiras, uma das quais se encostava quase a uma parede,

estendendo as suas esplêndidas e gigantescas folhas sobre as telhas.

- É por ali que havemos de descer? - perguntou ao negro, que chegara ao pé dele.

- É, patrão.

- E poderemos sair daquele jardim?

- Assim o espero.

O conde de Lerma, seu sobrinho, o criado e o notário, levantados nos robustos braços de Wan Stiller, já estavam sobre o telhado, quando apareceu Carmaux, dizendo:

- Aviamo-nos, senhor, depressa; dentro de dois minutos desfazer-se-á a casa debaixo dos nossos pés.

- Estou arruinado! - choramingou o notário. - Quem me indemnizará depois do...

Wan Stiller cortou-lhe a palavra, empurrando-o rudemente.

- Para a frente, se não quereis ir também pelos ares! - disse-lhe.

O Corsário Negro, certificando-se de que não havia inimigos à vista, já tinha passado para outro telhado, seguindo-se-lhe logo o conde de Lerma e o sobrinho.

As descargas sucediam-se então umas às outras e grandes nuvens de fumo se erguiam da rua, espalhando-se lentamente sobre os telhados.

Os corsários, arrastando consigo o notário, que já não podia ter-se nas pernas, tal era o medo, chegaram em poucos momentos, passando de um para outro telhado, à beira da última casa, ao pé da palmeira.

Em baixo estendia-se vasto jardim, cercado por um muro elevado, e que parecia prolongar-se em direcção ao campo.

- Conheço este jardim - disse o conde. - Pertence ao meu amigo Morales.

- Espero que não nos traireis - disse o Corsário Negro.

- Ao contrário, cavaleiro. Ainda não esqueci que vos devo a vida.

- É preciso descer já - disse Carmaux. - A explosão pode atirar-nos daqui abaixo.

Mal tinha proferido estas palavras quando se viu um clarão gigantesco, imediatamente seguido de horrível fragor. Os corsários

e os seus companheiros sentiram estremecer debaixo dos pés o telhado; depois caíram uns sobre os outros, enquanto em volta deles choviam pedaços de caliza, fragmentos de mobília e pedaços de pano ardendo.

Uma nuvem de fumo estendeu-se sobre os telhados, ofuscando tudo por alguns momentos, enquanto para o lado da rua se ouviam desabar paredes e pavimentos, entre rugidos de terror e imprecações.

- Com mil raios! - exclamou Carmaux, que tinha sido arremessado até ao beiral. - Mais um metro adiante e ia malhar com os ossos no jardim, como um saco de trapos.

O Corsário Negro erguera-se rapidamente, cambaleando no meio do fumo que o envolvia.

- Estão todos vivos? - perguntou.

- Creio que sim - respondeu Wan Stiller.

- Mas... está aqui alguém que não se mexe - disse o conde. - Terá sido morto por algum estilhaço?

- É este poltrão do notário - respondeu Wan Stiller. - Mas sossegai, que apenas está desmaiado com o susto.

- Deixemo-lo ficar - disse Carmaux. - Que se arranje como puder, se a dor de ter perdido a choupana o não fizer morrer.

- Não - objectou o Corsário Negro. - Vejo erguer labaredas por entre o fumo e se o deixássemos aqui correria o risco de morrer assado. A explosão incendiou as casas vizinhas.

- É verdade - confirmou o conde. - Vejo uma casa a arder.

- Aproveitemos a confusão para nos evadirmos, amigos - disse o Corsário Negro. - Tu, Moko, encarregas-te do notário.

Aproximou-se do beiral, agarrou-se ao tronco da palmeira e deixou-se cair no jardim, seguido logo por todos os outros.

Ia meter por uma rua que ia dar ao muro quando viu alguns homens, armados de arcabuzes, irromperem de um maciço de plantas, bradando:

- Alto, ou fazemos fogo!...

O Corsário Negro arrancara da espada com a mão direita enquanto na esquerda empunhava uma pistola, resolvido a abrir passagem; o conde deteve-o com um gesto, dizendo:

- Deixai-me proceder a mim, cavaleiro.

Depois, adiantando-se para os homens, acrescentou:

- Então já aqui se não conhece o amigo de vosso amo?

- O senhor conde de Lerma!... - exclamaram os homens, atónitos.

- Abaixo as armas ou queixar-me-ei a vosso amo.

- Perdoai, senhor conde - disse um dos criados, - mas ignorávamos com quem tínhamos de haver-nos. Ouvimos uma detonação e sabendo que, nas vizinhanças, os soldados faziam cerco a uns corsários, corremos para aqui, a fim de impedir a fuga desses perigosos bandidos.

- Os corsários já fugiram; podeis, portanto, retirar-vos. Há alguma porta no muro?

- Há, senhor conde.

- Queira abri-la para mim e os meus amigos, e não vos ocupeis de mais nada.

O que falara despediu com um gesto os homens armados, depois dirigiu-se para uma rua lateral e chegando a um portão de ferro, abriu-o.

Os três corsários e o negro saíram, precedidos do conde e do sobrinho. O criado, que segurava nos braços o notário ainda desmaiado, parou junto à saída do jardim e depositou-o no chão.

O conde acompanhou os corsários até à distância de uns duzentos passos, metendo por uma viela erma e ladeada apenas de muros; e depois disse:

- Cavaleiro, vós salvastes-me a vida; tenho imensa satisfação em prestar-vos também este pequeno serviço.

Homens valorosos como vós não devem morrer na forca, e asseguro-vos que o governador não vos pouparia, se pudesse deitar-vos a mão. Segui por essa viela que vai direita ao campo e voltai para bordo do vosso navio.

- Obrigado, senhor conde - respondeu simplesmente o Corsário Negro.

Os dois fidalgos apertaram a mão cordialmente e separaram-se, cortejando-se.

Dez minutos depois, sem terem sido embaraçados, estavam os corsários fora da cidade, na orla da floresta, no meio da qual se situava a cabana do encantador de serpentes.

Bastaram vinte minutos para transpor a distância que os separava da cabana. Já estavam a poucos passos quando lhes chegou aos ouvidos um gemido.

O Corsário Negro parara, procurando distinguir alguma coisa no meio da profunda obscuridade projectada pelas altas e espessas plantas.

- Com mil raios! - exclamou Carmaux. - É o prisioneiro que deixámos amarrado ao tronco da árvore. Já não me lembrava dele!

- É verdade! - murmurou o Corsário Negro.

Aproximou-se da cabana e avistou o espanhol ainda amarrado.

- Querem matar-me à fome? - perguntou o desgraçado. - Antes me enforcem já.

- Não apareceu por aqui ninguém? - perguntou o Corsário Negro

- Não vi mais do que vampiros, senhor.

- Vai buscar o cadáver de meu irmão - disse o Corsário Negro, voltando-se para o africano.

Depois, aproximando-se do soldado, que começava a tremer, temendo que tivesse chegado a sua última hora, libertou-o das cordas que o aprisionavam, dizendo com voz cava

- Eu podia vingar em ti, antes de qualquer outro, a morte daquele a quem irei sepultar no fundo do oceano e a de seus desventurados companheiros que ainda estão suspensos na praça daquela cidade maldita; mas prometi perdoar-te, e o Corsário Negro nunca faltou à sua palavra. Estás livre, mas hás-de jurar-me que, apenas chegues a Maracaíbo, irás ter com o governador e dizer-lhe, da minha parte, que eu, esta noite, perante os meus homens enfileirados no convés do Relâmpago, e perante o cadáver daquele que foi o Corsário Vermelho, proferirei um juramento que deve fazê-lo tremer. Ele matou os meus dois irmãos e eu hei-de aniquilá-lo a ele e a quantos tenham o nome de Wan Guld. Dir-lhe-ás que jurei pelo mar, por Deus, pelo inferno, e que em breve nos encontraremos.

Depois, agarrando o espanhol, que ficara apavorado, e dando-lhe um empurrão, acrescentou:

- Vai, e não te voltes, porque podia arrepender-me de te poupar a vida.

- Obrigado, senhor - disse o espanhol, fugindo com medo de não sair vivo da floresta.

9

JURAMENTO TERRÍVEL

Aqueles homens, guiados pelo africano, que conhecia a palma todos os meandros da floresta, estugaram o passo, para alcançar breve a margem do golfo e chegar ao largo antes que rompesse a manhã.

Iam inquietos pelo navio que devia andar pairando à entrada do golfo, pois pelo prisioneiro tinham sabido que o governador de Maracaibo mandara mensageiros a Gibraltar pedir auxílio ao almirante Toledo.

Temiam os corsários que os navios do almirante Toledo, formando uma verdadeira esquadra, tripulada por algumas centenas de valorosos marinheiros, na máxima parte biscainhos, viessem atacar o Relâmpago e destruí-lo.

O Corsário Negro falava, mas denunciava a sua inquietação. De quando em quando fazia sinal aos companheiros para que apurassem o ouvido, receando perceber alguma detonação longínqua; depois acelerava o passo, quase deitando a correr.

Felizmente, o africano conhecia o bosque e fazia-os seguir atalhos que permitiam ganhar terreno.

Às duas da manhã, Carmaux, que caminhava adiante do negro, ouviu um ruído distante que indicava a proximidade do mar.

- Se tudo correr bem, daqui a duas horas estaremos a bordo do nosso navio, senhor, - disse ao Corsário Negro. Este fez um gesto afirmativo, mas não respondeu.

Carmaux não se tinha enganado. O quebrar das ondas distinguia-se cada vez melhor e ouviam-se também de quando em quando os gritos das bernacas, espécie de gansos bravos muito

matinais, de dorso variegado e cabeça branca, que se banhavam nas águas do golfo.

O Corsário Negro fez sinal para caminharem depressa mais alguns minutos, e pouco depois chegavam à praia.

O céu estava coberto pelas névoas que se erguiam dos enormes charcos que cercavam a enseada, pelo que a escuridão era profunda, mas o mar mostrava-se aqui e além interrompido como por linhas de fogo que se cruzavam em todas as direcções.

Parecia que as cristas das ondas expeliam centelhas, e a espuma que se estendia na praia, em forma de franja, via-se semeada de soberbos fulgores fosforescentes.

Em certos momentos, amplos tratos de mar, pouco antes negros, como se fossem de tinta, iluminavam-se abruptamente, como se uma lâmpada eléctrica de grande poder se acendesse no fundo do mar.

- A fosforescência! - exclamou Wan Stiller.

- Os diabos a levem! - disse Carmaux. - Dir-se-ia que os peixes se fizeram com os espanhóis para nos impedir de ganhar o mar largo.

- Não - replicou Wan Stiller em tom misterioso, apontando para o cadáver que o negro transportava. - As ondas iluminam-se para receber o cadáver do Corsário Vermelho.

- É verdade! - murmurou Carmaux.

Entretanto, o Corsário Negro deitava um olhar investigador pelo mar fora, a fim de verificar, antes de se meter no barco, se a esquadra do almirante navegava naquelas águas.

Não lobrigando nada, olhou para o norte, e no oceano flamejante distinguiu uma grande mancha negra, que se destacava nitidamente em meio à fosforescência.

- Ali está o Relâmpago - disse. - Tragam o bote e deitemo-nos ao largo.

Carmaux e Wan Stiller, ignorando em que ponto da praia estavam, orientaram-se o melhor que puderam, e depois afastaram-se apressadamente, subindo a costa para o norte.

Percorrido um quilómetro conseguiram descobrir o barco, que na maré baixa tinham deixado no meio das plantas. Embarcaram

lestamente e remaram para o lugar onde os esperavam o capitão e o negro.

Colocaram o cadáver, envolto num manto preto, entre os dois bancos, tapando-lhe o rosto, e depois deitaram ao largo remando vigorosamente.

O negro sentara-se à proa, segurando entre os joelhos a espingarda do prisioneiro espanhol, e o Corsário Negro sentara-se à popa, em frente do cadáver do enforcado.

Caira de novo na sua lúgubre melancolia. Com a cabeça agarrada entre as mãos e os cotovelos apoiados nos joelhos, não despregava um só momento os olhos de cima do cadáver, cujas formas se desenhavam sob o fúnebre manto.

Imerso nos seus tristes pensamentos, parecia ter esquecido tudo.

No entanto, o barco deslizava velozmente sobre as ondas, distanciando-se cada vez mais da praia.

Já não estava a mais de milha e meia do navio, que vinha ao seu encontro navegando a pequenos bordos, quando um ruído estranho, que parecia um gemido agudo terminando em lúgubre soluço, lhes chegou aos ouvidos.

Pararam de remar, lançando em volta olhares apavorados.

- Ouviste? - perguntou Wan Stiller, que sentia percorrer-lhe o corpo um suor frio.

- Ouvi - respondeu Carmaux com voz trémula.

- Seria algum peixe?

- Nunca ouvi peixe algum soltar um grito assim.

- Que queres então que fosse?

- Não sei; o que te digo é que me causou uma grande impressão.

- Seria o irmão do morto?

- Silêncio, camarada!

Contemplavam ambos o Corsário Negro, mas este parecia nada ter ouvido, porque continuava imóvel, com a cabeça agarrada nas mãos e os olhos fitos no cadáver do irmão.

- Vamos, e que Deus nos ampare - murmurou Carmaux, acenando a Wan Stiller para que tomasse novamente os remos

Depois, inclinando-se para o negro, perguntou-lhe:

- Ouviste um grito, compadre?

- Ouvi - respondeu o africano.

- Que achas que fosse?

- Talvez um peixe-boi.

- Hum! - resmungou Carmaux. - Seria um peixe-boi, seria, mas...

Interrompeu-se abruptamente, empalidecendo.

Precisamente naquele instante, atrás da popa do bote, em meio de um círculo de espuma luminosa, aparecera um vulto escuro mas impreciso, mergulhando logo nos abismos do golfo.

- Viste? - perguntou a Wan Stiller, sobressaltadíssimo.

- Vi - respondeu este, a tremer.

- Uma cabeça, não é verdade?

- Sim, Carmaux.

- De um cadáver.

- É o Corsário Verde que nos segue para receber o Corsário Vermelho.

- Fazes-me medo, Carmaux.

- E o Corsário Negro não viu nem ouviu nada?

- É o irmão dos dois mortos.

- E tu, compadre, não viste nada?

- Vi, sim, uma cabeça - replicou o africano.

- De quem?

- De um peixe-boi.

- Os diabos te levem e mais aos peixes-boi - respondeu Carmaux.

- Era a cabeça de um cadáver, adulto, sem olhos.

Naquele momento, uma voz que partia do navio ecoou no mar

- Eh! Eh! Ó do barco! Quem vive?

- O Corsário Negro! - rugiu Carmaux.

- Atraca!

O Relâmpago avançava rapidamente, como uma andorinha do mar, cortando as águas fulgurantes com o seu agudo esporão.

Ao longo das amuradas viam-se enfileirados, imóveis como estátuas, os corsários que constituíam a tripulação, todos armados de espingardas, e no castelo da popa, atrás de dois canhões de

curso, distinguiam-se os artilheiros empunhando as mechas acesas, enquanto no alto do mastro de mezena flutuava a grande bandeira escura do Corsário Negro, com duas letras de ouro estranhamente cruzadas por um adorno inexplicável.

O escaler abordou a bombordo, e foi amarrado com um cabo que os marinheiros lhe deitaram do convés. Seguidamente foram arriados mais dois cabos, amarrados aos bancos do escaler e este içado para bordo, com a gente que o tripulava.

Quando o Corsário Negro ouviu a quilha bater no convés do navio, pareceu despertar dos seus lúgubres pensamentos.

Olhou em volta, como se ficasse admirado de se encontrar a bordo do navio, depois curvou-se sobre o cadáver, tomou-o nos braços e depô-lo ao pé do mastro grande.

Toda a tripulação, formada ao longo das amuradas, se descobriu ao ver o cadáver.

Morgan, o imediato, viera ao encontro do Corsário Negro.

- Estou às suas ordens, senhor - disse.

- Faz o que sabes - respondeu este, meneando tristemente a cabeça.

Atravessou lentamente o convés, subiu ao castelo de comando e ali se postou, de braços cruzados, imóvel como uma estátua.

Subitamente retiniu no quadro da popa um toque de sineta.

Toda a tripulação ajoelhara, enquanto o mestre, auxiliado por três marinheiros, levantava o cadáver do pobre Corsário Vermelho, depondo-o na amurada de bombordo.

Um fúnebre silêncio reinava então no convés do navio, que ficara imóvel nas águas luminosas: até o mar estava emudecido. Todos os olhos se tinham fixado no Corsário Negro, cujo vulto se destacava na linha cinzenta do horizonte.

Parecia que naquele momento o formidável pirata do grande golfo havia assumido proporções gigantescas.

Erecto no castelo de comando, com a negra pluma flutuando à viração matutina, com um braço estendido para o cadáver do Corsário Vermelho, parecia estar ali para proferir alguma terrível ameaça.

A sua voz forte e metálica rompeu bruscamente o silêncio tenebroso que reinava a bordo do navio.

- Homens do mar! - clamou. - Escutai!... Eu juro por Deus, sobre estas ondas que nos são fiéis companheiras, pela minha alma, que nenhum bem sentirei na terra enquanto não tiver vingado meus irmãos assassinados por Wan Guld. Que os raios arrasem o meu navio; que as ondas me engulam convosco, que os dois corsários que estão sepultados nestas águas, nos abismos do grande golfo, me amaldiçoem; que a minha alma seja eternamente maldita, se eu não matar Wan Guld e não exterminar toda a sua família como ele destruiu a minha!... Homens do mar!... Ouvistes-me?

- Sim - responderam os corsários, enquanto um frémito de horror perpassava pelos seus rostos.

O Corsário Negro tinha-se curvado sobre o varandim e fitava as ondas luminosas.

- À água o cadáver!... - bradou com voz cava.

O mestre da tripulação e os três marinheiros ergueram o fúnebre fardo e deixaram-no cair.

O cadáver do corsário mergulhou nas ondas, levantando grandes flocos de espuma fosforescente.

Todos os corsários se tinham debruçado na amurada.

Naquele instante, lá ao longe, ainda se ouviu ecoar o grito misterioso que tanto havia apavorado Carmaux e Wan Stiller.

Os dois corsários, que estavam ao pé do castelo de comando entreolharam-se, lividos como lençóis.

- É o grito do Corsário Verde que anuncia a chegada do Corsário Vermelho - murmurou Carmaux.

- E - respondeu Wan Stiller com voz sufocada. - Encontraram-se os dois irmãos no fundo do mar.

A vibração de um apito cortou esta conversa.

- Manobra a bombordo - comandava o mestre -, Leme a estibordo!

O Relâmpago virara de bordo e circulava entre as ilhotas, fugindo para o grande golfo, cujas águas se douravam sob os primeiros raios do Sol.

A BORDO DO RELÂMPAGO

O Corsário Negro, tendo saído do meio das ilhotas e transposto o longo promontório formado pelos últimos contrafortes da serra de Santa Maria, lançara-se nas águas do mar das Caraíbas, navegando para o norte, ou seja, na direcção das Grandes Antilhas. O mar estava calmo, apenas levemente encrespado pela brisa da manhã.

Não se via navio algum. Os homens de sentinela, que ficaram no convés, bem observavam, mas nenhuma embarcação se via passar no horizonte.

O receio de encontrar os terríveis piratas das Tartarugas retinha os navios espanhóis dentro dos portos de Caracas, de Iucatão, da Venezuela e das Grandes Antilhas, enquanto não se encontrassem em número para formar uma esquadra.

Apenas os navios bem armados e equipados por numerosas tripulações ousavam ainda atravessar o mar das Caraíbas ou o golfo do México, sabendo como sabiam, por experiência, quanta era a audácia daqueles intrépidos piratas que tinham desfraldado a sua bandeira na ilha das Tartarugas.

Durante aquele primeiro dia nada sucedera a bordo do Relâmpago, depois de terem sepultado o pobre Corsário Vermelho.

O comandante não comparecera no convés nem no tombadilho, deixando a direcção das manobras ao imediato. Fechara-se no seu beliche, e ninguém tivera mais notícias dele, nem mesmo Carmaux e Wan Stiller.

Sabia-se, todavia, que levara consigo o africano, ou assim o suspeitavam, pois que nem o negro se avistava, nem se encontrava nalgum recanto do navio nem na estiva.

O que estariam fazendo no beliche, fechados à chave, ninguém o poderia dizer, nem mesmo o imediato, porque Carmaux, que quisera interrogá-lo, recebera como resposta um repelão, acompanhado de um gesto quase ameaçador, que queria dizer: "Não indagues do que não é da tua conta, se tens amor à vida".

Caída a noite, enquanto o Relâmpago colhia parte do seu velame por causa dos golpes repentinos do vento, que naquelas paragens quase sempre ocasionam desgraças,

Carmaux e Wan Stiller viram finalmente assomar na escotilha da proa a cabeça lãzuda do africano.

- Lá vem o compadre! - exclamou Carmaux. - Ora sempre vamos saber se o patrão ainda está a bordo ou se foi conferenciar com os irmãos no fundo do mar. Aquele homem fúnebre é bem capaz disso.

- Estou por essa - disse Wan Stiller, sempre supersticioso. - Eu tenho-o mais por um espírito do mar do que por um homem de carne e osso como nós.

- Oh!, compadre! - disse Carmaux, ao negro. - Já era tempo de vires cumprimentar o compadre branco.

- Foi o patrão que me reteve - respondeu o africano.

- Há então grandes novidades? Que faz o comandante?

- Está mais triste do que nunca.

- Nunca o vi alegre, nem na Tartaruga; nunca o vi rir.

- Não se fartou de falar dos irmãos e de tremendas vinganças.

- Que cumprirá, compadre. O Corsário Negro é um homem que executará à risca o seu terrível juramento e eu não queria encontrar-me nos lençóis do governador de Maracaibo e de todos os seus parentes. Wan Guld deve sentir um ódio implacável contra o Corsário Negro, mas este ser-lhe-á fatal.

- E conhece-se o motivo desse ódio, compadre branco?

- Diz-se que é muito antigo e que Wan Guld tinha jurado vingar-se dos três corsários antes de ter vindo para a América e ter oferecido os seus serviços à Espanha.

- Quando estava na Europa?

- Sim.

- Ter-se-iam então conhecido antes?

- Assim se diz, pois que enquanto Wan Guld se fazia nomear governador de Maracaibo compareciam em frente da ilha das Tartarugas três grandes naus, comandadas pelo Corsário Negro, pelo Vermelho e pelo Verde. Eram três corsários, três belos homens, corajosos como leões e marinheiros audazes e intrépidos. O Corsário Verde era o mais novo e o Negro o mais idoso, mas em valor nenhum era inferior ao outro e no manejo das armas não tinham rivais entre todos os corsários das Tartarugas. Esses três marinheiros deviam em breve fazer tremer os espanhóis em todo o golfo do México. Eram sem conta os navios por eles saqueados e as cidades expugnadas: ninguém podia resistir às suas três naus, as mais belas, mais velozes e melhor armadas de toda a pirataria.

- Faço ideia - respondeu o africano. - Basta ver este navio.

- Mas vieram para eles tristes dias - prosseguiu Carmaux. - O Corsário Verde, tendo partido na sua nau para paragens desconhecidas, caía em meio de uma esquadra espanhola, era vencido numa luta titânica, preso, conduzido a Maracaibo e enforcado por Wan Guld.

- Lembro-me disso - interrompeu o negro. - Mas o cadáver não foi lançado às feras.

- Não, porque o Corsário Negro, acompanhado por alguns fiéis, conseguiu entrar de noite em Maracaibo e roubá-lo para o sepultar no mar.

- Sim, soube-se isso depois. Diz-se que Wan Guld, exasperado por não prender também o irmão, mandou fuzilar as quatro sentinelas incumbidas de velar pelos enforcados da Praça de Granada.

- Agora chegou a vez ao Corsário Vermelho e também este foi sepultado nos abismos do mar das Caraibas; mas o terceiro irmão é o mais temível e acabará por exterminar todos os Wan Guld da terra.

- Irá breve a Maracaibo, compadre. Pediu-me todas as informações para dirigir contra a cidade uma imensa frota.

- Pedro Nau, o terrível Olonês, ainda está nas Tartarugas e é amigo do Corsário Negro. Quem poderia resistir a estes dois homens? Demais...

Interrompeu-se e, tocando no negro e em Wan Stiller, que lhe estava à ilharga, escutando em silêncio, disse:

- Vede-o!... Não faz medo aquele homem? Parece o deus dos mares!

O corsário e o africano tinham dirigido o olhar para o tombadilho.

O Corsário Negro estava lá, vestido de preto como sempre, com o seu largo chapéu caído para a testa e a grande pluma flutuando.

De cabeça inclinada para o peito, braços cruzados, passeava lentamente pelo tombadilho, sozinho e sem produzir o menor ruído.

Morgan, o imediato, velava na extremidade do tombadilho, mas não ousou interrogar o seu capitão.

- Parece um espectro - murmurou baixo Wan Stiller.

- E Morgan não representaria mal de seu companheiro - disse Carmaux. - Se um é funéreo como a morte, o outro não é mais alegre. Encontraram-se ambos. Oh!...

Um grito ecoara nas trevas. Descia do alto da gávea do mastro grande, onde se distinguia vagamente uma forma humana.

Aquela voz tinha bradado duas vezes:

- Navio ao largo, a sotavento!

O Corsário Negro interrompeu o passeio. Ficou por momentos olhando, imóvel, para sotavento, mas encontrando-se tanto em baixo não podia lobrigar um navio que estava a seis ou sete milhas de distância.

Voltou-se para Morgan, que também se debruçara na amurada, dizendo-lhe:

- Manda apagar os faróis.

Os marinheiros da proa, recebida a ordem, apressaram-se a cobrir os dois grandes faróis acesos, um a bombordo e outro a estibordo.

- Gajeiro! - bradou o Corsário Negro, mal a escuridão foi completa a bordo. - Onde navega esse barco?

- Para o sul, comandante.

- Na costa da Venezuela?

- Creio que sim.

- A que distância?

- Cinco ou seis milhas.

O Corsário Negro debruçou-se no varandim e lançou esta ordem:

- Homens à coberta!

Em menos de meio minuto os cento e vinte corsários que constituíam a tripulação do Relâmpago estavam a postos.

Aqueles piratas, reunidos no golfo do México, vindos de todas as partes da Europa e recrutados entre a Ínfima canalha dos portos do mar da França, Itália, Holanda,

Alemanha e Inglaterra, dados a todos os vícios, mas descuidosos da morte e capazes dos maiores heroísmos e das mais incríveis audácias, nas naus corsárias tornavam-se mais submissos do que cordeiros, até se transformarem em tigres no combate.

Bem sabiam que o seu comandante não deixaria impune qualquer negligência e que a mais leve indisciplina seria castigada com um tiro de pistola na cabeça ou pelo menos com o abandono em alguma ilha deserta.

Quando o Corsário Negro viu todos os seus homens a postos, observando-os quase um a um, voltou-se para Morgan, o qual esperava ordens:

- Achas que aquele navio será...? - perguntou-Lhe.

- Espanhol, senhor - respondeu logo o imediato.

- Espanhóis! - exclamou o Corsário Negro com voz (cava.

- Será uma noite fatal para eles, e muitos não chegarão a ver o sol de amanhã.

- Assaltaremos aquele navio esta noite, senhor?

- Sim, metê-lo-emos a pique. No fundo do mar dormem meus irmãos, mas não dormirão sós.

- Pois seja, se assim o desejais, senhor.

Saltou para cima da amurada, segurando-se a um pateraz, e olhou para sotavento.

Em meio das trevas que cobriam o mar rumorejante, dois pontos luminosos, que não podiam ser confundidos com as estrelas que cintilavam no horizonte, corriam quase à flor da água.

- Estão a quatro milhas - disse.

- E continuam a seguir para o sul? - perguntou o Corsário Negro.

- Para Maracaíbo.

- O mal é deles. Dai ordem para virar de bordo e cortar o rumo àquele navio.

- E depois?

- Mandareis vir para o tombadilho cem granadas de mão, e mandareis assegurar tudo nas coxias e nos beliches.

- Meteremos a pique o espanhol?

- Meteremos, se puder ser.

- Perderemos os prisioneiros?

- Que me importam a mim os prisioneiros?

- Mas o navio pode levar riquezas.

- Na minha pátria ainda tenho castelos e valiosas propriedades.

- Falava pelos nossos homens.

- Para eles tenho eu ouro. Mandai virar de bordo.

à primeira ordem ouviu-se silvar a bordo do navio o apito do mestre. Os homens da manobra, com uma rapidez fulmínea e com perfeita concordância, largaram as velas enquanto o timoneiro tomava o braço do leme.

O Corsário Negro e Morgan não tinham deixado o tombadilho. Apoiados na travessa do varandim, um ao lado do outro, não perdiam de vista os dois pontos luminosos que sulcavam as trevas a menos de três milhas de distância.

Carmaux, Wan Stiller e o negro, todos três à proa, no castelo, conversavam baixo, observando ora o navio desconhecido que continuava tranquilamente a sua rota, ora o Corsário Negro.

- Má noite para aquela gente - dizia Carmaux. - Receio bem que o comandante, com aquele rancor que tem no coração, não deixe vivo um só espanhol.

- Mas está-me parecendo que aquela nau é de alto bordo - observou Wan Stiller, que media a altura dos faróis pela distância da água. - Oxalá não seja uma nau de linha que vá juntar-se à esquadra do almirante Toledo.

- Ora adeus!. . Não é coisa que assuste o Corsário Negro. Ainda não houve navio que resistisse ao seu Relâmpago, e, além disso, ouvi o comandante falar de o meter a Pique.

- Caluda!

A voz do Corsário Negro rompera subitamente o silêncio.

- Homens da manobra!... Largai cutelos!

Os gajeiros desdobraram imediatamente as velas suplementares das gáveas e joanetes.

- A todo o pano! - exclamou Carmaux. - Parece que o espanhol navega com toda a velocidade, para assim obrigar o Relâmpago a largar cutelos e varredouras!

- Se eu te digo que temos de haver-nos com uma nau de alto bordo - repetiu Wan Stiller. - Olha como tem a mastreação?

- Tanto melhor! Teremos bom fogo de parte a parte.

Naquele momento uma voz robusta ecoou no mar. Vinha do navio inimigo e o vento trouxera-a até bordo do navio corsário.

- Olá!.. Navio suspeito a bombordo!

No tombadilho do navio corsário viu-se o Corsário Negro inclinar-se para Morgan, como se lhe dissesse alguma coisa em segredo, e depois afastar-se, bradando:

- Vou tomar o leme!... Homens do mar, avante!

Os dois navios distavam um do outro apenas uma milha, mas ambos deviam ser dotados de extraordinária velocidade, porque a distância não parecia diminuir.

Decorrera meia hora quando, no navio que se julgava ser espanhol, se viu um clarão iluminar fugazmente o convés e parte da mastreação, e logo uma fragorosa detonação ecoou sobre as negras vagas, perdendo-se nos horizontes longínquos, com um estampido cavo e prolongado.

Um momento depois, um sibilo bem conhecido dos corsários ouviu-se no ar, e logo um enorme jacto de água se levantou a vinte braças da proa do navio corsário.

Nenhuma voz se ergueu entre a tripulação. Apenas um sorriso desdenhoso aflorou aos lábios do Corsário Negro, ante aquele primeiro emissário da morte.

O navio inimigo, depois daquele primeiro tiro de canhão, que significava um convite ameaçador para não o seguir mais, tomou resolutamente o rumo do golfo de Maracaibo.

O Corsário Negro, dando por aquela nova direcção, voltou-se para Morgan, que estava encostado à amurada, e disse:

- À proa!

- Começa o fogo?
- Ainda não; está muito escuro. Preparai tudo para a abordagem.
- Abordamos?
- Veremos.

Morgan desceu do tombadilho, chamou o mestre e dirigiu-se para a proa, onde quarenta homens estavam formados no castelo com as machadas de abordagem ao seu alcance e as espingardas em punho.

- A pé! - Comandou.

A esta e outras ordens incisivas, os quarenta homens da proa puseram-se à manobra silenciosamente, sem confusão, sob a vigilância do imediato.

Aqueles homens, se temiam o Corsário Negro, não tinham menos medo de Morgan, tão audaz como o chefe, corajoso e decidido a tudo.

Morgan, inglês de nação, tinha chegado recentemente à América, mas desde logo se destacara pelo seu espírito empreendedor e pela sua rara energia e audácia. Já havia feito as suas provas, soberbamente, sob as ordens do famigerado corsário Mansfield, mas devia mais tarde sobrelevar pela coragem e pelo valor todos os famosos corsários da ilha das Tartarugas, com as célebres expedições do Panamá e com a expugnação, que antes se julgara inexecutável, daquela cidade, rainha do Oceano Pacífico.

Dotado de robustez excepcional e de força assombrosa, formoso de feições e generoso de carácter, com um olhar agudo que tinha não sei que misterioso dom fascinador, também ele, como o Corsário Negro, sabia impor-se àqueles rudes marinheiros.

Sob as suas ordens, em menos de vinte minutos foram elevadas duas fortes barricadas, a bombordo e a estibordo, uma diante do mastro do traquete, e outra diante do mastro grande, compostas de traves e barricas cheias de ferragens, destinadas a proteger o tombadilho e o castelo de popa, no caso em que os inimigos assaltassem o convés.

Cinquenta granadas de mão foram colocadas por detrás das traves.

Quando tudo ficou pronto, Morgan fez recolher os homens à ré, e pôs-se ele de observação à beira do gurupés, com uma das mãos no punho da espada e a outra na coronha da pistola que trazia na cinta.

O navio adversário não estava então a mais de seiscentos ou setecentos metros. O Relâmpago, justificando plenamente o nome, ganhava caminho, e preparava-se para cair-lhe em cima com um choque tremendo, irresistível.

O navio espanhol podia distinguir-se nos seus mínimos pormenores, conquanto a noite estivesse escura, à falta de luar.

Conforme Wan Stiller o havia suspeitado, era um navio de linha, de aspecto imponente, um verdadeiro navio de guerra, talvez formidavelmente armado e equipado por numerosa e aguerrida tripulação.

Outro que não fosse o Corsário das Tartarugas ter-se-ia absterido de o acometer; mesmo vencendo, bem pouco encontraria que saquear, visto que aqueles intrépidos piratas tinham sobretudo a peito atacar os navios mercantes ou os galeões carregados de tesouros provenientes das minas do México, do Iucatão e da Venezuela. Mas não pensava de semelhante modo o Corsário Negro, homem que não se importava com riquezas.

Via talvez naquele navio um poderoso aliado de Wan Guld, que mais tarde poderia embaraçar os seus intentos, e preparava-se para o acometer antes que fosse reforçar a esquadra do almirante Toledo, ou defender Maracaibo.

A quinhentos metros, o navio espanhol, vendo-se obstinadamente perseguido, e não duvidando já dos sinistros propósitos do navio corsário, disparou segundo tiro de canhão.

Desta feita a bala não se perdeu no mar. Passou entre as velas do joanete e da gávea e foi cortar a extremidade do mastro de mezena, fazendo cair a bandeira negra dos corsários.

Os dois contramestres da artilharia do tombadilho voltaram-se para o Corsário Negro, que permanecia ao leme, empunhando o porta-voz, e perguntaram:

- Começamos, comandante?
- Ainda não - respondeu o Corsário Negro.

Terceiro tiro de canhão ecoou no mar, mais forte que os outros dois, e uma terceira bala sibilou entre os aparelhos do navio corsário, arrombando a amurada da popa, a três passos apenas do leme.

Outro sorriso sardónico aflorou aos lábios do audaz corsário, mas nenhuma ordem saiu da sua boca.

O Relâmpago precipitava a carreira, mostrando ao navio inimigo o seu alto esporão, o qual fendia o mar com um sussurro cavo, impaciente por penetrar, com um rasgão tremendo, no bojo do navio espanhol.

Subitamente um clamor enorme reboou nas trevas.

Ouviram-se brados de terror e ordens precipitadas no navio inimigo.

Uma voz imperiosa dominou por um momento o tumulto, talvez a do comandante.

- Vira a bombordo... Apoia todo o leme!...

- Descarga geral! . . .

Fragoroso estampido rebentou a bordo do navio de linha, enquanto enormes clarões iluminaram a noite. As sete peças de estibordo e os dois canhões de curso do convés vomitaram os seus projecteis sobre o navio corsário.

Sibilam as balas por entre os homens, atravessam as velas, cortam cabos, cravam-se na querena ou arrombam as amuradas, mas não sustêm o avanço do Relâmpago.

Governado pelo braço robusto do Corsário Negro, cai com todo o impeto sobre o grande navio. Felizmente para este, uma rápida metida de leme, pelo piloto, salva-o de uma pavorosa catástrofe.

Desviado repentinamente da sua linha, vira a bombordo, fugindo por milagre à esporoadá que devia metê-lo no fundo com o flanco aberto:

O Relâmpago passa então onde, um momento antes, estava a popa do navio adversário. Toca-lhe no flanco, abalroando com um estampido seco que se repercute nas profundidades do porão, despedaça a verga da mezena e parte da coroa - mas nada mais.

O navio corsário, tendo falhado o golpe, prossegue a sua carreira veloz e some-se nas trevas sem ter dado indício de ser tripulado por

numerosa marinhagem e de estar formidavelmente armado.

- Raios de Hamburgo!... - exclamou Wan Stiller, que tinha reprimido a respiração, contando com um tremendo choque. - Ora podem gabar-se os espanhóis de ter escapado de boa. É o que se pode dizer estar em sorte.

- Não dava uma cachimbada pelos homens que tripulam o navio - respondeu Carmaux. - Já me parecia vê-los mergulhar nos abismos do grande golfo.

- Achas que o comandante tentará outra vez o ataque?

- Os espanhóis hão-de pôr-se agora em guarda e apresentar-se-ão de proa.

- E bombardeiam-nos lentamente. Se fosse de dia, aquela descarga podia ter-nos sido fatal.

- Enquanto que assim, só nos causaram estragos insignificantes.

- Caluda, Carmaux!...

- Que há?.. .

O Corsário Negro tinha levado à boca o porta-voz e bradara:

- Prestes a virar de bordo!

- Voltamos à carga? - perguntou a si mesmo Wan Stiller.

- Por Baco!... Não deixa certamente safar-se o navio espanhol - observou Carmaux.

- Parece-me que o navio não está com tenções de se safar.

Era exacto. O navio espanhol, em vez de prosseguir na carreira, tinha parado, atravessando-se, como se tivesse decidido aceitar batalha.

Mas virava vagarosamente de bordo, apresentando o esporão para evitar a investida.

Também o Relâmpago tinha virado de bordo a duas milhas de distância; mas, em vez de atacar de novo o adversário, descrevia em volta dele um grande círculo, mantendo-se em todo o caso fora do alcance da artilharia.

- Já percebo - disse Carmaux. - O nosso comandante quer aguardar a madrugada antes de travar a luta e arrojarse à abordagem.

- E impedir os espanhóis de continuarem o seu rumo para Maracaibo - acrescentou Wan Stiller.

- É isso, exactamente. Meu amigo, preparemo-nos para um combate desesperado, e como é costume entre corsários, se eu tiver de ser cortado em dois por alguma bala de canhão ou morto no convés do navio inimigo, nomeio-te herdeiro da minha modesta fortuna.

- Que monta a...? - perguntou Wan Stiller, rindo.

- A duas esmeraldas, que valem pelo menos quinhentas piastras cada uma, e que trago cosidas no forro do meu jaleco.

- Chega para me divertir uma semana nas Tartarugas. Eu nomeio-te meu herdeiro, mas previno-te de que apenas possuo dois dobrões, cosidos na minha cinta.

- Chegam para beber duas garrafas de vinho de Espanha à tua memória, amigo.

- Obrigado, Carmaux; fico sossegado e posso esperar a morte com toda a serenidade.

Toda a noite o navio corsário continuou a girar em volta do navio espanhol, sem responder aos tiros de canhão que de quando em quando este disparava, mas sem nenhum resultado. Porém, quando as estrelas começaram a desmaiar e os primeiros alvares da madrugada tingiram as águas do golfo, a voz do Corsário Negro tornou a fazer-se ouvir:

- Homens do mar! - bradou. - Cada qual ao seu posto de combate.... Iça a minha bandeira!...

Três formidáveis hurras ecoaram a bordo do navio corsário, seguidos do troar dos dois canhões de corso.

O navio de linha largara pano novamente, e marchava de encontro ao navio corsário. Devia ser tripulado por homens valorosos e resolutos, porque geralmente as naus espanholas procuravam fugir aos ataques dos corsários das Tartarugas, sabendo por experiência própria a casta de adversários com que tinham de haver-se.

A uns mil metros recomeçou o canhoneio com grande fúria. Dando bordos, ora descarregava as peças de estibordo ora as de bombordo, cobrindo-se de fumo e chamas.

Era um grande navio de três pontes, com mastreação de nau, de bordo muito alto, e munido de catorze bocas de fogo, uma

verdadeira nau de guerra, talvez pedida por alguma necessidade urgente pela esquadra do almirante Toledo.

No castelo da proa via-se o comandante, de grande uniforme, espada em punho, cercado pelos seus oficiais, enquanto na coberta se distinguia avultado número de marinheiros.

Com o pavilhão da Espanha içado no mastro grande, aquele poderoso navio dirigia-se para o Relâmpago, troando terrivelmente.

O navio corsário, conquanto mais pequeno, não se deixava atemorizar por aquela chuva de balas. Apressava a marcha, respondendo com os seus canhões de curso, e aguardando talvez o momento oportuno para descarregar as doze peças das portinholas.

A quatrocentos metros os fuzileiros vieram auxiliar os dois canhões da popa, metralhando a tolda do navio inimigo.

Aquele fogo devia em breve tornar-se desastrosíssimo para os espanhóis, porque, como dissemos, os corsários quase nunca erravam os tiros, tendo sido antes bucaneiros, ou seja, caçadores de bois bravos.

As balas daqueles grossos arcabuzes faziam realmente bem maiores estragos que o fogo dos canhões. Os homens da nau caíam às dúzias ao longo das amuradas e caíam também os artilheiros das peças de popa e os oficiais do tombadilho.

Dez minutos bastaram para que não ficasse viva nem uma pessoa sequer. Até o comandante caíra no meio dos seus oficiais, antes ainda que os dois navios se abordassem.

Restavam, porém, os homens das baterias, bem mais numerosos do que os da tolda. A vitória, era, pois, ainda disputável.

A vinte metros um do outro, os dois navios viraram de bordo bruscamente. Neste momento, a voz do Corsário Negro trovejou, dominando o troar da artilharia.

- Ferra a mestra e a gávea, iça o traquete, caça a mezena...

O Relâmpago deslocou-se velozmente sob uma forte metida de leme e foi envolver o seu gurupés entre as enxárcias da mezena do navio espanhol.

O Corsário Negro saltara do castelo de popa, de espada na mão direita e pistola na esquerda.

- Homens do mar! à abordagem!

11

A DUQUESA FLAMENGA

Ao verem o seu comandante e Morgan lançarem-se à abordagem do navio que não podia fugir, os corsários precipitaram-se como um só homem.

Largando as espingardas e empunhando as machadas de abordagem e as pistolas, faziam enorme alarido para produzir maior terror.

As abalroas foram rapidamente lançadas para melhor aproximar os dois navios. Mas os marinheiros que primeiro chegaram ao pé do mastro do gurupés, atiraram-se impacientes sobre as enxárcias e agarrando-se aos cabos e descendo pelo cordame, deixaram-se cair no convés do navio.

Mas, chegados ai logo se encontraram ante uma resistência inesperada. Das escotilhas subiam impetuosamente os espanhóis das baterias, de armas em punho.

Eram cem, pelo menos, comandados por alguns oficiais e pelos mestres e contramestres artilheiros.

Num abrir e fechar de olhos espalham-se pelo convés, sobem ao tombadilho, caindo em cima dos primeiros corpos, enquanto outros se precipitam sobre o castelo de popa e descarregam à queima-roupa os dois canhões, atravessando o convés do navio corsário com um furacão de metralha.

O Corsário Negro não hesitou mais. Os dois navios estavam então bordo contra bordo, pois tinham sido atestadas as cordas das abalroas.

De um salto transpõe as amuradas e lança-se na tolda do navio inimigo, bradando:

- A mim, corsários!

Morgan segue-o e após ele precipitam-se os fuzileiros, enquanto os gajeiros alcandorados nas gáveas, nas vergas e nos enfrechates arremessam granadas para o meio dos espanhóis e fazem um fogo infernal com as espingardas e com as pistolas.

A luta torna-se medonha, terrível!

O Corsário Negro arrasta por três vezes os seus homens ao castelo de popa, onde se juntaram sessenta espanhóis, que varrem a toda a pressa com os canhões; por três vezes é repellido, enquanto Morgan não consegue subir ao tombadilho.

De ambos os lados se combate com igual furor. Os espanhóis, que já sofreram perdas desastrosas causadas pelo fogo dos arcabuzeiros, a quem já são inferiores em número, resistem heroicamente, decididos a fazer-se matar antes que render-se.

As granadas de mão, despedidas pelos gajeiros das gáveas do navio corsário, abrem brechas nas filas, mas eles não retrocedem. Os mortos e os feridos amontoam-se em volta, mas o grande pavilhão espanhol continua a tremular impávido no alto do mastro grande, com a sua cruz pompeante aos primeiros raios do Sol. Mas semelhante resistência não devia durar muito. Os corsários, enfurecidos pela obstinação dos inimigos, atiram-se uma última vez ao assalto do castelo da popa e do tombadilho, guiados pelos seus comandantes, que combatem na frente.

O Corsário Negro rasga aquela massa de corpos humanos e irrompe no meio do último grupo de combatentes. Larga a machada de abordagem e empunha uma espada.

A lâmina da espada silva, bate e rebate os ferros que tentam atingir-lhe o peito e fere à direita, à esquerda e para a frente. Ninguém pode resistir àquele braço, e ninguém pode aparar os seus botes. Abre-se-lhe um espaço em volta e encontra-se no meio de um amontoado de cadáveres, com os pés no sangue, que corre como um rio pelo plano inclinado do tombadilho.

Morgan acudia neste momento com um bando de corsários.

Expugnara o castelo de proa e preparava-se para trocidar os poucos sobreviventes que defendiam com o furor do desespero o pavilhão tremulante no alto da mezena.

- Sobre estes últimos! - bramiu ele.

O Corsário Negro deteve-o, gritando:

- Homens do mar! O Corsário Negro vence, mas não assassina!

O impulso dos corsários suspendera-se e as armas prestes a ferir tinham-se baixado.

- Rendei-vos! - bradou o Corsário Negro, avançando para os espanhóis agrupados à volta da barra do leme. - Salva-se a vida aos valentes!

O contramestre, o único que sobrevivera de entre os graduados, avançou, largando a machada tinta de sangue.

- Estamos vencidos - disse com voz rouca. - Fazei de nós o que quiserdes.

- Tomai de novo o vosso machado, contramestre - respondeu nobremente o Corsário Negro. - Homens tão valorosos, que defendem com tanto ardor a bandeira da pátria distante, merecem a minha estima.

Depois olhou para os sobreviventes, sem reparar no espanto do contramestre, espanto natural, visto que, naqueles combates, raro os corsários dão quartel aos vencidos, e menos a liberdade sem resgate.

Dos defensores do navio de linha apenas restavam dezoito marinheiros e quase todos feridos. Já tinham largado as armas e aguardavam com triste resignação a sua sorte.

- Morgan - disse o Corsário Negro -, manda arriar o escaler grande com mantimentos suficientes para uma semana.

- Quer deixar livres todos esses homens? - perguntou o imediato, com certo ar de exprobração.

- Sim. Apraz-me premiar a coragem infeliz.

O contramestre, ao ouvir aquelas palavras, adiantara-se, dizendo:

- Obrigado, comandante. Nunca esqueceremos a generosidade daquele que se chama o Corsário Negro.

- Deixai-vos de agradecimentos e respondi-me.

- Falai, comandante.

- De onde vindes?

- De Vera Cruz.

- Aonde vos dirigis?

- A Maracaibo.
- Espera-vos o governador? - perguntou o Corsário Negro, carregando o sobreceño.

- Ignoro-o, senhor. Só o capitão poderia responder-vos, e esse . .

- Tendes razão. A que esquadra pertencia a vossa nau?

- À do almirante Toledo.

- Tendes alguma carga no porão?

- Balas e pólvora.

- Ide, estais livres.

O contramestre, em vez de obedecer, encarou-o com certo embaraço que não escapou aos olhos do Corsário Negro.

- Que quereis dizer-me? - perguntou este.

- Que há outras pessoas a bordo, comandante.

- Prisioneiros, talvez?

- Não; mulheres e pajens.

- Onde estão?

- Na câmara da popa.

- Quem são essas mulheres?

- O capitão não no-lo disse; mas parece que uma delas é dama de alta linhagem, uma duquesa, creio.

- Neste navio de guerra? - exclamou o Corsário Negro com espanto. - Onde embarcou?

- Em Vera Cruz.

- Está bem. Irá connosco para a ilha das Tartarugas, e se quiser a liberdade terá de pagar o resgate que a minha tripulação estipular. Podem partir, valorosos defensores do vosso navio, desejei-vos que chegueis à costa.

- Obrigado, senhor.

O grande escaler fora arriado e provido de mantimentos para oito dias, algumas espingardas e uma certa quantidade de cargas.

O contramestre e os seus dezoito marinheiros desceram à embarcação enquanto o grande pavilhão da Espanha era arriado do mastro grande, ao mesmo tempo que a bandeira que tremulava no extremo da mezena, e eram içadas as bandeiras do Corsário Negro, saudadas por dois tiros de canhão.

O Corsário Negro subiu à proa e observou o grande escaler que se afastava rapidamente, dirigindo-se para o sul, isto é, para onde se abria a grande baía de Maracaibo.

Quando o escaler já estava longe, desceu ao convés, murmurando:

- E são aqueles os homens do traidor!...

Observou a sua tripulação, que estava ocupada em transportar os feridos para a enfermaria de bordo e em meter os cadáveres nas macas para os deitar ao mar, e fez sinal a Morgan para que se aproximasse.

- Dizei aos meus homens - ordenou-lhe - que lhes cedo a parte que me toca na venda deste navio.

- Senhor! - exclamou o imediato, surpreendido. - Esta nau vale muitos milhões de piastras, bem o sabeis.

- E que me importa a mim o dinheiro? - respondeu o Corsário Negro com desprezo. - Eu faço a guerra por motivos pessoais, e não pela cobiça das riquezas. Além disso, Já tive a minha parte.

- Não é exacto, senhor.

- É, sim; os dezanove prisioneiros que não quis conduzir às Tartarugas deviam ter pago o resgate para obter a liberdade.

- Valiam bem pouco, esses.

- Basta-me isso. Diz, pois, aos meus homens que estipulem o resgate pela duquesa que se encontra a bordo deste navio. O governador de Vera Cruz e o de Maracaibo pagarão, se quiserem vê-la livre.

- Os nossos homens apreciam o dinheiro, mas apreciam ainda mais o seu comandante, e ceder-vos-ão também os prisioneiros da câmara.

- Veremos - respondeu o Corsário Negro, erguendo os ombros.

Ia a dirigir-se para a popa quando a porta da câmara se abriu repentinamente e uma dama muito nova assomou, seguida de duas mulheres e dois pajens elegantemente vestidos.

Era bela e juvenil, alta, de cútis finíssima, de um branco levemente rosado. Tinha cabelos de um louro pálido.

Essa donzela, pois que o devia ser, visto que ainda não tinha formas desenvolvidas de mulher, ostentava elegante vestido de

seda azul, de grande gola, como era moda na época, mas muito simples; no pescoço trazia vários fios de enormes pérolas, que deviam ter custado alguns milhares de piastras, e nas orelhas duas soberbas esmeraldas, pedras muito apreciadas naquele tempo.

As duas mulheres que a acompanhavam, duas criadas, sem dúvida, eram mulatas, também formosas, de pele levemente bronzada, e mulatos eram também os pajens.

A donzela, vendo o convés do navio juncado de cadáveres e de feridos, de aparelhos despedaçados e de balas de canhão, e por toda a parte manchas de sangue, fez um gesto de repugnância e quis regressar à câmara para se subtrair àquele espectáculo horrível; mas vendo o Corsário Negro, que havia parado a quatro passos de distância, perguntou-lhe com expressão de desgosto:

- Que se passou aqui, senhor?

- Podeis fazer ideia, senhora - respondeu o Corsário Negro, inclinando-se. - Uma tremenda batalha que acabou mal para os nossos adversários.

- E quem sois vós?

O Corsário Negro arremessou de si a espada ensanguentada, que ainda não tinha deposto, e tirando galantemente o largo chapéu emplumado disse-lhe com extrema polidez:

- Sou um fidalgo de além-mar, senhora.

- Isso não me explica quem sois - disse ela, um pouco reconciliada pela amabilidade do Corsário Negro.

- Nesse caso, acrescentarei que sou o cavaleiro Emilio da Rocha Negra, senhor de Valpenta e Vintemilhas, mas que uso um nome especial.

- E qual, cavaleiro?

- Corsário Negro.

Ao ouvir tal nome, um frémito de terror passou pelo formoso rosto da donzela, e a cor rosada da sua pele desapareceu, tornando-se branca como o alabastro.

- O Corsário Negro! - murmurou, encarando-o aterrada. - O terrível corsário da ilha das Tartarugas, o formidável inimigo dos espanhóis...

- Talvez vos enganeis, senhora. Posso combater os espanhóis, mas não tenho razões para os odiar, e ainda há pouco o demonstrei aos sobreviventes deste navio. Vedes além, onde o mar se confunde com o céu, aquele ponto negro que parece perdido no espaço? É um escaler tripulado por dezanove marinheiros espanhóis e que eu deixei livres, enquanto por direito de guerra podia tê-los trucidado ou conservado prisioneiros.

- Acaso terão mentido aqueles que vos pintavam como o mais temível corsário das Tartarugas?

- Talvez - respondeu o Corsário.

- E que tencionais fazer de mim, cavaleiro?

- Antes de tudo, uma pergunta.

- Dizei, senhor.

- Vós sois . . .

- Flamengo.

- Duquesa, segundo me disseram.

- Exactamente, cavaleiro - respondeu ela, sem ter podido reprimir um gesto de mau humor, como se lhe tivesse desagradado que se soubesse qual era a sua elevada posição.

- O vosso nome, se não vos custa dizê-lo...

- É preciso?...

- É necessário que eu saiba quem sois, se quereis readquirir a liberdade.

- A liberdade!... Ah, sim! Esquecia-me que sou vossa prisioneira.

- Não, minha senhora; sois prisioneira dos corsários.

Se se tratasse apenas de mim, poria à vossa disposição o meu melhor escaler e os meus mais fiéis marinheiros, e fazer-vos-ia desembarcar no porto mais próximo; mas eu não posso subtrair-me às leis que nos governam.

- Obrigada - disse ela, com um adorável sorriso. - Ter-me-ia parecido estranho que um fidalgo descendente dos cavalheirescos duques de Sabóia se tivesse feito salteador dos mares.

- A expressão pode ser rude para os corsários - disse ele, com manifesto despeito. - Salteadores dos mares!... Eh!, quantos vingadores há entre eles! Quem sabe se algum dia não sabereis o

motivo pelo qual um gentil-homem da casa dos duques de Sabóia veio sulcar as águas do grande golfo mexicano!... O vosso nome, senhora?

- Honorata Willerman, duquesa de Weltendrem.

- Está bem, senhora. Retirai-vos para a câmara, pois que temos de proceder a uma triste operação: dar sepultura aos valentes caídos na luta. Esta tarde espero-vos ao jantar, a bordo do meu navio.

- Obrigada, cavaleiro - disse ela, estendendo-lhe a mão alva, pequena como a de uma criança e de dedos afilados.

Fez uma leve reverência, e retirou-se vagarosamente, mas antes de entrar de novo na câmara voltou-se e vendo que o Corsário Negro ficara imóvel no seu sitio, com o chapéu ainda na mão, sorriu-se para ele uma última vez.

A PRIMEIRA CHAMA

O terrível combate entre o navio corsário e a nau de linha fora desastroso para ambas as tripulações. Mais de duzentos cadáveres obstruíam o convés.

Cento e sessenta homens havia perdido a nau espanhola e quarenta o navio corsário, além de vinte e sete feridos que foram transportados para a enfermaria do Relâmpago.

Os navios ficaram muito danificados pelo canhoneio. O Relâmpago, mercê da rapidez do seu ataque e das suas manobras expeditas, apenas perdera duas vergas, facilmente substituíveis, pois que estava bem prevenido de aparelhos, e ficara com as amuradas e as enxárcias maltratadas; por sua parte, a nau espanhola ficara em péssimo estado e quase incapaz de navegar.

O leme fora despedaçado por uma bala de canhão; o mastro grande ameaçava cair ao mínimo esforço das velas; a mezena perdera as enxárcias e as amuradas haviam sofrido bastante.

Todavia, ainda era uma bela nau, que, consertada, podia ser vendida com grande proveito dos corsários, tanto mais que possuía numerosas bocas de fogo e abundantes munições, coisas muito procuradas pelos corsários, a quem geralmente faltavam umas e outras.

A triste cerimónia da desobstrução da tolda foi rapidamente executada. Os cadáveres, reunidos aos pares nas macas, com uma bala de canhão aos pés, foram sepultados nos abismos do golfo, depois de serem despojados de todos os valores que tinham consigo.

Terminada aquela lúgubre tarefa, a tripulação, sob a direcção do mestre e do contramestre, desobstruiu a tolda dos destroços, lavou

o sangue com torrentes de água e procedeu à substituição dos aparelhos estragados pela metralha.

Foi preciso apear o mastro grande da nau de linha, reforçar vigorosamente o de mezena e colocar no lugar do leme um remo de enormes dimensões, visto não haver um leme sobresselente na câmara dos carpinteiros.

Com tudo isto ainda o navio não estava em condições de navegar e foi decidido que o Relâmpago o levaria a reboque, mesmo porque o Corsário Negro não queria dividir a tripulação, agora muito reduzida.

Foi lançado um grosso cabo à popa do Relâmpago, e ao pôr do Sol os corsários punham-se de novo à vela, navegando devagar para o norte, pressurosos de alcançar sitio seguro na sua formidável ilha.

O Corsário Negro, dadas as últimas ordens para a noite, recomendou que se dobrassem os homens de guarda, pois não se sentia inteiramente seguro a tão pequena distância da costa venezuelana, e ordenou ao negro e a Carmaux que fossem à nau espanhola buscar a duquesa flamenga.

Enquanto os dois homens, descendo a uma embarcação que fora arriada, se dirigiam para a nau que o Relâmpago rebocava, o

Corsário Negro pusera-se a passear na tolda, com certos movimentos que indicavam até que ponto estava dominado por uma viva agitação e profundamente preocupado.

Contrariamente a seus hábitos, estava inquieto, nervoso; interrompia o passeio, parando, como se algum pensamento o atormentasse; abeirava-se de Morgan, que vigiava no tombadilho, como se intentasse fazer-lhe alguma comunicação, mas, em vez disso, voltava-lhe as costas e afastava-se para a popa.

Estava, no entanto, tético como sempre, talvez ainda mais triste do que costume.

Mas quando ouviu no flanco direito o choque sonoro do escaler que regressava da nau espanhola, afastou-se precipitadamente do tombadilho e parou no alto da escada de bombordo.

Honorata subia, ligeira como uma alvéola, sem se apoiar no corrimão. Vinha vestida como de manhã, mas trazia na cabeça uma

manta de seda multicolor, bordada a ouro.

O Corsário Negro esperava-a de chapéu na mão.

- Agradeço-vos, senhora, o terdes vindo para o meu navio - disse ele.

- Eu é que devo agradecer-vos, cavaleiro, o terdes-me recebido no vosso corsário - respondeu ela, inclinando gentilmente a cabeça.

- Não esqueçais que sou uma prisioneira.

- A cortesia não é desconhecida mesmo entre os salteadores do mar - replicou o Corsário Negro, com uma pontinha de ironia.

- Ainda estais ressentido com as palavras que proferi esta manhã?

O Corsário Negro não respondeu, limitando-se a convidá-la com um gesto a que o seguisse.

- Antes, uma pergunta, cavaleiro - disse ela, detendo-o.

- Dizei.

- Não vos desgosta que eu tenha trazido comigo uma das minhas criadas?

- Não, senhora; julguei até que viessem ambas.

Ofereceu-lhe galantemente o braço e conduziu-a à popa do navio, fazendo-a entrar na sua câmara.

Aquele pequeno recinto situado sob o castelo de popa, ao nível do convés, estava mobilado com tal requinte de elegância que maravilhou a própria duquesa.

Via-se que o Corsário Negro não renunciara a todas as comodidades.

As paredes da câmara estavam forradas de seda azul bordada a ouro e adornadas de grandes espelhos de Veneza; o pavimento ocultava-se sob um macio tapete oriental, e as amplas janelas que davam para o mar eram resguardadas por leves cortinas de cassa.

Aos cantos havia quatro prateleiras cheias de baixela de prata; no meio, uma mesa luxuosamente preparada e coberta com uma rica toalha da Flandres, e à volta cómodas cadeiras estofadas de veludo azul, com ornatos de metal.

Dois grandes e artísticos candelabros de prata iluminavam a saleta, fazendo cintilar os espelhos e um feixe de armas cruzadas sobre a porta.

O Corsário Negro convidou a jovem flamenga e a mulata que a acompanhava a sentarem-se, e depois sentou-se ele defronte, enquanto Moko, o hércúleo negro, servia a ceia em travessas de prata que tinham gravado um estranho brasão, talvez o do comandante, pois que figurava uma rocha sobreposta de quatro águias e um desenho indecifrável.

A refeição, composta na maior parte de peixe fresco, delicadamente cozinhado de várias formas pelo cozinheiro de bordo, de carnes de conserva, doce e frutas, acompanhada por escolhidos vinhos de Itália e Espanha, terminou em silêncio, pois que nem uma palavra saíra dos lábios do Corsário Negro, nem a jovem flamenga ousara tirá-lo das suas preocupações.

Depois de servido o chocolate, segundo o uso espanhol, em minúsculas xicaras de porcelana, o comandante decidiu-se a quebrar o silêncio.

- Perdoai, senhora - disse ele, encarando a sua formosa comensal. - Perdoai se me mostrei muito preocupado durante a ceia, e vos fiz péssima companhia, mas, quando vem a noite, sinto muitas vezes que uma profunda tristeza se apodera da minha alma, e o meu pensamento desce ao fundo do grande golfo e voa aos nebulosos países banhados pelo mar do Norte. Que quereis? São tantas e tão dolorosas as lembranças que me povoam a mente e me torturam o coração!

- A vós! O mais audaz corsário? - exclamou a dama, com espanto. - Vós, que fazeis o corso, que tendes um navio que vence a mais poderosa nau, homens intrépidos que a um sinal vosso se fazem matar; vós, que tendes riquezas e sois um dos mais formidáveis chefes dos irmãos da costa... vós, viveis amargurado?

- Reparai no fato que visto e pensai no nome que uso.

Não terá tudo isto alguma coisa de macabro?

- É verdade - respondeu a duquesa, impressionada por estas palavras. - Vestis um fato sombrio como a noite e os corsários dão-vos um nome tenebroso. Em Vera Cruz, onde passei algum tempo em casa do marquês de Herédia, ouvi contar a vosso respeito inúmeras histórias aterradoras.

- E que histórias, senhora? - perguntou o Corsário Negro, com um sorriso irónico, enquanto os olhos se lhe animavam de fulgor sinistro e se fixavam nos da duquesa, como se pretendesse ler-Lhe no intimo da alma.

- Ouvi contar que o Corsário Negro tinha atravessado o Atlântico juntamente com seus dois irmãos, que vestiam fato verde, um deles, e fato vermelho, o outro, para executar uma terrível vingança.

- Ah!... - fez o Corsário Negro, cuja fronte se anuviava.

- Disseram-me que sois um homem sempre triste, que, quando as tempestades se desencadeavam nas Antilhas, parteis para o mar a despeito das ondas e dos ventos, e que sulcáveis sem temor o grande golfo, afrontando as iras da Natureza, protegido pelos espiritos infernais.

- E depois? - perguntou ainda, numa voz quase estridula.

- Depois... que os dois corsários, de vestes vermelha e verde, tinham sido enforcados por um homem que era vosso mortal inimigo e que...

- Continuai... senhora...

Em vez de concluir a frase, a duquesa calara-se, observando-o com certa inquietação.

- Então? Porque vos interrompeis? - perguntou ele.

- Não me atrevo... - respondeu ela, hesitante.

- Porventura causo-vos medo?

- Não, mas...

Depois, erguendo-se, perguntou-Lhe de repente:

- É certo que evocais os mortos?

Neste momento ouviu-se quebrar a bombordo do navio uma grande vaga, cujo fragor se repercutiu lugubrememente nas profundezas do porão, enquanto alguns flocos de espuma atingiam a janela da câmara, banhando as cortinas.

O Corsário Negro erguera-se precipitadamente, pálido como um cadáver. Envolveu a dama num olhar cintilante, que exprimia ao mesmo tempo uma profunda comoção, depois abeirou-se de uma das janelas e debruçou-se.

O mar estava calmo e cintilante sob os raios pálidos do astro da noite. A ligeira brisa que enfunava as velas do Relâmpago mal encrespava aquela vastíssima superfície.

No entanto, a bombordo via-se espumar ainda a água de encontro ao flanco do navio, como se uma grande vaga, levantada por força misteriosa ou por algum fenómeno inexplicável, ai se tivesse desfeito.

O Corsário Negro, imóvel em frente da janela, de braços cruzados como era de seu costume, continuava a observar o mar sem proferir uma palavra. Dir-se-ia que com os seus olhos coruscantes queria sondar as profundezas do mar das Caraíbas.

A duquesa abeirou-se dele silenciosamente, mas estava também muito pálida.

- Que estais observando, cavaleiro?

O Corsário Negro pareceu não a ter ouvido, pois que não respondeu.

- Em que pensais? - acrescentou ela.

Desta vez o corsário estremeceu.

- Perguntava a mim mesmo - respondeu em voz lúgubre -, se será possível que os mortos, no fundo do Oceano, possam abandonar os abismos profundos onde repousam e subir à superfície.

A duquesa estremeceu.

- De que mortos quereis falar? - perguntou-lhe, após alguns momentos de silêncio.

- Daqueles que morreram e ainda não foram vingados.

- Vossos irmãos?

- Talvez. - respondeu o Corsário Negro em voz sumida.

Depois, voltando para a mesa e enchendo dois cálices de vinho branco, disse com um sorriso forçado que contrastava com o aspecto do seu rosto:

- À vossa saúde, senhora. Já anoiteceu há algumas horas, e deveis voltar para o vosso navio.

- A noite está serena, cavaleiro, e nenhum perigo ameaça o escaler que deve conduzir-me - replicou ela.

O olhar do Corsário Negro, até esse momento tão triste, pareceu animar-se de repente.

- Quereis fazer-me companhia, senhora?

- Se não vos incomodo...

- Ao Corsário Negro, senhora?!... A vida é rude no mar, e tais distrações raras vezes se gozam. Mas vós, se os meus olhos se não iludem, deveis ter um motivo secreto para vos deterdes aqui.

- Talvez seja assim...

- Falai. A tristeza que há pouco me tinha invadido dissipou-se...

- Dizei-me, cavaleiro; é verdade que deixastes o vosso pais para vir cumprir uma terrível vingança?

- É verdade, senhora; e acrescentarei que não terei descanso na terra, nem no mar, enquanto a não tiver cumprido.

- Assim tanto odiais esse homem?

- Tanto... tanto, que para o matar daria todo o meu sangue...

- Mas... que vos fez ele?

- Destruiu a minha familia, senhora; e eu, há duas noites, proferi um juramento terrível e cumpri-lo-ei, ainda que haja de correr o mundo inteiro e escavar as entranhas da terra para alcançar o meu mortal inimigo e todos aqueles que tenham a desventura de usar o seu nome.

- E esse homem está aqui na América?

- Numa cidade do grande golfo.

- Mas, o seu nome? - perguntou a duquesa com extrema ansiedade. - Posso acaso conhecê-lo?

O Corsário Negro, em vez de responder, fitou-a de frente.

- Tendes empenho em o saber? - perguntou, após alguns momentos de silêncio. - Vós não pertenceis ao curso, e seria talvez um perigo o dizer-vos-lo.

- Oh!, meu amigo!... - exclamou ela, empalidecendo.

O Corsário Negro sacudiu a cabeça, como se quisesse afugentar um pensamento importuno, depois ergueu-se subitamente e pondo-se a passear com agitação, disse:

- É tarde, senhora. É necessário voltar para o vosso navio.

Virou-se para o negro, que estava imóvel diante da porta, e perguntou-lhe:

- O escaler está pronto?
- Sim, patrão - respondeu o africano.
- Quem o tripula?
- O compadre branco e o seu amigo.
- Vinde, senhora.

A flamenga tinha lançado a larga manta de seda pela cabeça e erguera-se. O Corsário Negro ofereceu-lhe o braço sem pronunciar palavra e conduziu-a ao convés. Porém, durante esses poucos passos, parou duas vezes a contemplá-la.

- Adeus, senhora - disse-lhe, quando chegaram próximo da escada.

Ela estendeu-lhe a pequenina mão e estremeceu, sentindo tremer a mão dele na sua.

- Obrigada pela vossa hospitalidade - murmurou ela.

Ele inclinou-se em silêncio e apontou para Carmaux e Wan Stiller, que a esperavam ao fundo da escada.

A duquesa desceu, seguida da mulata, mas quando chegou ao último degrau ergueu a cabeça e viu em cima o Corsário Negro debruçado na amurada.

Saltou para o escaler e sentou-se à ré, ao lado da mulata, enquanto Carmaux e Wan Stiller tomavam os remos.

Em poucas remadas o escaler encostava ao flanco do navio espanhol, o qual navegava lentamente na esteira do Relâmpago, puxado a reboque.

A dama flamenga, chegada a bordo, em vez de se dirigir para a câmara, subiu ao castelo da proa e olhou atentamente para o navio corsário.

À popa, perto do leme, à luz da Lua, viu recortar-se nitidamente a negra figura do Corsário Negro.

ENCANTOS MISTERIOSOS

O Relâmpago navegava lentamente na direcção da costa de São Domingos e de lá meteu-se pelo amplo canal que existe entre aquela ilha e a de Cuba.

Embaraçado pela forte corrente do Golfo, o barco avançava muito a custo. O tempo mantinha-se sereno; se assim não fora, ter-se-ia visto obrigado a abandonar à fúria das ondas a grande presa que tão caro lhe custara, visto que os furacões se desencadeiam nos mares das Antilhas de modo terrível.

O Relâmpago navegava placidamente sobre aquelas águas de esmeralda, tão transparentes que deixavam distinguir à profundidade de cem braças o leito alvissimo do golfo, matizado de corais.

No meio daquela nitida transparência viam-se peixes extravagantes cruzar-se em todas as direcções, brincando, perseguindo-se e devorando-se.

Dois dias depois da tomada do navio, tendo-se levantado um vento mais forte e muitíssimo favorável, o Relâmpago aventurava-se naquele trato de mar compreendido entre a Jamaica e a ponta ocidental do Haiti, dirigindo-se velozmente para as costas de Cuba.

O Corsário Negro, depois de ter permanecido quase sempre fechado no seu camarote, ao ouvir o piloto anunciar as altas montanhas da Jamaica, subira ao convés.

Mas estava ainda dominado por aquela inquietação que o acometera na mesma noite em que tinha recebido a visita da juvenil duquesa.

Não parava um momento. Passeava nervosamente pelo bailéu, sem dizer uma palavra.

Demorou meia hora na ponte, observando de quando em quando, mas distraído, as montanhas da Jamaica, que se desenhavam com nitidez no horizonte; depois desceu à tolda, recomeçando o seu passeio entre o mastro do traquete e o mastro grande, com as amplas abas do seu chapéu bem caídas para a testa.

Subitamente, como se tivesse sido assaltado por algum pensamento e obedecesse a uma tentação irresistível, subiu de novo à ponte e tornou a descer ao castelo de popa, parando ao pé da amurada.

Os seus olhos fixaram-se na proa do navio espanhol, distante apenas uns metros, tanto quanto era o comprimento do cabo que o trazia a reboque.

Estremeceu e fez menção de retirar-se, mas logo parou, enquanto o seu rosto, muito carregado, se iluminava e a sua palidez se mudava numa cor levemente rosada.

Avistara na popa do navio espanhol uma forma branca apoiada na amurada. Era a jovem flamenga, envolta num roupão branco e com os louros cabelos caídos em desalinho e que a brisa marítima de momentos a momentos fazia flutuar.

Tinha o rosto voltado para o navio e os olhos fitos no Corsário Negro.

Mantinha-se numa imobilidade absoluta.

O Corsário Negro não fizera qualquer gesto, nem um leve cumprimento. Agarrara-se à amurada com ambas as mãos, como se temesse ser arrancado dali.

Parecia estar fascinado por aqueles olhos cintilantes.

Semelhante encanto, estranho num homem como ele, durou um momento apenas.

Como se se tivesse arrependido de se deixar vencer pelos olhos da donzela, desprendeceu-se repentinamente e recuou um passo. Olhou para o timoneiro, que estava a dois passos, depois para o mar, e seguidamente para o velame do seu navio, e então de novo para a branca figura, recuando agora sem poder desfitá-la.

Esta não se tinha movido.

O capitão do Relâmpago recuava sempre, como se não tivesse forças para fugir àquela fascinação. Tornara-se mais pálido que nunca.

Chegado à extremidade do castelo de popa, desceu para o tombadilho, onde parou alguns momentos; depois, sempre recuando, foi bater de encontro a Morgan, que acabava o seu quarto de vigia.

- Desculpai-me! - disse com modo embaraçado, enquanto um rápido rubor lhe coloria as faces.

- Observais também a cor do Sol, senhor? - perguntou o imediato.

- Que tem o Sol?

- Reparai...

O Corsário Negro ergueu os olhos e viu que o Sol, pouco antes refulgente, tomara uma cor avermelhada que fazia lembrar uma chapa de ferro incandescente.

Voltou-se para os montes da Jamaica e viu os seus cumes recortarem-se com mais nitidez no fundo do céu, como se fossem iluminados por uma luz bem mais viva do que antes.

Uma certa inquietação se manifestou logo no rosto do Corsário Negro e o seu olhar voltou-se para o navio espanhol, detendo-se na jovem flamenga, a qual ainda se conservava no mesmo sitio.

- Teremos um furacão - disse depois com voz abafada.

- Tudo indica, senhor - respondeu Morgan. - Não sentis este cheiro nauseante que se ergue do mar?

- Sinto, e vejo também que o ar começa a turvar-se. São estes os indícios dos tremendos furacões que se desencadeiam nas Antilhas.

- É exacto, capitão.

- Teremos de perder a nossa presa?

- Quereis um conselho, senhor?

- Dizei, Morgan.

- Fazei passar metade da nossa tripulação para o navio espanhol

- Parece-me que tendes razão. Penalizar-me-ia, pela minha gente, que aquela magnífica nau fosse parar ao fundo do Oceano.

- E a duquesa, quereis deixá-la ficar lá?

- A dama flamenga!... - disse o Corsário Negro, enrugando a fronte.

- Estará melhor no nosso Relâmpago do que ali.

- Sentiríeis que fosse a pique? - perguntou o capitão, voltando-se para Morgan e fitando-o.

- Penso que essa duquesa pode valer alguns milhares de piastras.

- Ah, sim, é verdade! Terá de pagar o resgate.

- Quereis que a mande passar para bordo do Relâmpago, antes que as vagas o impeçam?

O Corsário Negro não respondeu. Tinha-se posto a passear pela ponte como se estivesse preocupado.

Assim continuou alguns minutos, até que, parando subitamente diante de Morgan, lhe perguntou de chofre:

- Acreditas que há mulheres fatais?

- Que quereis dizer? - perguntou o imediato, com espanto.

- Serias capaz de amar sem receio uma mulher?

- Porque não?

- Julgas que seja mais perigosa uma mulher formosa do que uma abordagem sangrenta?

- Algumas vezes, será; mas sabeis, comandante, o que dizem os corsários e os bucaneiros da ilha das Tartarugas, antes de escolher companheira entre as mulheres que os governos da França e da Inglaterra mandam para aqui à busca de marido?

- Nunca me preocupei com os casamentos dos nossos homens.

- Pois dizem, palavras textuais: "... Do que fizeste até aqui, mulher, não quero saber e absolvo-te, mas terás de dar-me contas do que fizeres de ora avante", e batem no cano da sua espingarda, acrescentando: "Aqui está quem me vingará, e se tu errares, repara bem, esta não costuma errar...".

O Corsário Negro encolheu os ombros, dizendo:

- Eu referia-me a mulheres bem diferentes dessas que os governos do ultramar expedem para cá pela força.

Parou um momento, e depois, indicando a jovem duquesa, continuou:

- Que dizes daquela donzela?

- Que é uma das mais belas criaturas que se têm visto nestes mares das Grandes Antilhas.

- Não vos faria medo?

- Quem? Aquela dama ... Por certo que não.

- Pois a mim, faz.

- A vós? àquele que se chama o Corsário Negro? Estais caçoando, comandante?

- Não - respondeu o Corsário Negro. - Leio às vezes no meu destino; demais, uma cigana do meu pais prognosticou-me que a primeira mulher que eu amasse me seria fatal.

- Mau agoiro, capitão!

- E que dirias, se eu acrescentasse que essa cigana predisse, acerca dos meus três irmãos, que um morreria num assalto, em virtude de uma triste traição, e que os outros dois seriam enforcados? Sabes, tão bem como eu, que tudo isso se realizou.

- E vós...

- Que morreria no mar, longe da minha pátria, por causa de uma mulher.

- Por Deus! - exclamou Morgan, estremecendo. - Mas essa cigana pode ter-se enganado a respeito do quarto irmão.

- Não! - respondeu o Corsário Negro com voz lúgubre.

Meneou a cabeça, ficou um momento pensativo, e depois acrescentou:

- Pois seja!

Desceu do castelo da popa, foi à proa, onde tinha visto o africano a conversar com Carmaux e Wan Stiller e disse-lhes:

- Arreiem o escaler grande. Tragam para aqui a duquesa e todos que a acompanham.

Enquanto os dois corsários e o africano se apressavam a obedecer, escolhia Morgan trinta marinheiros para os mandar de reforço aos que já estavam no navio de linha, prevendo que muito breve seria preciso cortar o cabo de reboque.

Um quarto de hora depois, Carmaux e os seus companheiros estavam de volta. A duquesa flamenga, as duas criadas e os dois pajens subiram para bordo do Relâmpago, em cuja escada os aguardava o Corsário Negro.

- Tendes alguma comunicação urgente a fazer-me, meu amigo? - perguntou a donzela, fitando-o.

- Tenho, senhora - respondeu o Corsário Negro, inclinando-se.

- E o que é?

- Que seremos obrigados a abandonar o navio à sua sorte.

- Porquê?... Somos acaso perseguidos?

- Não; é o furacão que nos ameaça e nos obrigará a cortar o cabo de reboque. Vós conheceis talvez as fúrias tremendas deste grande golfo quando o vento o açoita.

- E tendes a peito não perder a vossa prisioneira, não é verdade, cavaleiro? - disse a flamenga, sorrindo.

- O meu Relâmpago é mais seguro do que a nau.

- Obrigada pela vossa gentileza.

- Não me agradeçais, senhora - replicou o Corsário Negro, com ar meditabundo. - Talvez que este furacão seja fatal a alguém.

- Fatal! - exclamou a duquesa - E a quem?

- Ver-se-á.

- Mas porquê?

- Tudo está nas mãos do destino.

- Também temeis pelo vosso navio?

Um sorriso aflorou aos lábios do Corsário Negro.

- O meu navio pode afrontar os coriscos do céu e as iras do mar, e eu sou homem para o guiar através de uma tempestade...

- Bem sei, mas...

- É inútil insistirdes para obter mais ampla explicação, senhora. Tudo dependerá da sorte.

Apontou-lhe para a câmara de popa e, tirando o chapéu, continuou:

- Aceitai a hospitalidade que vos ofereço, senhora. Eu vou afrontar a morte e o meu destino.

Pôs o chapéu e subiu para o castelo de popa, enquanto a calmaria que até então reinava no mar se quebrava bruscamente, como se das Pequenas Antilhas viessem cem trombas de vento.

Os escaleres que transportavam para bordo da nau os trinta marinheiros que haviam regressado e a tripulação estava ocupada em içá-los nos guindastes do Relâmpago.

O Corsário Negro, que subira ao castelo da popa, onde já o precedera Morgan, pusera-se a observar o céu do lado do Levante.

Uma grande nuvem bastante escura, de bordos tintos de um vermelho afogueado, erguia-se rapidamente no horizonte, impelida sem dúvida por um vento irresistível, enquanto o Sol, quase no ocaso, escurecia cada vez mais, como se uma névoa se tivesse interposto entre os seus raios e a terra.

- No Haiti já o furacão esbraveja - disse o Corsário Negro a Morgan.

- E a esta hora as Pequenas Antilhas estão talvez devastadas - acrescentou o imediato. - Dentro de uma hora também este mar estará medonho.

- Que farias no meu caso?

- Buscaria um refúgio na Jamaica.

- O meu Relâmpago fugir do furacão! - exclamou o Corsário Negro com altivez. - Oh! Nunca!...

- Mas bem sabeis, senhor, como são formidáveis os furacões das Antilhas.

- Sei, e afrontá-los-ei. Será o navio de linha que irá buscar salvamento naquelas costas, mas não o meu Relâmpago. Quem comanda os nossos homens a bordo da nau?

- O mestre Wan Horn.

- Um valente que virá a ser um famoso corsário.

Sabe sair das dificuldades sem perder a presa.

Desceu do castelo da popa, segurando na mão um porta-voz e, subindo à amurada, bradou com voz trovejante:

- Cortai o cabo de reboque!... Eh, mestre Wan Horn, metei para a Jamaica!... Esperamos nas Tartarugas!

- Está bem, comandante - replicou o mestre, que estava à proa da nau esperando ordens.

Armou-se de uma machada, e de um só golpe cortou o cabo de reboque, e depois, voltando-se para os seus marinheiros, bradou, tirando o chapéu:

- À graça de Deus!

A nau virou de bordo, afastando-se para a Jamaica, enquanto o Relâmpago se internava audazmente entre as costas do Haiti e as

de Cuba, no chamado canal de Barlavento.

O furacão avizinhava-se célere. A calma fora quebrada por furiosos pés-de-vento, que vinham da banda das Pequenas Antilhas, enquanto as vagas se avolumavam rapidamente, assumindo um aspecto pavoroso.

Parecia que o fundo do mar havia entrado em ebulição, pois se viam formar à superfície como que sorvedoiros espumantes, enquanto enormes colunas de água se erguiam e caíam com grande fragor.

O Corsário Negro, sempre sereno, não parecia preocupar-se com o furacão. Seguia com os olhos a nau, que se via capear no meio das ondas e que estava prestes a sumir-se no fosco horizonte, em direcção à Jamaica.

Quando a nau desapareceu, subiu ao castelo de popa e afastou o piloto, dizendo:

- Dá-me o leme!... Quero eu mesmo governar o meu Relâmpago!

O FURACÃO

Uma medonha tempestade varria o mar com fúria irresistível. Rajadas tremendas sucediam-se com rugidos apavorantes, fazendo crepitar o velame e chegando a vergar a sólida mastreação.

Ouviu-se no espaço um fragor estranho, que recrudescia de momento para momento.

O mar tornara-se horrendo.

O Relâmpago, com o velame reduzido às mínimas proporções, aceitara valorosamente a luta.

Navegava com desespero, mergulhando às vezes a extremidade das velas na espuma, mas os seus flancos poderosos não cediam ao embate formidável das vagas.

Em volta, e mesmo na tolda, caíam ramos de árvores, frutos de todas as espécies, canas-de-açúcar e montões de folhas que redemoinhavam, arrebatadas dos bosques e das plantações da próxima ilha do Haiti, enquanto verdadeiros borbotões de água se despenhavam ruidosamente sobre o convés.

Não tardou que à noite tenebrosa sucedesse uma noite de fogo. Relâmpagos deslumbrantes rasgavam as trevas, iluminando as águas e a nau com uma luz livida, enquanto entre as nuvens estalavam tremendos trovões.

O furacão tocava então o auge da intensidade.

O vento adquirira uma velocidade fulminante, e rugia, levantando verdadeiras trombas-d'água, que depois tombavam vertiginosamente.

O Corsário Negro, erecto na popa, de mão no leme, governava-o com firmeza.

A sua negra figura destacava-se em meio dos relâmpagos, assumindo algumas vezes proporções fantásticas.

Parecia um génio do mar, emergido dos abismos do grande golfo para medir as próprias forças com as da Natureza desenfreada.

Uma mulher tinha saído da câmara e subiu para o castelo, agarrando-se ao corrimão da escada com suprema energia, a fim de não ser derrubada pelos desordenados balanços do navio.

Vinha envolvida num pesado vestido de fazenda grossa, mas trazia a cabeça descoberta, e o vento fazia-lhe flutuar os soberbos cabelos loiros.

- Senhora! - bradou o Corsário Negro, que logo reconheceu a jovem flamenga. - Não vedes que aqui vos ameaça a morte?

A duquesa não respondeu, fez-lhe um gesto que parecia querer dizer: "Não tenho medo.", - Retirai-vos, senhora - disse o Corsário Negro, que se tornara mais pálido que de costume.

Em vez de obedecer, a corajosa flamenga subiu para o castelo, atravessou-o, segurando-se à corda do varandim,

e resguardou-se entre a amurada e a popa do escaler grande, que tinha sido arriado para obstar a que as ondas o levassem.

O Corsário Negro fez um sinal para que se retirasse, mas ela replicou com um gesto negativo.

- Mas aqui espera-vos a morte! - repetiu-lhe ele. - Voltai para a câmara, senhora! Estar aqui é perigoso!

- Não! - retorquiu a flamenga.

- Mas que vindes aqui fazer?

- Admirar o Corsário Negro.

- E fazer-vos levar pelas ondas.

- Que vos importa isso?

- Mas eu não quero a vossa morte, compreendeis, senhora! - bradou o famoso corsário num tom de voz que pela primeira vez se sentia vibrar num impeto apaixonado.

A duquesa sorria, mas não se moveu. Agachada naquele recanto, com as mãos agarradas à volta do seu pesado vestido, de cabelos ao vento, deixava-se banhar pela água que irrompia no castelo, sem despregar os olhos do Corsário Negro.

Este, compreendendo que tudo seria baldado, e talvez contente de ver tão perto aquela corajosa donzela que subira até ali, afrontando a morte, para admirar a sua audácia, não lhe repetiu a ordem de abandonar o castelo. Quando o furacão cedia ao navio um momento de tréguas, voltava os olhos para a duquesa e, involuntariamente, sorria. Por certo se admiravam um ao outro.

Todas as vezes que a observava, logo os seus olhos se encontravam com os dela, que tinham adquirido uma imobilidade quase vitrea, como nessa manhã, quando ela estivera na proa da nau espanhola.

Mas aqueles olhos, de que irradiava uma fascinação misteriosa, produziram no Corsário Negro uma perturbação que ele não compreendia. Até mesmo quando não a contemplava sentia que ela não o perdia de vista um só instante e experimentava o desejo irresistível de voltar a cabeça para aquele canto do navio.

Houve até um momento, em que as ondas investiam mais impetuosamente contra o Relâmpago, em que ele teve medo daquele olhar, pois que bradou:

- Não me olheis assim, senhora!... Jogamos a vida!

Aquela inexplicável fascinação cessou depressa. A duquesa cerrou os olhos e baixou a cabeça, cobrindo o rosto com as mãos.

O Relâmpago estava então perto das praias do Haiti. A claridade dos relâmpagos tinha delineado elevadas costas flanqueadas, de perigosos escolhos, de encontro aos quais podia despedaçar-se o navio.

A voz do Corsário Negro ecoou logo no meio dos rugidos das ondas e do vento.

- Uma vela nova no traquete!... Larga cutelos!...

Atentos a virar!

Toda a noite o navio corsário lutou desesperadamente contra a tempestade, conseguindo transpor o canal de Barlavento e desembocar naquele trato de mar compreendido entre as Grandes Antilhas e a ilha Bahama.

Ao alvorecer, quando o vento virara ao norte, o Relâmpago estava quase em frente do Cabo haitiano.

O Corsário Negro que devia estar extenuado daquela longa luta, e que tinha o fato alagado, quando pôde lobrigar o pequeno farol da cidade do Cabo entregou a cana do leme a Morgan, dirigiu-se depois para o escaler grande, ao pé da popa, próximo do qual ainda estava agachada a jovem flamenga, e disse-lhe:

- Vinde, senhora. Também eu vos admirei e creio que nenhuma mulher teria afrontado a morte como vós, para ver o meu Relâmpago lutar com o furacão.

A duquesa erguera-se, sacudindo a água que lhe ensopava o vestido e os cabelos. Olhou fixamente o corsário, sorrindo, e disse-lhe:

- Pode ser que nenhuma outra mulher tivesse ousado subir ao convés; mas eu posso orgulhar-me de ter visto o Corsário Negro governar o seu navio no meio de um dos mais terríveis furacões, e admirei a sua coragem e a sua audácia.

O Corsário Negro não respondeu. Estava diante dela, observando-a com olhos ardentes, enquanto um véu de tristeza lhe cobria a fronte.

- Sois valorosa - murmurou, mas tão brandamente que só ela o poderia ouvir.

E, suspirando, acrescentou:

- Pena é que a triste profecia da cigana faça de vós uma mulher fatal.

- De que profecia quereis falar?... - perguntou a duquesa, com espanto.

O Corsário Negro, em vez de responder, murmurou:

- São loucuras!

- Sois supersticioso?

- Talvez... as profecias realizam-se algumas vezes!

Contemplou as ondas que vinham quebrar-se contra os flancos do navio com rugidos cavos, e mostrando-as à sua interlocutora, disse em tom triste:

- Perguntai a eles, se podeis... Ambos eram belos, moços, fortes e audazes, e ambos dormem sob aquelas ondas, no fundo do mar. A fúnebre sina cumpriu-se, e talvez se cumpra também a minha, porque sinto que aqui, no coração, se ergue uma chama gigantesca,

sem que eu possa apagá-la. Seja!... Cumpra-se o Destino se assim está escrito: o mar não me apavora e onde repousam meus irmãos também eu poderei descansar... mas mais tarde... quando o traidor me houver precedido.

Ergueu os ombros, fez com ambas as mãos um gesto de ameaça, depois desceu do castelo, deixando a duquesa atônita com aquelas palavras que não podia compreender.

Três dias depois, quando o mar já acalmara, o Relâmpago, impelido por ventos de feição, chegava à vista da ilha das Tartarugas, o formidável ninho dos corsários do grande golfo.

NA ILHA DAS TARTARUGAS

Quando o Relâmpago ancorou em porto seguro, para lá do estreito canal que o punha a coberto de qualquer surpresa da parte das esquadras espanholas, os corsários estavam em plena festa.

Em frente ao cais, sob vastas tendas e à sombra fresca das palmeiras, aqueles terríveis bandidos banquetearam-se alegremente, consumindo o seu quinhão do último saque.

Tigres no mar, esses homens tornavam-se em terra os mais alegres habitantes das Antilhas, e, coisa realmente estranha, talvez até os mais corteses, pois que não deixavam de convidar para suas festas os espanhóis a quem tinham aprisionado com a esperança de resgates, e até as prisioneiras, para com as quais se comportavam como verdadeiros fidalgos, desfazendo-se em amabilidades, a ponto de fazer-lhes esquecer a sua triste condição.

Dissemos triste, porque se os resgates exigidos não chegavam, recorriam frequentemente a meios cruéis para os obter, mandando aos governadores espanhóis a cabeça de algum prisioneiro para o constranger a apressar-se.

Quando o Relâmpago ancorou, todos aqueles corsários interromperam o banquete, as danças e os jogos, para saudar com ruidosos vivas o regresso do Corsário Negro, que entre eles gozava de uma popularidade talvez igual à do famoso Olonês.

Ninguém desconhecera a sua audaciosa empresa para arrancar ao governador de Maracaibo o pobre Corsário Vermelho, morto ou vivo, e conhecendo por experiência a sua coragem chegaram a ter a ilusória esperança de os ver regressar ambos.

Mas vendo descer a meia haste a bandeira negra, sinal de luto, todas aquelas ruidosas manifestações cessaram como por encanto;

depois, aqueles homens juntaram-se silenciosamente no cais, ansiosos por notícias dos dois corsários e da expedição.

O cavaleiro da Rocha Negra, do alto do tombadilho, vira tudo. Chamou Morgan, que fazia arriar alguns escaleres, e disse-lhe, apontando para os homens reunidos na praia:

- Ide dizer-lhes que o Corsário Vermelho teve honrosa sepultura nas águas do grande golfo, mas que seu irmão voltou vivo para preparar a vingança...

Interrompeu-se por alguns momentos; depois, mudando de tom

- Mandareis avisar o Olonês de que esta noite irei ter com ele; depois irei levar os meus cumprimentos ao governador. Mais tarde me avistarei com ele.

Dito isto, desceu à câmara onde estava a duquesa.

- Senhora, está um escaler preparado para vos conduzir a terra.

- Estou pronta para obedecer, cavaleiro - respondeu ela. - Sou vossa prisioneira e não me oporei às vossas ordens.

- Não, senhora, já não sois prisioneira.

- E porquê?... Ainda não paguei o meu resgate.

- Já foi entregue no cofre da tripulação.

- Por quem?... - perguntou a duquesa, muito admirada. - Eu ainda não preveni o marquês de Herédia, nem o governador de Maracaibo da minha prisão.

- É verdade, mas alguém se encarregou de pagar o vosso resgate - respondeu o Corsário Negro, sorrindo.

- Vós, talvez?...

- Pois bem; e se tivesse sido eu?

A duquesa ficou um pouco silenciosa; depois disse com voz comovida:

- É uma generosidade que eu não esperava encontrar entre os corsários das Tartarugas, mas que não me surpreende se quem a praticou se chama o Corsário Negro.

- E porquê, senhora?

- Porque vós sois bem diferente dos outros. Nestes poucos dias que passei a bordo deste navio, tive ocasião de poder apreciar a gentileza e a generosidade do cavaleiro da Rocha Negra. Rogo-vos,

em todo o caso, que me informeis em quanto foi fixado o meu resgate.

- Tendes urgência em saldar o vosso débito? Tendes pressa de retirar-vos da ilha das Tartarugas?

- Não, enganais-vos; e quando for chegado o momento de abandonar esta ilha, talvez tal me custe mais do que podereis imaginar; guardarei uma viva gratidão ao Corsário Negro e talvez nunca mais o olvide.

- Senhora!... - exclamou o capitão, enquanto um fulgor lhe iluminava os olhos.

Tinha dado um passo rápido para a donzela, mas logo se deteve, dizendo tristemente:

- Talvez que então eu me tenha feito o mais desapiedado inimigo dos vossos amigos, fazendo nascer no vosso coração uma profunda aversão.

Deu uma volta a passos agitados; depois, parando repentinamente, perguntou-lhe à queima-roupa:

- Conheceis o governador de Maracaibo?

A duquesa, ao ouvir aquelas palavras, estremeceu, depois empalideceu.

- Conheço - respondeu com voz trémula. - Porque me fazeis essa pergunta?

- Suponde que a fiz por mera curiosidade! Mas que tendes, senhora? - perguntou o Corsário Negro. - Estais pálida e agitada?

Em vez de responder, a donzela tornou a perguntar com maior veemência:

- Mas, porquê essa pergunta?

O Corsário Negro ia responder quando se ouviram passos na escada. Era Morgan que descia à câmara.

- Comandante - disse ele, entrando -, Pedro Nau espera-vos em sua casa, para fazer-vos comunicações urgentes. Durante a vossa ausência estudou os vossos

projectos e tudo está pronto para a expedição.

- Ah! - exclamou o Corsário Negro, enquanto sinistro lampejo lhe fulminava nos olhos. - Já?... Não cuidei que a vingança fosse tão rápida.

Voltou-se para a duquesa, que parecia ainda dominada por estranha agitação, dizendo-lhe:

- Senhora, consenti que vos ofereça hospitalidade na minha casa, que ponho inteiramente à vossa disposição. Moko, Carmaux e Wan Stiller conduzir-vos-ão até lá e ficarão às vossas ordens.

- Mas... cavaleiro... ainda uma palavra...

- Sim... do resgate falaremos mais tarde.

Depois, sem prestar mais atenção à duquesa, saiu apressadamente, seguido de Morgan, atravessou o convés e desceu a um escaler tripulado por seis marinheiros.

Sentou-se à popa, tomando a cana do leme, mas em vez de dirigir a embarcação para o cais, onde os corsários tinham reatado as orgias, meteu a proa para uma pequena enseada a este do porto, que estava resguardada por um bosque de palmeiras.

Desembarcando aí, deu ordem aos seus homens para voltarem para bordo e meteu por meio das plantas, tomando um atalho quase invisível.

Já se tinha internado bastante no bosque, quando uma voz alegre o arrancou às suas meditações:

- Que os caraibas me comam se eu não tinha a certeza de vos encontrar, cavaleiro. Acaso a alegria que reina nas Tartarugas te causa medo, para que venhas a minha casa tomando por atalhos?

O Corsário Negro erguera vivamente a cabeça, enquanto levava a mão direita às guardas da espada.

Um homem um tanto baixo, vigoroso, de feições rudes, olhar penetrante, vestido de simples marinheiro e armado de um par de pistolas e de uma machada de abordagem, saíra de um grupo de bananeiras, embargando-lhe o passo.

- Ah, és tu, Pedro?

- O Olonês, em carne e osso.

Aquele homem era efectivamente o famoso corsário, o mais formidável bandido do mar e o mais desapiedado inimigo dos espanhóis; naquela época teria trinta e cinco anos, mas já era célebre.

Natural de Olonne, no Poitou, França, tinha sido marinheiro contrabandista nas costas de Espanha. Surpreendido uma noite

pelos guardas aduaneiros, perdera o barco; seu irmão fora morto e ele próprio tinha ficado gravemente ferido.

Curado, mas caído da mais atroz miséria, vendera-se como escravo a Montbars, o exterminador, por quarenta escudos, a fim de socorrer sua velha mãe.

Primeiramente trabalhara como bucaneiro na qualidade de engajado, ou seja, de servo; depois passara a corsário, e tendo demonstrado possuir uma coragem excepcional e uma força de vontade extraordinária, pudera finalmente obter do governador da ilha das Tartarugas um pequeno navio.

Com esse barco, aquele homem audaz operara prodígios, protegido pelos três corsários, o Negro, o Vermelho e o Verde.

Mas um dia fatal, atirado por uma tempestade para costas de Campeche, naufragara quase à vista dos espanhóis. Todos os seus companheiros tinham sido trucidados, mas ele conseguira salvar-se enterrando-se até ao pescoço no lodo de uma savana.

Tendo saído ainda vivo daquele pântano, em vez de fugir, ainda teve a audácia de se aproximar de Campeche, vestido de soldado espanhol, entrar na povoação para a estudar melhor e, arranjando alguns escravos, com um barco roubado, regressar à ilha das Tartarugas, onde todos o julgavam morto.

Outro qualquer talvez se abstinisse de tentar novamente fortuna, mas, ao contrário, o Olonês apressara-se a voltar para o mar, somente com duas pequenas embarcações, e logo se dirigiu com vinte e oito homens a Los Cayos de Cuba, praça que a esse tempo era bastante comercial.

Alguns pescadores espanhóis, sabedores da sua presença, avisaram o governador da praça, o qual mandou contra os dois naviozitos corsários uma fragata tripulada por noventa homens e quatro navios menores com tripulações valentes, e um negro que devia encarregar-se do enforcamento dos corsários.

Em presença de tanta força, não se amedrontou o Olonês. Esperou o romper da madrugada, abordou dos dois lados a fragata com os seus vinte e oito homens, não obstante o valor desesperado dos espanhóis, subiu à abordagem e trucidou todos, inclusive o negro. Feito isto, avançou contra os outros quatro navios e

assaltou-os, atirando depois à água os tripulantes. Tal era o homem com quem ia entender-se o Corsário Negro.

- Vem a minha casa - disse o Olonês, depois de ter apertado a mão do comandante do Relâmpago. - Esperava com impaciência o teu regresso.

- E eu estava também impaciente por ver-te - disse o Corsário Negro. - Sabes que entrei em Maracaibo?

- Tu? - exclamou o Olonês, assombrado.

- E como querias tu que eu roubasse o cadáver de meu irmão?

- Julguei que te servisses de intermediários.

- Não; bem sabes que prefiro fazer as coisas por minhas mãos.

- Toma tento, não vá a tua audácia custar-te a vida. Viste como acabaram teus irmãos?

- Cala-te, Pedro.

- Oh! Mas havemos de vingá-los, e breve!

- Decidiste-te, finalmente? - perguntou o Corsário Negro com animação.

- Fiz mais. Preparei a expedição.

- É certo o que me dizes?

- Pela minha fé de ladrão, como me chamam os espanhóis - disse o Olonês, rindo.

- De quantos navios dispões?

- De oito navios, incluindo o teu Relâmpago, e de seiscentos homens entre corsários e bucaneiros. Nós comandaremos os primeiros e Miguel Vascongado comandará os segundos.

- Vem também o Vascongado?

- Pediu-me para fazer parte da expedição e eu apressei-me a aceitá-lo. Como sabes, é militar, tem combatido nos exércitos europeus, e é rico.

- Precisas de dinheiro?

- Gastei todo o que tinha colhido no último navio tomado em Maracaibo, ao voltar de Los Cayos.

- Conta de minha parte com dez mil piastras.

- Pelas areias de Olonne!... Tens alguma mina?

- Dar-te-ia mais se não tivesse pago esta manhã avultado resgate.

- Um resgate!... Tu!... E por quem?
- Por uma ilustre dama que me caiu nas mãos. O resgate pertencia à minha tripulação e paguei-o eu.
- Quem é ela?... Alguma espanhola?
- Não; uma duquesa flamenga, que, no entanto, é aparentada com certo governador de Vera Cruz.
- Flamenga! - exclamou o Olonês, que se tornara pensativo. - O teu mortal inimigo também é flamengo.
- E que queres tu concluir daí? - perguntou o Corsário Negro, que empalidecera.
- Pensava que poderia ser parente de Wan Guld.
- Queira Deus que não! - exclamou com voz quase trémula. - Não... não é possível!
- O Olonês parara e pusera-se a observar atentamente o companheiro.
- Porque me olhas assim? - perguntou este.
- Pensava na tua duquesa flamenga e perguntava a mim mesmo qual será o motivo da tua repentina agitação. Sabes que estás lívido.
- Essa suspeita fez-me afluir todo o sangue ao coração.
- Que suspeita?
- Que ela pudesse ser parente de Wan Guld.
- E que te importaria a ti se o fosse?
- Jurei exterminar todos os Wan Guld e todos os seus parentes.
- Pois bem; matar-se-ia a duquesa, e...
- Ela!... Oh, não!... - exclamou com terror.
- Quer dizer que amas a tua prisioneira.
- Cala-te, Pedro!
- Calar?... Acaso será vergonha amar uma mulher?
- Não, mas, instintivamente, sinto que essa criatura me será funesta, Pedro.
- Nesse caso, abandona-a ao seu destino.
- É demasiado tarde.
- Ama-la muito?
- Loucamente!
- E ela ama-te?

- Creio que sim.

- Um belo par, por minha fé!... O senhor da Rocha Negra só podia apaixonar-se por uma fidalga!... Ora bem, vamos beber um copo à saúde da tua duquesa!

A habitação do Olonês era uma modesta vivenda de madeira, construída grosseiramente, com tecto coberto de folhas secas, mas bastante cómoda e mobilada com certo luxo

Estava situada a milha e meia da cidade, à beira do bosque

O Olonês introduziu o Corsário Negro numa sala do rés-do-chão, fê-lo sentar numa grande cadeira de bambu, depois mandou vir por um dos seus engajados algumas garrafas de vinho de Espanha, e abriu uma, enchendo dois grandes copos.

- À tua saúde, cavaleiro, e aos olhos da tua dama!

- Prefiro que bebas ao feliz êxito da nossa expedição - respondeu o Corsário Negro.

- Vingará plenamente, meu amigo, e prometo entregar-te o assassino de teus dois irmãos.

- Dos três, Pedro.

- Oh! Oh! - exclamou o Olonês. - Eu sei, como o sabem todos os corsários, que Wan Guld matou o Corsário Verde e o Vermelho; mas ignorava que houvesse terceira vítima.

- Três, sim - repetiu o Corsário Negro, com expressão terrível.

- E vive ainda esse homem?...

- Mas morrerá breve, Pedro.

- Assim o espero e estou pronto para te ajudar com todas as minhas forças. Mas, antes de tudo mais, vejamos: conheces bem esse Wan Guld?...

- Conheço-o melhor do que os espanhóis que ele serve.

- Que homem é?

- Um velho militar que combateu longo tempo na Flandres e que tem um dos nomes mais ilustres da nobreza flamenga. Foi homem de grande valor e talvez pudesse acrescentar outros títulos ao que usa, se o ouro espanhol não tivesse feito dele um traidor.

- É velho?

- Deverá ter uns cinquenta anos. Mas parece que ainda tem fibra dura. Diz-se que é o governador mais valoroso que a Espanha tem

nestas colónias. É astuto como uma raposa, enérgico e corajoso.

- Nesse caso devemos contar com uma resistência desesperada em Maracaibo.

- Certamente, Pedro. Mas quem poderá resistir ao assalto de seiscentos piratas?... Tu bem sabes quanto valem os nossos homens.

- Pelas areias de Olonne! Eu bem sei como se bateram os vinte e oito homens que afrontaram comigo a esquadra de Los Cayos. Além disso, tu já conheces Maracaibo, e deves saber qual será o lado fraco da praça.

- Eu te guiarei.

- E a tua bela flamenga?

- Decerto estará à minha espera - disse o Corsário Negro, com um sorriso.

- Onde a hospedaste?

- Na minha vivenda.

- E para onde vais, se a tua casa está ocupada?

- Ficarei contigo.

- Ora aqui está uma felicidade com que eu não contava. Assim, combinaremos a expedição, juntamente com Vascongado, que vem cear comigo.

- Obrigado, Pedro. Partiremos, não?

- Amanhã de madrugada. Está completa a tua tripulação?

- Faltam-me setenta homens, porque me vi na necessidade de mandar trinta para o navio espanhol capturado ao pé de Maracaibo e perdi quarenta no combate.

- Embora!... Será fácil encontrar outros tantos. Todos ambicionam navegar contigo e tripular o teu Relâmpago.

- Sim, enquanto eu goze a fama de ser um demónio do mar.

- Pelas areias do Olonne!... És sempre tétrico como um fantasma!... Mas por certo o não és com a tua duquesa.

- Talvez - replicou, dirigindo-se para a porta.

- Já te vais embora?... - perguntou o Olonês.

- Vou, tenho alguns negócios a resolver; mas ainda esta noite, talvez um pouco tarde, aqui estarei. Adeus, Pedro; até logo.

- Adeus, e tem cuidado com os olhos da flamenga!

A VIVENDA DO CORSÁRIO NEGRO

O Corsário Negro, sempre absorto nos seus pensamentos, apressou o passo, como se estivesse impaciente por chegar a algum local.

Meia hora depois parava na orla de uma plantação de canas altas, de cor amarelo-avermelhada, que, sob os raios do Sol, prestes a cair no ocaso, tinham reflexos purpurinos.

O Corsário Negro parou um momento, depois atravessou aquele trato de terreno cultivado e tornou a parar do outro lado, em frente de uma graciosa habitação.

Era uma casinha de dois andares, pintada de vermelho, adornada de azulejos, de telhado coberto por um grande terraço cheio de vasos com flores.

Diante da porta de entrada estava sentado Moko, o gigante africano, fumando cachimbo.

O Corsário Negro ficou um momento imóvel, observando primeiro as janelas, depois o terraço; a seguir, dirigiu-se ao africano, que rapidamente se erguera.

- Onde estão Carmaux e Wan Stiller?
- Foram ao porto saber se havia algumas ordens.
- Que faz a duquesa?
- Está no jardim.
- Sozinha?...
- Com as suas criadas e os pajens.
- Que está fazendo?
- Preparando a mesa para vós.
- Para mim? - perguntou o Corsário Negro, enquanto o rosto se lhe alegrava.

- Tinha a certeza de que virieis cear com ela.
- Realmente, esperavam-me noutro lugar, mas prefiro a minha casa e a sua companhia.

Transpôs a porta, metendo por uma espécie de corredor, e saiu pelo outro lado da casa, entrando num jardim espaçoso, cercado de muros. O Corsário Negro aproximou-se, sem fazer ruído, de uma espécie de cabana formada por uma enorme cuieira.

O Corsário Negro parou a pequena distância, observando através da folhagem; debaixo daquele pitoresco retiro estava preparada uma mesa coberta com uma alva toalha de linho da Flandres.

Grandes ramos de flores tinham sido dispostos em volta de dois candelabros e à volta de pirâmides de frutos delicados.

A duquesa estava ajeitando as flores e os frutos, ajudada pelas duas mulatas. Ostentava um vestido azul-celeste, com rendas de Bruxelas, que fazia sobressair a alvura da pele e o loiro dos cabelos.

O Corsário Negro detivera-se a contemplá-la. Os seus olhos, animados de uma viva chama, observavam-na atentamente, seguindo-lhe os mais pequenos movimentos.

Parecia que o tinha deslumbrado aquela singular beleza, pois quase não ousava respirar.

A donzela flamenga, ouvindo ligeiro ruído, voltou-se.

Um leve rubor lhe tingiu logo as faces, enquanto os lábios desabrochavam num sorriso.

- Ah!, sois vós, meu amigo!...

Depois, enquanto o Corsário Negro tirava delicadamente o chapéu, acrescentou:

- Já vos esperava...

- Esperáveis-me?... - perguntou o Corsário Negro, depondo um beijo na mão que ela estendia.

- Bem o vedes, cavaleiro. Aqui tendes um pedaço de peixe-boi, aves e peixes que só esperam que os comam. Eu própria dirigi o cozinhado, sabeis?

- Vós, duquesa?

- E de que vos admirais?... As mulheres flamengas costumam preparar por suas próprias mãos as refeições para os seus hóspedes...

- E esperáveis-me?

- Sim. . .

- Senhora - disse o Corsário Negro -, eu tinha dito a um dos meus amigos que me esperasse para a ceia; mas, viva Deus! Pode esperar-me enquanto queira, porque não renunciarei ao prazer de ceiar convosco. Quem sabe! Talvez seja a última vez que nos vejamos.

- Que dizeis? - voltou a donzela, estremecendo. - Acaso o Corsário Negro tem pressa de voltar para o mar?... Acaba de regressar de uma audaciosa expedição e já quer correr em busca de novas aventuras?... Não sabe, então, que no mar pode esperá-lo a morte?

- Sei, senhora; mas o Destino impele-me para longe, e irei.

- E nada poderá deter-vos?

- Nada, senhora - respondeu ele, tristemente.

- Nenhum afecto?

- Nenhum.

- Nenhuma amizade? - insistiu a donzela com crescente ansiedade.

O Corsário Negro ofereceu à donzela uma cadeira e disse:

- Sentai-vos, senhora; a ceia esfriará e penalizar-me-ia não fazer as honras a estes acepipes preparados por vossas formosas mãos.

Sentaram-se em frente um do outro, enquanto as duas mulatas começaram a servir. O Corsário Negro tornara-se amabilíssimo, e enquanto comia, ia falando com espírito e gentileza.

A juvenil flamenga escutava-o, sorrindo. Parecia, no entanto, preocupada por um constante pensamento, porque, respondendo-lhe, voltava sempre ao assunto da sua expedição.

Já tinha anoitecido havia duas horas quando o Corsário Negro se levantou. Só naquele instante se tinha lembrado de que o Olonês e o Vascongado o esperavam e que antes da alvorada devia completar a tripulação do Relâmpago.

- Como o tempo voa junto de vós, senhora - disse. - Que misteriosa fascinação possúis, para me fazer esquecer que ainda tenho graves negócios a concluir?... Cuidava que apenas fossem oito horas e já são dez.

- Creio que terá sido o prazer de descansar um pouco em vossa casa, depois de tantas fadigas no mar, cavaleiro - disse a duquesa.

- Ou antes os vossos belos olhos e a vossa agradabilíssima companhia.

- Em tal caso, terá sido a vossa companhia que me terá feito passar estas horas deliciosas... e quem sabe se outras gozaremos ainda, juntos, neste poético jardim, longe do mar e dos homens?...

- acrescentou ela com profunda amargura.

- Muitas vezes a guerra mata, mas algumas vezes a fortuna poupa.

- A guerra! E o mar, não contaís com ele? O vosso Relâmpago nem sempre vencerá as vagas.

- O meu navio não teme as procelas, quando sou eu que o governo.

- Visto isso, voltareis breve para o mar?

- Amanhã, de madrugada, senhora.

- Dir-se-ia que a terra vos causa horror.

- Eu amo o mar, duquesa, e, depois, não será aqui que eu poderei encontrar o meu mortal inimigo.

- Tende-lo sempre fixo no pensamento?

- Sempre! E esse pensamento só se extinguirá com a minha vida.

- É para ir combatê-lo que partis?

- Talvez.

- E ireis?... - perguntou a donzela com uma ansiedade que não passou despercebida ao Corsário Negro.

- Não vo-lo posso dizer, senhora. Eu não posso trair os segredos dos corsários. Não devo esquecer que vós, até há poucos dias, fostes hóspeda dos espanhóis de Vera Cruz e que também tínheis conhecimentos em Maracaíbo.

A donzela flamenga encarou o Corsário Negro com uma expressão de desgosto.

- Desconfiais de mim?

- Não, senhora. Deus me livre de desconfiar de vós, mas devo respeitar as leis dos corsários.

- Magoar-me-ia muitíssimo que o Corsário Negro tivesse podido duvidar de mim. Tive ocasião de reconhecer quanto é leal e fidalgo.

- Obrigado, pela boa opinião que de mim fazeis.

Pusera o chapéu na cabeça e deitara o capote no braço; mas parecia não se decidir a retirar-se. Ficara de pé, diante da donzela, fitando-a tristemente.

- Tendes alguma coisa a dizer-me, não é verdade?

- Tenho, senhora.

- E tão grave é que estais embaraçado?

- Talvez.

- Falai.. .

- Queria perguntar-vos se na minha ausência abandonareis a ilha.

- E se assim procedesse?... - perguntou ela.

- Penalizar-me-ia muito não vos encontrar quando regressasse.

- Sim?... E porquê? - perguntou a duquesa, sorrindo e corando ao mesmo tempo.

- Não sei porquê... mas sinto que seria tão feliz se pudesse passar outra noite como esta, junto de vós... Compensar-me-ia de tantas amarguras!...

- Pois bem, se vos seria desagradável não me encontrar, confesso-vos que também eu sentiria não tornar a ver o Corsário Negro - disse a juvenil duquesa, inclinando a cabeça para o seio e cerrando os olhos.

- Nesse caso, esperar-me-eis?... - perguntou o Corsário Negro, com impeto.

- Farei mais, se mo permitirdes...

- Dizei, senhora.

- Pedir-vos-ei ainda uma vez hospitalidade a bordo do vosso Relâmpago.

O Corsário Negro tornou-se imediatamente sombrio.

- Não... É impossível - disse com firmeza.

- Acaso vos causaria estorvo?

- Não; mas não é permitido aos corsários, quando empreendem uma expedição, levar consigo alguma mulher. É certo que o

Relâmpago me pertence, que sou eu o senhor absoluto a bordo do meu navio, mas...

- Continuai - disse a duquesa, que se tornara triste.

- Não sei dizer-vos porquê, senhora, mas sinto que teria medo de vos ter a bordo do meu navio. É o pressentimento de alguma desgraça que não posso prever, ou alguma coisa pior?... Vós fizestes-me esse pedido, e o meu coração, em vez de exultar, experimentou uma dor cruel; olhai para mim: vereis que estou mais pálido que de costume...

- É verdade!... - exclamou a duquesa, com espanto. - Meu Deus! Poderá esta expedição ser-vos funesta?

- Quem pode prever o futuro?... Deixai-me partir. Neste momento sofro muito!... Adeus, senhora! E se eu tiver de perder-me nos abismos do grande golfo ou morrer com uma bala ou um ferro no peito, lembrai-vos sempre do Corsário Negro!

Fim